

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

DARICE COCCO RODRIGUES

**CORPO CONTEMPORÂNEO E SUAS REVERBERAÇÕES: A
construção da percepção sobre si de mulheres adolescentes em situação de
vulnerabilidade social utilizando Mapas Corporais Narrados.**

Santa Maria, RS

2018

Darice Cocco Rodrigues

CORPO CONTEMPORÂNEO E SUAS REVERBERAÇÕES: A construção da percepção sobre si de mulheres adolescentes em situação de vulnerabilidade social utilizando Mapas Corporais Narrados.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Terapia Ocupacional, na área de Ciências da Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Bacharel em Terapia Ocupacional**.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Andréa do Amparo Carotta de Angeli

Santa Maria, RS
2018

Darice Cocco Rodrigues

CORPO CONTEMPORÂNEO E SUAS REVERBERAÇÕES: A construção da percepção sobre si de mulheres adolescentes em situação de vulnerabilidade social utilizando Mapas Corporais Narrados.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Terapia Ocupacional, na área de Ciências da Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Bacharel em Terapia Ocupacional**.

Aprovada em 11 de julho de 2018:

**Andréa do Amparo Carotta de Angeli, Dra. UFSM
(Presidente/Orientadora)**

Bianca Gonçalves de Carrasco Bassi, Ma. UFSM

Monalisa Dias de Siqueira, Dra. UFSM

Santa Maria, RS
2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Santa Maria e ao curso de Terapia Ocupacional, que me possibilitaram o conhecimento, a permanência, a vivência em diferentes espaços, e o estabelecimento de vínculos que levarei comigo para o resto da vida.

À Associação Orquestrando Arte, por acreditar na potência da minha pesquisa e permitir a realização dela naquele espaço. À ULBRA - Santa Maria pela disponibilidade da sala utilizada para os encontros de construção do mapa corporal.

À Emmy e à Zum, por toparem estar comigo nessa experiência de pesquisar, pela confiança depositada, por dividirem as suas histórias, as suas angústias e felicidades. Pelos choros e abraços, repletos de afetos.

À minha orientadora Andréa, por aceitar me auxiliar nesse processo e por acreditar na minha capacidade quando nem eu mesma acreditava. Por saber compreender, estar disponível, acolher e incentivar. Por ter me auxiliado em processos pessoais e ter me mostrado uma forma linda de ser terapeuta e pesquisadora. Muito obrigada!

Agradeço também aos meus pais, Darci e Estelamaris, pelo amor, compreensão, apoio, suporte e incentivo depositado ao longo da vida. Aos meus irmãos, Pablo e Lívia, pela parceria sincera, apoio, incentivo e escuta dada.

À Laura, pelo amor, cuidado, auxílio e apoio. Por saber ser companheira, ter compreendido minhas ausências e me fortalecido nesse processo.

Às minhas amigas de perto e de longe. À Joice, Dara e Cissa pelo afeto, carinho e incentivo. À Raiane, pela escuta. Ao Thales e ao Jonas pelas dicas na escrita. Ao meu grupo de estágio do CAPSi pelas risadas, pela parceria do dia a dia e pelas palavras de apoio.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram na realização desse trabalho e que, de uma forma ou outra, me auxiliaram a chegar nesse momento, e a me tornar quem eu sou.

Gratidão!

“[...] Meu corpo é às vezes meu, uma vez que ele porta os traços de uma história que me é própria, de uma sensibilidade que é minha, mas ele contém, também, uma dimensão que me escapa radicalmente e que o reenvia aos simbolismos de minha sociedade”.

(ARTAUD, 2004, p.43)

RESUMO

CORPO CONTEMPORÂNEO E SUAS REVERBERAÇÕES: A construção da percepção sobre si de mulheres adolescentes em situação de vulnerabilidade social utilizando Mapas Corporais Narrados.

Autora: Darice Cocco Rodrigues

Orientadora Prof^ª. Dr^ª. Andréa do Amparo Carotta de Angeli

Este trabalho buscou estudar, a partir do percurso de duas adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social, como se dá a construção da percepção sobre si, levando em consideração o padrão de corpo contemporâneo e cartografando as linhas de força que atravessam esses corpos e influenciam na sua construção e percepção. Para melhor compreensão da temática proposta, realizou-se, inicialmente, um levantamento bibliográfico a respeito do “padrão” de corpo contemporâneo e de como ele é construído, levando em consideração o valor social que o corpo possui na contemporaneidade. Também, é apresentado o período da adolescência, sendo abordada a construção histórico-social que caracteriza esse período, as transformações que ocorrem a nível corporal, bem como a adolescência quando atravessada pela questão da vulnerabilidade social, uma vez que essa está diretamente ligada aos diferentes modos de adolecer dos sujeitos. Além disso, a adolescência também é apresentada, brevemente, sob a perspectiva de alguns autores como Vygotsky, Piaget e Winnicott, sendo utilizada como referencial neste trabalho a Teoria do Amadurecimento Pessoal, proposta pelo último autor. Dessa forma, essa pesquisa possui caráter qualitativo, e foi realizada através do método da cartografia, aliada a confecção de Mapas Corporais Narrados, uma vez que estes se configuraram como o meio para a produção cartográfica. Participaram da pesquisa duas adolescentes que frequentam a Associação Orquestrando Arte, localizada no município de Santa Maria - RS, que compreendiam a faixa etária dos 12 aos 18 anos incompletos e que se encontravam em situação de vulnerabilidade social. Diante dos encontros ocorridos na Associação Orquestrando Arte, e possibilitados pela construção do mapa corporal, foi possível desenvolver três linhas de análise, sendo uma a respeito da instituição e as restantes a respeito das adolescentes. A partir disso, pôde-se perceber como o espaço instituído da pesquisa se configurou como um local de escuta, de acolhida, de compartilhamento e de reflexão sobre si.

Palavras chaves: Adolescente, vulnerabilidade social, cartografia.

ABSTRACT

CONTEMPORARY BODY AND THIS REVERBERATIONS: The construction of the perception about yourself of adolescent women in situations of social vulnerability using Narrated Body Maps.

Author: Darice Cocco Rodrigues

Advisor: Andréa do Amparo Carotta de Angeli

The present work sought to study, based on the pathway of two teenagers who are in a situation of social vulnerability, how to build the perception about yourself, taking into consideration the contemporary body pattern, mapping lines of force that cross these bodies and influence their construction and perception. For a better understanding of the proposed topic, it was carried out a bibliographical survey about the contemporary body "pattern" and how it is constructed, taking into account the social value that the body has contemporaneousness. Also, the adolescence is introduced, and the historical-social construction that characterizes this period is discussed, the transformations that occur at the body level, as well as the adolescence when it is crossed by the issue of social vulnerability, since this is directly linked to the different ways of adolescent subjects. Furthermore, the adolescence is presented briefly from the perspective of some authors such as Vygotsky, Piaget and Winnicott, using as reference in this work the Theory of Personal Creation, proposed by Winnicott. Thus, this research has a qualitative character, and was performed through the method of cartography, allied to the making of narrated body maps, since these were configured as the medium for cartographic production. Were enrolled in the study two teenagers that attend the association called Orquestrando Arte, located in the city of Santa Maria - RS, in which comprised the age ranging from 12 to 18 years old and who were in a situation of social vulnerability. Using the meetings held in the Orquestrando Arte Association, allowed by the construction of the body map, it was possible to develop three lines of analysis, the first one regarding the institution and the others regarding the teenagers. From this, it was possible to perceive how the established space of the research was configured as a place of listening, welcoming, sharing and reflection about yourself.

Keywords: Adolescence, social vulnerability, cartography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Processo de Construção do Mapa Corporal de Emmy.....	46
FIGURA 2 - 1º Sessão de mapeamento corporal de Emmy.....	49
FIGURA 3 - 2º Sessão de Mapeamento Corporal de Emmy.....	54
FIGURA 4 - 3º Sessão de Mapeamento Corporal de Emmy.....	57
FIGURA 5 - 6º Sessão de Mapeamento Corporal de Emmy.....	63
FIGURA 6 - Processo de confecção do Mapa Corporal de Zum.....	64
FIGURA 7 - 1º Sessão de Mapeamento Corporal de Zum.....	67
FIGURA 8 - 2º Sessão de Mapeamento Corporal de Zum.....	74
FIGURA 9 - 3º Sessão de Mapeamento Corporal de Zum.....	76
FIGURA 10 - 4º Sessão de Mapeamento Corporal de Zum.....	78
FIGURA 11 - 5º Sessão de Mapeamento Corporal de Zum.....	81
FIGURA 12 - 6º Sessão de Mapeamento Corporal de Zum.....	84

SUMÁRIO

1.	AS VONTADES SE REPETEM.....	10
2.	OBJETIVOS.....	12
2.1	OBJETIVO GERAL	12
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
3.	ALGUMAS ESCOLHAS... VÁRIAS QUESTÕES... MUITAS VOLTAS.....	13
4.	PRIMEIROS ENCONTROS TEÓRICOS	22
4.1	UM CORPO NA CONTEMPORANEIDADE	22
4.2	ADOLESCÊNCIA, CORPO E VULNERABILIDADE SOCIAL.....	28
4.2.1	Uma adolescência construída	28
4.2.2	Outros corpos, novos arranjos	29
4.2.3	Outros olhares para o adolescer	33
4.2.4	Adolescência para quem?	35
5.	PRIMEIROS CONTATOS COM O CAMPO	36
5.1	ENQUADRES	36
5.2	ESPAÇO. TRANSITO. QUESTÕES!	41
6	OUTROS ENCONTROS	45
6.1	EMMY	46
6.2	ZUM.....	64
7.	O SER APRENDIZ.....	85
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
	APÊNDICE A - ROTEIRO DOS ENCONTROS	94
	APÊNDICE B - ROTEIRO PARA ENTREVISTA.....	96
	ANEXO A - MÚSICA ELAS POR ELAS (OBINRIN TRIO).....	97

1. AS VONTADES SE REPETEM...

A vontade de abordar o corpo em um trabalho surge a partir tanto de reflexões pessoais realizadas ao longo da vida e da trajetória acadêmica, quanto de uma vivência ocorrida enquanto estagiária do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria, no campo da *Terapia Ocupacional na Interface da Saúde com as Artes*.

Durante toda a minha infância, acompanhei meus familiares, principalmente do sexo feminino, realizando e utilizando os mais variados exercícios, dietas, medicamentos e tudo mais que as auxiliassem a perder peso e a ficarem com os corpos mais “bonitos”. Já na minha adolescência, influenciada pelo que via constantemente na família e na televisão, acabei por me utilizar desses meios também, uma vez que almejava meu corpo mais magro, pois entendia que assim eu ficaria mais “bonita” e teria mais sucesso pessoal.

Assim, por alguns momentos, tive o corpo numa forma muito diferente da que tenho hoje. Aquela forma que eu possuía me motivava a querer cada vez fazer mais, para tornar o meu corpo cada vez mais semelhante aos corpos que eu via na televisão, pois eu acreditava que era possível compartilhar daquela forma. Além disso, o ato de sustentar uma forma mais magra de corpo demonstrava, simbolicamente, que eu tinha tanto o controle do meu corpo, quanto força para resistir as minhas vontades.

Porém, no momento em que comecei a frequentar o ensino superior, conheci várias pessoas e movimentos que me auxiliaram a compreender que o corpo vendido pela mídia é inalcançável para a maioria das pessoas. E que esse corpo também, na grande maioria das vezes, inexistente, pois é modificado por fotógrafos e produtores que se utilizam de variados meios em busca da perfeição. Logo, com o tempo, consegui conceber meu corpo de outra forma, com suas belezas naturais e marcas que contam sobre quem eu sou e sobre as minhas vivências.

Em seguida, no momento em que fui estagiária do campo *Terapia Ocupacional na Interface da Saúde com as Artes*, atuei na Associação Orquestrando Arte¹ participando de um grupo de convivência para adolescentes, o qual se configurava por ser aberto, e onde eram abordados temas referentes a esse período da vida. Em um dos primeiros encontros, conheci uma aluna, de 13 anos, que, durante uma conversa, relatou que sentia inveja das suas primas,

¹ A Associação Orquestrando Arte é uma instituição sem fins lucrativos que oferece oficinas de canto Coral, música, dança e teatro à crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, no município de Santa Maria.

pois, além de elas conseguirem dar conta dos problemas que possuíam, eram muito bonitas. Em seguida, afirmou que se pudesse, clarearia a sua pele, alisaria o seu cabelo, arrumaria seus dentes, afinaria o seu nariz, diminuiria a grossura das suas coxas e de seus braços.... Enquanto ela falava, eu pensava no quão violento aquilo era, uma vez que ela preferia trocar literalmente de corpo e abrir mão da sua história, para ter outro corpo, o corpo vendido pela mídia, como apontava as suas vontades de modificações.

Passado esse encontro, a fala da aluna permaneceu viva em mim, e me instigou a buscar entender como as mulheres adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social constroem uma concepção sobre si mesma, já que são bombardeadas cotidianamente com imagens de corpos que na maioria das vezes destoam muito dos seus, a começar pelo tom de pele, cor dos olhos e dos cabelos... Soma-se a isso, o fato de se encontrarem em situação de vulnerabilidade social, uma vez que, por estarem nessa condição, possuem dificuldades no acesso aos dispositivos utilizados para a construção do corpo, se comparadas às mulheres que não se encontram nessa condição.

Logo, esse se tornou o objetivo da minha pesquisa, que possui caráter qualitativo e que foi desenvolvida por meio da cartografia, buscando acompanhar os processos e reconhecer os signos, forças e linhas que influenciam na construção e na subjetividade dos sujeitos. Como meio para a produção cartográfica, foram utilizados Mapas Corporais Narrados, os quais foram confeccionados a partir de meus seis encontros com cada uma das duas jovens da Associação Orquestrando Arte, localizada no município de Santa Maria.

Os encontros ocorreram em uma sala cedida pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), local onde se localiza a Associação Orquestrando Arte, e foram registrados na forma de gravação, imagens e por meio da construção de um diário de campo, sendo que, o último, me possibilitou a compreensão sobre a minha própria implicação no processo da pesquisa.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Refletir a partir do percurso de duas adolescentes que se encontravam em situação de vulnerabilidade social como se dá a construção da percepção de si, por meio de um mapa corporal narrado, levando em consideração o padrão de corpo contemporâneo.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar por meio de levantamento bibliográfico as discussões presentes sobre o padrão de corpo contemporâneo;
- Refletir sobre a influência do “padrão” de corpo contemporâneo na construção da percepção sobre si duas mulheres adolescentes em situação de vulnerabilidade social;
- Refletir sobre as possíveis contribuições da Terapia Ocupacional no que tange a uma apropriação de si para as mulheres adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social.

3. ALGUMAS ESCOLHAS... VÁRIAS QUESTÕES... MUITAS VOLTAS...

É no trabalho sobre as linhas², no qual estão em jogo as metamorfoses da vida, que a cartografia se faz” (OLIVEIRA, PARAÍSO, 2012, p. 159). Logo, buscando entender como as linhas presentes na sociedade – expressas nos corpos-sujeitos – contemporânea influenciam na percepção sobre si de mulheres adolescentes em situação de vulnerabilidade social, elegeu-se a cartografia como método de pesquisa, a qual se configura por ser de natureza qualitativa.

De acordo com Costa (2014) e Kastrup (2009) o método foi formulado pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, onde o conceito, inicialmente retirado da geografia, foi transposto para os campos da filosofia, política e subjetividade, rompendo com os tradicionais métodos de fazer ciência, pois além de não separar o cientista do objeto científico, não estabelece um caminho linear para atingir um fim, valorizando os intervalos e interstícios presentes nos processos e reconhecendo-os como potencialmente formadores e criadores da realidade.

Assim,

“[...] a cartografia se propõe a acompanhar processos inventivos e de produção de subjetividades, desenhando a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu desenvolvimento permanente, não isolando o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo” (BARROS, KASTRUP, 2009, p.57).

A cartografia não pressupõe, também, um protocolo normalizado, o que faz com que o cartógrafo-pesquisador não saiba de antemão os caminhos a serem percorridos e, diante disso, adote uma postura que se permita experimentar o seu pensamento, estando, ainda suficientemente poroso, aberto, para captar as microssensibilidades que se instauram nas zonas fronteiriças, nos espaços mais improváveis, nos montículos de vida que se fazem nos cantos, naquele que o próprio espaço costuma refugar ou avaliar enquanto não importante, já que a pesquisa cartográfica “ganha corpo através da força dos encontros gerados, nas dobras produzidas na medida em que habita e percorre os territórios” (COSTA, 2014, p. 67), ou seja, no *entre*.

Dessa forma, a pesquisa foi realizada aliando a cartografia ao processo de confecção de Mapas Corporais Narrados (*body-map storytelling*), os quais, segundo Gastaldo *et al*

² Para Deleuze, as linhas são os elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos, e, fazer cartografia, se torna, então, a arte de construir um mapa sempre inacabado, aberto, composto de diferentes linhas, conectáveis, desmontáveis, reversíveis, suscetíveis de receber modificações constantemente (DELEUZE, 1992); (DELEUZE, GUATTARI, 1996).

(2012) trazem a história de vida dos participantes da pesquisa através de meios visuais e orais combinados, podendo ser amplamente definidos como imagens de tamanho real do corpo humano, realizados utilizando desenhos, pinturas, ou outras formas de arte, onde são representados visualmente aspectos da vida das pessoas, seus corpos e o mundo onde vivem, levando em consideração os processos sociais, políticos e econômicos, além das experiências absorvidas pelos indivíduos e dos significados atribuídos às suas circunstâncias de vida, os quais reverberaram na construção da sua forma.

Outros autores como Silva, Barrientos e Espinoza-Tapia (2013 tradução livre)³, complementam afirmando que,

“[...] o modelo proposto de mapas corporais na pesquisa biográfica não procura favorecer um processo ou intervenção diagnóstica, pelo contrário, estimula o surgimento de significados e discursos incorporados em um corpo protagonista da biografia do sujeito. Seus procedimentos procuram articular o conhecimento em uma co-construção de escrita, história oral e gráfica autobiográfica, com o qual uma geografia da experiência corporal é elaborada a partir de relações interpessoais com figuras significativas e auto-análise das experiências que emergem dos níveis intrapsíquicos relacionadas com os estágios socioculturais e afetivos onde ocorreram os eventos selecionados” (SILVA, BARRIENTOS, ESPINOZA-TAPIA, 2013, p.166).

Assim, o objetivo da análise dos mapas corporais, segundo Gastaldo, Magalhães e Carrasco (2013), “não é avaliar os participantes, mas sim, obter *insights* sobre certos aspectos de sua trajetória, aspirações, desejos, circunstâncias materiais e maneiras de lidar com questões específicas” (GASTALDO, MAGALHÃES E CARRASCO, 2013, p.96).

Dessa forma, os mapas corporais se caracterizaram como um meio para a produção da cartografia, pois, através deles foram construídos meus encontros com a instituição e as adolescentes – sendo possíveis, a partir desses, acompanhar os processos singulares de cada uma das participantes, compreendendo, através das suas narrativas e dos símbolos-significados neles colocados, as linhas duras e de fuga que se expressam em seus corpos e em suas subjetividades, produzindo, assim, a cartografia.

No percurso da pesquisa, os mapas corporais também foram utilizados como uma estratégia para produzir a reflexão e a percepção sobre si, pois, como afirma uma das

³ Citação original em espanhol: “[...] el modelo propuesto de mapas corporales en la investigación biográfica no se busca favorecer un proceso diagnóstico ni de intervención, por el contrario, se estimula la emergencia de significados y discursos encarnados en un cuerpo protagonista de la biografía del sujeto. Sus procedimientos buscan articular saberes en una co-construcción de escritura, relato oral y gráfica autobiográfica con las que se elabora una geografía de la experiencia corporal a partir de relaciones interpersonales con figuras significativas y autoanálisis de experiencias que emergen desde los niveles intrapsíquicos en trama dos escenarios socioculturales y afectivos donde ocurrieron los eventos seleccionados” (SILVA, BARRIENTOS, ESPINOZA-TAPIA, 2013, p. 166) Tradução livre da autora.

participantes “tem coisas que eu percebi em mim que eu nunca tinha percebido antes... **com o...** é... que eu nunca tinha percebido assim, antes de fazer o mapa” (6ª Sessão de Mapeamento Corporal com Emmy – dia 16/05/2018).

Assim, com as possibilidades geradas pela utilização dos mapas corporais, bem como, diante dos agenciamentos conceituais e afectos que foram produzidos em meu corpo a partir desses encontros, a escrita foi sendo produzida. Saliento que foi necessário deixar-se contaminar pelas cenas e por tudo o que estava presente nela, construindo, para isso, um corpo sensível, disponível aos encontros e aberto aos afectos, à acolhida e escuta, à construção, ao compartilhamento, ao entendimento, e que, ao mesmo tempo, sustentasse os atravessamentos disparados pelas questões trazidas pelas adolescentes e as dificuldades vivenciadas no decorrer da pesquisa.

Dessa forma, como parte dos procedimentos de pesquisa foi necessária a obtenção do Termo de Autorização Institucional, disponibilizado pela Associação Orquestrando Arte após a leitura do projeto e dos esclarecimentos das questões pertinentes a este, o que permitiu que os próximos passos da pesquisa ocorressem naquela instituição e com aquelas alunas. Já num segundo momento, após a aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria (CEPE/UFSM) sob CAAE 83517918.0.0000.5346, foi apresentada a pesquisa para os adolescentes que se enquadravam nos critérios pré-estabelecidos, os quais eram: ser do sexo feminino, compreender a faixa etária dos 12 anos 18 anos incompletos, participar da Associação Orquestrando Arte e estar em condição de vulnerabilidade social.

Como a instituição recebe todos os anos novos alunos, em conversa com a coordenadora do local ficou acordado que o melhor dia e horário para essa apresentação seria numa quarta-feira à tarde, visto que é um dos dias em que mais alunos estão presentes no local, devido a reformulação da dinâmica institucional ocorrida na passagem do ano de 2017 para 2018. Assim, no dia estabelecido, estavam presentes na associação vinte e sete pessoas que correspondiam aos critérios de inclusão, e para as quais a pesquisa foi apresentada. A apresentação se deu em formato de roda de conversa, sendo explicados detalhadamente os objetivos da pesquisa, os procedimentos que seriam realizados, os riscos e benefícios. A partir dessa, treze adolescentes demonstraram interesse em participar.

No processo de produção da pesquisa, novos elementos surgiram, e trouxeram consigo a necessidade de refletir sobre os critérios de inclusão e seleção anteriormente estabelecidos, uma vez que se fez presente a questão da deficiência e do sofrimento psíquico grave. Da

mesma forma, viu-se a necessidade de construir um novo olhar para a vulnerabilidade social, visto que esta condição estava diretamente relacionada ao critério de seleção das participantes.

Também, nesse processo inicial de encontro com as adolescentes, um dos primeiros movimentos ocorridos foi o de conhecê-las através dos relatos institucionais, os quais se baseavam em informações referentes à idade, identificação do responsável, telefone para contato, renda declarada pela família e número de integrantes que compunham a residência da aluna. Enquanto tomava- conhecimento sobre esses dados, fui questionada pela coordenadora do projeto sobre como eu selecionaria a participante, e, diante deste, percebi que os dados que eu tinha sobre elas, os quais foram disponibilizados pela instituição, tornavam meu critério de seleção anteriormente estabelecido incompleto, pois tratavam somente da questão de renda econômica do grupo familiar da adolescente. Assim, foi necessário também, nesse processo de pesquisa, ampliar o olhar para a vulnerabilidade social, voltando em alguns conceitos, e compreendendo que estar em condição de vulnerabilidade social não diz somente a questão de renda econômica e/ou à inserção ao mundo do trabalho, mesmo estando diretamente ligada a este fator.

Dessa forma, a vulnerabilidade se produz, para Castel (1994) diante da conjunção precariedade do trabalho e fragilidade do vínculo social, sendo que a precariedade do trabalho atinge principalmente os jovens e se caracteriza por diversos fatores como desemprego, formas precárias de trabalho – contratos com duração determinada, estágios e substitutos temporários -, rotatividade de mão-de-obra, remuneração não condizente, entre outros, o que faz com que o ato de possuir um contrato com duração indeterminada se torne mais importante para as pessoas, já que, “tais contratos estão de acordo com direitos sociais importantes e com uma cobertura social consequente, uma vez que representam, ao mesmo tempo, segurança em relação ao tempo e aos principais riscos sociais” (CASTEL, 1994, p.35). O mesmo autor salienta ainda que, “uma condição salarial forte desempenha um papel integrador fundamental na sociedade e assegura a proteção dos indivíduos contra os riscos sociais maiores” (CASTEL, 1994, p. 38), produzindo um efeito direto ao vetor da inserção relacional, o qual se fragilizou a partir do momento em que se iniciaram, nos últimos anos, as transformações ocorridas na estrutura familiar⁴ e que implicaram diretamente nas “amplas redes de sociabilidade, de suportes afetivos cruzados e eventualmente de ajuda econômica” (CASTEL, 1994, p. 40) que a família, por ora, propiciava, aliados a uma dificuldade de

⁴ Pode-se citar como exemplos, de acordo com Castel (1994) a diminuição dos números de matrimônios e da taxa de fecundidade e conseqüentemente, o aumento dos casos de divórcios, concubinatos, famílias monoparentais, casas com uma só pessoa, dispersão espacial das famílias conjugais e o êxodo juvenil.

“habitar os espaços e de partilhar valores comuns sobre a base de uma unidade de condição” (CASTEL, 1994, p. 42), sendo este, caracterizado como um vetor cultural.

Sendo assim, a vulnerabilidade se caracteriza “na fragilização de uma ou outra linha, em diferentes graus” (ANGELI, 2014, p.72), onde, para o sujeito estar integrado, “precisaria ter uma boa rede de sociabilidade e trocas afetivas que o sustentasse em diferentes situações de fragilização, assim como, um pertencimento ao mercado de trabalho” (ANGELI, 2014, p.72).

Diante disso, me questionei: Como selecionar uma participante diante das informações acessadas? Como isso implicaria na complexidade da vulnerabilidade social?

Logo, percebendo que os dados que tive acesso, via instituição, não compreendiam a vulnerabilidade social com todos os seus fatores, me deparei com uma necessidade de rever os critérios de seleção anteriormente estabelecidos, me questionando a respeito do modo como selecionaria as adolescentes, levando em consideração os dados que tive acesso. Assim, pensei na possibilidade de elencar, primeiramente, as interessadas que possuíssem maior idade e menor renda familiar declarada, pois essas podem vir a ter maiores vivências pessoais e sociais e maior tempo de contato com os meios de comunicação, levando em consideração, ainda, a renda econômica, que pressupõe uma dificuldade e disparidade de acesso aos meios utilizados para a construção do corpo, se comparadas às pessoas que apresentam uma melhor condição econômica.

Após estabelecer uma ordem de classificação, seguindo os novos critérios, e realizar os primeiros contatos telefônicos, sendo que muitos deles foram sem sucesso, deu-se início aos encontros, os quais foram realizados num primeiro momento com a adolescente interessada e seu responsável, com o objetivo de explicar sobre a pesquisa e obter o consentimento e autorização dos responsáveis, através da assinatura do TCLE e do Termo de Assentimento.

Um desses encontros, narrado pela cena abaixo, me convocou a refletir sobre o número de participantes, e sobre a potencialidade da pesquisa, pois,

“Após o contato telefônico com a responsável pela adolescente, combinamos de nos encontrar em um sábado à tarde, na praça de alimentação do “Santa Maria Shopping”, visto que era um local que ficava bom, tanto para a adolescente e sua mãe, quanto para mim. Eu cheguei ao local antecipadamente, e me sentei em uma das várias mesas que haviam disponíveis naquele local... O cheiro de comida ainda se fazia presente no espaço, e várias pessoas ainda almoçavam, mesmo o horário já sendo avançado do meio-dia... Fiquei aguardando a adolescente e sua responsável, junto dos vários papéis que tratavam da autorização para participar da pesquisa. Já era passado do horário combinado quando elas apontaram em um lado oposto ao que eu estava no salão. A adolescente me reconheceu e veio ao meu encontro.

Convidei-as para sentar, me apresentando e perguntando como elas estavam. A mãe sentou-se à minha frente, e a sua filha, ao meu lado... Em seguida, voltada para a adolescente, questionei se ela havia comentado algo com sua mãe sobre a pesquisa, pois, dependendo, eu aproveitaria o “gancho” para dar início à explicação. A adolescente, então, relata que sim, mas a mãe, ao mesmo tempo, relata que não... Esse movimento me causou um estranhamento... mesmo assim, deixei-o de lado e dei início à explicação sobre a pesquisa... Iniciei contando sobre os objetivos, e num primeiro movimento, a mãe pede à adolescente que vá comprar uma água com gás... Eu me questiono: Como assim? Será que a mãe precisa me falar algo em particular e que essa é uma forma de tirar a filha da conversa? Ou, será que ela acha que a presença da filha não é importante? Ao mesmo tempo, assumo a conduta de parar a explicação, à espera da volta da adolescente, pois entendo que esse espaço é para ambas e que as duas precisam ouvir o que eu tenho para dizer...

A mãe não relata nada, a adolescente volta, e eu retorno a falar... Explico sobre os procedimentos, e, então, outro movimento: o celular da mãe toca!... Ela me pede licença e o atende... Novamente, paro a explicação, e retorno quando a ligação é desligada, relatando que, caso seja observado, no decorrer da pesquisa, a necessidade de algum atendimento, a participante, essa será encaminhada para as profissionais da instituição. Após informar isso, a adolescente volta-se para mim e questiona: Sério? Que massa! Imediatamente penso que talvez ela possua uma necessidade de ser escutada... Continuamos conversando, e no momento em que damos início à assinatura dos termos, outro movimento: a mãe inicia uma conversa paralela com uma conhecida que estava sentada em uma mesa próxima, e, em seguida, tenta apresentar a filha para essa senhora, porém, a filha não demonstra interesse algum em deixar a atenção ao nosso encontro de lado... Espero a mãe retornar a atenção à nós, finalizo o encontro e vou para casa, me questionando: qual o lugar que essa adolescente ocupa na família? Será que a mãe veio somente para cumprir uma vontade da filha? Como será a relação da família? “Ainda, com uma sensação de que ela precisava ser escutada e acolhida...”.

Diante disso, me coloquei a pensar no quanto a pesquisa poderia se configurar como um espaço para escutá-la e para acolhê-la, mesmo diante do curto tempo planejado para a execução... o que tornaria a pesquisa também intervenção, o que estaria de acordo com os supostos da cartografia. Assim,

“[...] tomei a decisão de realizar a pesquisa com duas participantes, por perceber que talvez ela não tenha um lugar... não tenha voz e vez... necessita ser escutada... e também por entender que talvez esse seja um espaço muito potente para ela, bem como, por compreender que a vulnerabilidade social não diz respeito somente à condição econômica, mas sim a várias outras questões” (DIÁRIO DE CAMPO-anotações de 07/04/2018).

Dessa forma, o número de participantes anteriormente estabelecidos para a pesquisa acabou sendo modificado, passando a ser realizadas com duas adolescentes, ambas autorizadas pelos pais através da assinatura do TCLE e do Termo de Assentimento.

Também, no encontro realizado com a Associação para apresentar a pesquisa e obter o Termo de Autorização Institucional, foi informado à coordenadora a necessidade de uma sala para realização dos encontros de confecção do Mapa Corporal, sendo colocada, pela Associação, a possibilidade de a mesma ser no andar de cima da instituição. Porém, no

momento em que entrei em contato, informando sobre o início dos encontros, e salientando a necessidade da sala, a coordenadora informou-me que todas as salas disponibilizadas pela ULBRA à Associação já estavam ocupadas, relatando que, provavelmente, seria me disponibilizado uma sala de estudo individual, localizada ao entorno do salão, a qual será apresentada no decorrer dessa escrita.

Diante dessa colocação, e, como relato em meu diário de campo,

“[...] fiquei refletindo a respeito das salas de aula e da possibilidade ou não de realizar os encontros, pois, como serão gravados, se eu utilizasse a sala mencionada pela coordenadora, seria impossível eu conseguir ouvir os áudios, visto que a orquestra ensaia ao lado. Ainda, pela sala possuir uma parede com vidros, e alguns alunos estudarem com seus instrumentos ao lado, essas pessoas acompanhariam o encontro, o que não seria nem ético com o participante, nem confortável” (DIÁRIO DE CAMPO, anotações de 11.04.2018)

Com a presença desses fatores e, levando em consideração todos os aspectos éticos que foram acordados com as adolescentes, discuti em orientação um *como* possível, um modo em que os encontros fossem realizados e que os aspectos éticos fossem garantidos. Assim, uma das sugestões encontradas foi a de dialogar com a ULBRA sobre a possibilidade de empréstimo de uma sala para além das já disponibilizadas para a Associação.

Assim, em conversa com a ULBRA, a necessidade foi acolhida e disponibilizada a sala de número 202, localizada no segundo andar da instituição, durante o período em que se realizaram os encontros. Deste modo, ficaram garantidas a privacidade e sigilo das informações das adolescentes e a produção dos dados da pesquisa.

No processo seguiram-se os encontros para a construção do mapa (roteiro em anexo), sendo as atividades previstas para serem desenvolvidas no decorrer de cinco encontros. Porém, durante a assinatura do TCLE e do Termo de Assentimento, ambas as adolescentes optaram por realizar a entrevista junto do primeiro encontro, o que pressupôs que a pesquisa ocorreria em quatro encontros, mas, levando em consideração o tempo necessário para elaboração de cada participante e as questões trazidas nos encontros e que precisaram de atenção, estes acabaram ocorrendo em um número maior do que o planejado anteriormente.

Salienta-se, ainda, que os encontros ocorreram semanalmente no turno em que as adolescentes estavam na Associação, de forma individual, com duração aproximada de uma hora, sendo gravados e transcritos, além de serem fotografados no processo de confecção do Mapa Corporal.

Dessa forma, com Emmy⁵, foram realizados seis encontros, sendo as ações realizadas em cada um deles descritas a seguir.

No primeiro encontro foi possível realizar todas as atividades previstas, sendo elas, a entrevista, a explicação sobre a metodologia dos Mapas Corporais Narrados, o desenho do corpo no papel, o traçado do corpo, além de explicar sobre a tarefa de casa, a qual foi abordada no encontro seguinte.

No segundo, foi possível retomar a tarefa de casa, a qual consistia em na criação de um símbolo e slogan pessoal, além de abordar, junto de Emmy, o tema das marcas tanto físicas quanto emocionais. Também, foi explicada sobre a atividade do autorretrato, bem como, a atividade para casa, que consistia em pensar numa mensagem para passar às outras pessoas.

No terceiro, foram realizadas as atividades do autorretrato e da mensagem aos outros, bem como, a análise corporal para pontos fortes e dificuldades, e a identificação sobre as estruturas de suporte, sendo que, no quarto encontro, foi retomada a atividade do autorretrato, visto que a imagem realizada no encontro anterior não havia contemplado a forma como Emmy gostaria de se representar.

Já no quinto, foi abordada a atividade denominada desenhando o futuro, e no sexto, foi realizada a atividade denominada narrativa do participante, onde Emmy contou sua história, em poucas palavras, através dos elementos que havia colocado em seu mapa

Com Zum⁶ também foram realizados seis encontros, sendo que, no primeiro, foi possível realizar a entrevista, além de explicar sobre a metodologia dos Mapas Corporais Narrados e realizar o traçado do corpo no papel, não sendo possível terminar o contorno do traçado. Também, foi explicado sobre a tarefa de casa, a qual consistia na criação de um símbolo e um slogan pessoal, que seria abordada no próximo encontro.

Já no segundo encontro, foi possível terminar o contorno do traço no papel, e, como Zum não havia realizado a tarefa de casa, foi disponibilizado um tempo para pensar em um símbolo e um slogan pessoal, sendo colocado o slogan em seu mapa. No que tange ao terceiro, foi possível realizar a atividade do símbolo pessoal, sendo as demais atividades – de autorretrato, análise das marcas acima e abaixo da pele e a mensagem aos outros – propostas como tarefa de casa.

⁵ Refere-se ao modo como uma das adolescentes participantes quis ser apresentada na pesquisa, sendo este questionamento levado no processo da pesquisa e durante a realização dos encontros.

⁶ Refere-se ao modo como a outra adolescente participante quis ser apresentada na pesquisa.

No quarto encontro, foi possível realizar a atividade do autorretrato e da mensagem aos outros. E, no quinto, foi possível abordar as marcas físicas e emocionais trazidas por Zum, bem como, realizar a análise corporal para pontos fortes ou dificuldades, além de refletir sobre suas estruturas de suporte e suas aspirações futuras.

No sexto, e último encontro, Zum realizou a sua narrativa pessoal, após observar o mapa e os elementos que colocou nele, além de realizar alguns acabamentos na mensagem que deixou para as outras pessoas.

Durante o processo dos encontros com Zum, algumas questões apareceram como um atestado médico devido à caxumba e um trabalho escolar que precisou ser realizado no mesmo dia e horário estabelecido para os nossos encontros. Dessa forma, as atividades previstas para os respectivos encontros foram realizadas na semana seguinte, ou então, em outro dia da semana, sendo acordado entre nós duas e a instituição.

4. PRIMEIROS ENCONTROS TEÓRICOS

4.1 UM CORPO NA CONTEMPORANEIDADE

Para se chegar à concepção de corpo feminino que se tem atualmente, e compreender o lugar que o corpo ocupa na sociedade, torna-se necessário entender como ele se modificou ao longo do tempo, levando em consideração os fatores que influenciaram direta e indiretamente nesse processo.

Nesse cenário, a cultura possui uma influência direta, uma vez que, como afirmam Santos e Gomes (2013), a relação do homem com o corpo varia de cultura para cultura. Isso se torna evidente quando Sant'Anna (2004) relata que há muito tempo as mulheres são consideradas seres passivos, submetidos ao destino da fecundidade, pois, na Grécia Antiga, por exemplo, a moral dos gregos resultava de uma sociedade essencialmente viril, na qual a mulher, ser passivo por natureza e por estatuto, assim como o escravo, deveria se manter sob a proteção e dominação de um homem. Assim, pode-se perceber que há muito tempo o corpo feminino é regulado, seja através da dominação pelo homem, como na Grécia Antiga, seja através do dito “padrão de corpo” existente na sociedade contemporânea.

Diante disso, para Del Priore (2000) “o corpo feminino se caracteriza como um produto social, cultural e histórico, que nossa sociedade fragmentou e recompôs, regulando seus usos, normas e funções” (DEL PRIORE, 2000, p. 9), onde, esses processos - de fragmentação, recomposição e regulação - ocorridos nos últimos anos impactaram diretamente nos modos de existência das mulheres contemporâneas.

Partindo desse pressuposto, Ortega (2003) assinala que, enquanto que nas ascetes da Antiguidade o *self* almejado pelas práticas de si representavam, frequentemente, um desafio aos modos de existência prescritos, uma forma de resistência cultural, uma vontade de demarcação, de singularização, de alteridade, percebe-se na maioria das práticas contemporâneas chamadas de bioascese⁷, uma vontade de uniformidade, de adaptação à norma, e de constituição de modos de existência conformistas e egoístas, visando a procura da saúde e do corpo perfeito.

Em contrapartida, Del Priore, citada por Freire (2011) diz que, atualmente, a preocupação com a beleza supera a com a saúde, pois, do direito à saúde, passou-se à

⁷ Segundo Santos e Gomes (2013), a bioascese se relaciona a uma vontade de uniformidade e de enquadramento nas normas de aparência corporal propostas pela sociedade de consumo (SANTOS, GOMES, 2013, p.32).

obrigação de sermos magras, belas e jovens para sermos felizes. Podemos perceber isso com o passar dos anos e com as modificações corporais vivenciadas pelas mulheres, uma vez que, como afirma Del Priore (2000)

“Nos últimos anos, a mulher brasileira viveu diversas transformações físicas. Viu ser introduzida a higiene corporal, [...] acompanhou a invenção do batom, [...] do desodorante, [...] cortou os cabelos *à la garçonne* [...]. O aprofundamento dos decotes levou-a a aderir à depilação. O espartilho [...] diminuiu e se transformou em *soutien* [...]. Manter a linha tornou-se um culto. A magreza ativa foi a resposta do século à gordura passiva da *belle époque*”(DEL PRIORE, 2000, p. 9).

Diferentemente dos últimos anos, na contemporaneidade a imagem do corpo feminino perfeito e ideal é retratada por Campos *et al* (2016) como aquele em que as mulheres são “magras, enquadradas perfeitamente aos padrões do que é considerado bonito na cultura contemporânea, com cabelos perfeitamente alinhados, ausência de qualquer marca na pele, alternando expressões de felicidade e sensualidade, brancas, famosas e bem-sucedidas” (CAMPOS *et al*, 2016, p. 619). Ferraz e Campos (2014) complementam afirmando que o corpo ideal “[...] é aquele mais definido, que possuiu ênfase no bumbum e nas coxas, além do abdome mais definido e coxas firmes, onde inexistem imperfeições como celulite, rugas e estrias” (FERRAZ; CAMPOS, 2014, p. 203). Lacerda e Queirós (2004) explicam que, “de um modo geral, o corpo ideal deve ser alto, magro e jovem, aparentar dinamismo, beleza, desportivismo, ser sexy e atraente” (LACERDA; QUEIRÓS, 2004, p.2).

Levando em consideração essa concepção de corpo e o modo como ele é exposto na sociedade, observa-se que a mídia assim como a cultura, possui uma influência direta, uma vez que, como afirmam Campos *et al* (2016), a mídia não promove apenas um padrão de corpo a ser adotado, mas também carrega consigo uma concepção de feminino. Santos e Gomes (2013) reforçam afirmando que

“[...] na pós-modernidade reinam o poder da mídia e a lógica de consumo, onde, controlar o corpo é competência exigida a todos, ensinada em programas televisivos, revistas, *sites* esportivos ou sobre alimentação saudável, cadernos específicos em jornais impressos ou até mesmo programas de saúde pública” (SANTOS; GOMES, 2013, p.26).

Diante disso, Medeiros (2014) assinala que “o culto ao corpo em favor da beleza ganhou, no século 20, uma dimensão impressionante em decorrência da mercantilização, da difusão de informações e da supervalorização da imagem” (MEDEIROS, 2014, p. 7), “tornando o corpo um dos mais ‘belos objetos’ de consumo no capitalismo atual” (COSTA,

1985 apud NOVAES, 2011, p. 484). Nesse sentido, Favre (2004) explica que “o jogo de forças do capitalismo, hoje, na tensão concentração - periferização do poder gera ameaças de exclusão e oferece, ao mesmo tempo, imagens-ícone de modelização inclusiva” (FAVRE, 2004, p.77), uma vez que, se por um lado, as novas formas biológicas se oferecem como modelos a serem seguidos e trazem consigo a ilusão de se sentir incluído, por outro lado, reforçam o sentimento de exclusão às pessoas que não se identificam ou compartilham dessas formas.

A partir disso, Sant’Anna (2004) afirma que “existe uma constatação cotidiana de que nas sociedades contemporâneas há uma crescente tendência em adular, valorizar e mostra o corpo, ao mesmo tempo em que, cada vez mais, ele é explorado, aviltado, violentado” (SANT’ANNA, 2004, p.23).

Essa violência acontece das mais variadas formas, uma vez que, o desejo de uniformizar o corpo e de inseri-lo em padrões aceitáveis de beleza e saúde, como afirmam Santos e Gomes (2013), “faz com que os sujeitos travem uma luta diária consigo mesmos, negando ao corpo o direito de assumir seu curso natural e privando-se de prazeres atuais para que possam alcançar um prazer ainda maior em um futuro bem próximo: o corpo ideal” (SANTOS; GOMES, 2013, p. 26).

Logo, Medeiros (2014) complementa afirmando que

“Nesse cenário, a mídia, como veículo de mensagens ideológicas, cria narrativas sedutoras e sensuais com o objetivo de despertar paixão pela moda, motivar o consumo de produtos de beleza, de cirurgias plásticas, de frequências às academias de ginásticas, as atividades esportivas, o uso de maquiagens, tatuagens, os regimes rigorosos de emagrecimento, o uso de aparelhos ortodônticos, os cílios e unhas postiças, as próteses dentárias, o controle obsessivo do peso e o uso de medicação para os mais variados ‘incômodos’. É notável também o consumo de uma infinidade de produtos *diet* e *light* existentes no mercado da moda efêmera para os gostos flexíveis, roupas de marca e etiquetas importantes para a classificação dos lugares sociais” (MEDEIROS, 2014, p. 7)

Diante disso, Rolnik, citada por Favre (2004), diz que todos os elementos usados na constituição dos novos modos de habitar estão à venda, objetos de todo tipo que, na verdade, são contornos subjetivos, modos de habitar, vestir, relacionar-se, pensar, imaginar, ou seja, modos de existência a serem facilmente assimilados em relação aos quais somos simultaneamente produtores-espectadores-consumidores.

Com isso, a mídia se torna um tipo de instituição, como afirmam Santos e Gomes (2013) que se presta ao papel de disseminar as práticas de controle corporal e a necessidade de conhecimento de si, regulando a vida em sociedade, e ditando comportamentos corretos e

desejáveis, principalmente no que se refere aos cuidados com o corpo, os quais são sempre acompanhados por uma atitude de consumo.

Logo, Sant'Anna (2005) explica que,

“[...] se atualmente, o embelezamento representa mais do que acabar com a feiúra, se ele integra a promessa de fazer a mulher se encontrar com ela mesma, a resistência à compra dos cosméticos, ou ainda, às aulas de ginástica, aos regimes, às cirurgias, etc., significa, sobretudo, resistir a proporcionar para si mesma um prazer suplementar, e, muitas vezes, a renúncia representa uma experiência intolerável” (SANT'ANNA, 2005, p.137).

Nesse sentido, Favre (2004) complementa afirmando que

“[...] esse 'kit' vem acompanhado de uma poderosa operação de *marketing* que nos faz acreditar que identificar-se com essas imagens e consumi-las é imprescindível para que se consiga reconfigurar o território que, continuamente se desfaz na velocidade da informação e dos acontecimentos e, mais do que isso, que este é o canal para que se possa fazer parte do território da hegemonia. Isso não é pouca coisa, pois fora desse território, corre-se o risco de morte social – por exclusão, humilhação, miséria e quando não, morte concreta” (FAVRE, 2004, p. 77).

Partindo da necessidade de se sentir incluídos, Santos e Gomes (2013) afirmam que os corpos têm perpassado a rigidez da matéria e se empenhado em um movimento de reconstrução, sofrendo diversas manipulações a fim de se tornar o tão sonhado “corpo ideal” apresentado pela sociedade de consumo, que somente pode ser alcançado com esforço e dedicação pessoal, e, que, sendo assim, a responsabilidade do sucesso ou do fracasso da forma corporal foi delegada aos próprios sujeitos, uma vez que, se este não se apresentar conforme a norma vigente é porque não foram suficientemente “autodisciplinados” e competentes para cultivar, cultuar e manter o corpo dentro dos padrões de imagem socialmente aceitos e valorizados.

Em contrapartida, para Medeiros (2014)

“[...] todos esses dispositivos são arranjos construídos pelas mensagens midiáticas com a intenção de conferir ao sujeito a responsabilidade pelo seu próprio corpo, por sua beleza, juventude e saúde, forjando a ideia de autonomia individual e maleabilidade para recriar, mudar, decidir, alterar e transgredir as possibilidades biológicas, e, quando o indivíduo não tem sucesso em seus empreendimentos pessoais, experimenta sentimentos de vergonha de si mesmo, incompetência, humilhação, aflição ou sentimento de culpa” (MEDEIROS, 2014, p.7).

Diante disso, Ortega (2003) acredita que a obsessão pelo corpo bronzeado, malhado, sarado e siliconado, faz aumentar o preconceito e dificulta o confronto com o fracasso de não

atingir esse ideal, como testemunham distúrbios como anorexias, bulimias, disritmias e depressões. No que tange ao preconceito, o mesmo autor afirma que é estigmatizante e excludente o efeito gerado pelo corpo não ideal principalmente aos gordos, idosos e demais figuras que fogem do padrão de corpo contemporâneo.

Nesse sentido, Medeiros (2014) relata que,

“[...] o corpo que não tem boa forma, o gordo, sujo, com os cabelos sem tintura, desalinhados e o rosto sem maquiagem inspira a imagem de debilidade, do feio, descuidado, deprimido, é um símbolo de falência moral e vulgar, tendo, o corpo que consome e é consumido, um valor simbólico, biológico, social e emocional/psicológico na racionalidade pós-moderna” (MEDEIROS, 2014, p 8).

Se tratando do valor simbólico do corpo, este já vem sendo estudado e discutido há muito tempo. Descartes, como relatam Santos e Gomes (2013), iniciara os estudos com a temática do corpo, tendo como plano secundário a função social. Outros, como Villermé, Marx e Engels já trabalhavam indiretamente a corporeidade na análise da condição física miserável da classe trabalhadora no contexto da Revolução Industrial. De uma forma geral, eles defendiam a condição social do homem como produto de sua corporeidade, onde suas características biológicas determinam e justificam sua posição no conjunto da sociedade.

Partindo desse pressuposto, e levando em consideração todas as sensações que são geradas pelo não compartilhamento do padrão de corpo contemporâneo, bem como o significado deste no que tange à hierarquia de classes, Boltanski (2004) afirma que

“[...] a vergonha do corpo assim suscitadas não é talvez senão a vergonha de classe: o corpo efetivamente é do mesmo jeito que todos os outros objetos técnicos cuja posse marca o lugar do indivíduo na hierarquia das classes, pela sua cor (descorada ou bronzeada), textura (flácida e mole ou firme e musculosa), pelo volume (gordo ou magro, rechonchudo ou esbelto), pela amplitude, forma ou velocidade de seus deslocamentos no espaço (desajeitado ou gracioso), é um sinal de *status* – talvez o mais íntimo e daí o mais importante – cujo resultado simbólico é tão maior, pois, como tal, nunca é dissociado da pessoa que o habita” (BOLTANSKI, 2004, p.167).

Nesse sentido, Novaes (2011) assinala que “o corpo também é capital, têm valor de troca ou, como bem, adquire um *status* a partir das insígnias que carrega, onde, esses signos, condensados na figura do belo corpo, traduzem valores da cultura da sociedade de consumo” (NOVAES, 2011, p. 484).

Porém, levando em consideração a propagação das mensagens midiáticas e o modo como elas influenciam na construção do corpo contemporâneo, Medeiros (2014) afirma que, por mais que elas sejam divulgadas indiscriminadamente, o acesso aos dispositivos nelas

contidos (como academias, cirurgias, maquiagens, etc.) exclui determinados grupos e classes que não dispõem de posses suficientes para se incluir e participar desse processo, gerando, assim, novas formas de exclusão.

Nesse sentido, Santos e Gomes (2013) afirmam que

“A busca constante pela exposição do corpo perfeito e saudável - entendido cada vez mais como sinônimo de belo - gera novos tipos de excluídos sociais, que assim se configuram não por imposição da sociedade, mas, acredita-se, por sua própria vontade ou falta de esforço, já que a importância dos cuidados corporais é amplamente divulgada em todas as mídias. É o caso dos sedentários, obesos e idosos” (SANTOS, GOMES, 2013, p. 30).

Os mesmos autores complementam afirmando que “os próprios espaços das cidades mostram-se excludentes para aqueles que estão “acima do peso” ou “além da idade”. (SANTOS, GOMES, 2013, p. 31). Dessa forma, Sant’Anna (2001) explica que para evitar que o corpo seja um obstáculo e para poder entrar em todos os lugares, passar por todos os tempos e navegar em meio a diferentes culturas, caso seja necessário, troca-se de sexo, de sangue, de cabelo, em suma, de corpo, sem cessar, de acordo com as circunstâncias, como quem troca de *site*, de roupa e de *shampoo*, uma vez que,

“[...] tudo deve ser fotogênico, um umbigo, um dedo do pé, um rosto considerado feio, um corpo doente e sofredor, as práticas íntimas de higiene e o interior do corpo. Tudo deve ser mostrado e visto, transformado em imagem feita de luz e papel, em corpo imaterial, para poder ter acesso a qualquer lugar, escapar da passagem do tempo e, portanto, do fluxo da duração” (SANT’ANNA, 2001, p.22).

Diante disso, entende-se, como afirma Novaes (2011) que a imagem do corpo belo traduz o anseio da sociedade atual, onde o poder da imagem ideal, que sugestiona o sujeito, se passa a partir de uma referência ao corpo do outro e sua presença, e o tratamento imposto ao corpo se dá em resposta a identificação com uma imagem totalizante, idealizada e controlada.

Assim Le Breton (2003) afirma que, na contemporaneidade o homem é convidado a construir seu corpo, mantendo a forma, modelando a aparência, ocultando o envelhecimento e conservando a saúde, sendo, esses, motivo de apresentação de si.

Porém, para que se consiga construir o corpo dentro dos padrões apresentado pelas mídias e pela sociedade de consumo, é necessário investimento e trabalho. Diante disso, Novaes (2011) assinala que, não causa espanto perceber como os exercícios dirigidos e o dispêndio de tempo, energia e dinheiro são típicos de uma burguesia já acostumada com projetos rigorosos de médio e longo prazo.

Dessa forma, partindo do pressuposto afirmado pela autora, surge o questionamento a respeito de como o padrão de corpo contemporâneo influencia na construção da percepção de si de mulheres adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social, uma vez que, estar nessa condição repercute na dificuldade ao acesso dos dispositivos usados para a construção do corpo na contemporaneidade.

4.2 ADOLESCÊNCIA, CORPO E VULNERABILIDADE SOCIAL

4.2.1 Uma adolescência construída

Se considerarmos os critérios cronológicos, a Organização Mundial da Saúde considera adolescentes as pessoas que se encontram na faixa etária dos 10 aos 19 anos de idade (WHO, 2011). Já o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) a compreende na faixa etária dos 12 aos 18 anos (BRASIL, 1990). Essa diferença cronológica tem relação com a construção histórico-social da adolescência, uma vez que, como afirmam Patias *et al* (2011), foi somente a partir do século XVIII que o período de passagem entre a infância e a vida adulta passou a ser denominado e reconhecido como adolescência.

Bock (2007) assinala que dentre os fatores que influenciaram nesse processo de construção da adolescência, estão o aumento da expectativa de vida da população e, conseqüentemente do tempo de trabalho, a revolução industrial, o desemprego estrutural da sociedade capitalista e a ausência de ritos institucionalizados de passagem. Logo, a sociedade encontrou na escola a solução para esses problemas, uma vez que, nela os jovens passariam mais tempo estudando, permaneceriam sob a tutela dos pais e longe do mercado de trabalho.

Com isso, os jovens se encontraram em um período de contradição, e desenvolveram uma série de características que refletem na nova condição social que se encontram hoje, pois, como explica Bock (2007), apesar de possuírem todas as condições cognitivas, afetivas e fisiológicas para participarem do mundo adulto e ter independência, estavam desautorizados a isso, devendo permanecer distante do mundo do trabalho e das possibilidades de obter autonomia e condições de sustento.

Assim, para Bock (2007), a adolescência é caracterizada como

“[...] um período de latência social, constituída a partir da sociedade capitalista, gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, bem como, da necessidade de preparo técnico. Essas questões sociais e

históricas vão constituindo uma fase de afastamento do trabalho e o preparo para a vida adulta, onde as marcas do corpo e as possibilidades na relação com os adultos vão sendo pinçadas para a construção de significações” (BOCK, 2007, p. 68).

Ainda, segundo Bock (2007), pode-se elencar como características atribuídas à adolescência, dadas como naturais desse período, mas que foram decorrentes do processo histórico e social que originou essa fase da vida, “a crise de identidade e busca de si mesmo, a tendência grupal, a necessidade de intelectualizar e fantasiar, a atitude rebelde, a onipotência” (BOCK, 2007, p.69), além da maturação física, cognitiva e psicológica, normais do próprio curso do desenvolvimento humano. Essas características foram estudadas, conceituadas, expressas em livros e descritas como naturais da idade, sendo reconhecida, então, a adolescência, uma vez que elas também servem como referência para a construção da identidade dos jovens contemporâneos.

Em suma, “percebe-se que a adolescência foi criada na sociedade moderna por exigência dessa sociedade” (BOCK, 2007, p. 70), sendo esse processo, de acordo com Osório (1992) basicamente cultural, longo e complexo, com sinergismos múltiplos e perspectivas multifacetadas, se caracterizando como um fenômeno universal e transcultural, que varia de cultura para cultura, de época para época, sendo moldado por influências econômicas e políticas.

Assim, Bock (2007) afirma que a adolescência pode ser mais evidente para determinados grupos sociais em uma mesma sociedade, como aqueles que ficam mais tempo afastados do mercado trabalho, se comparados aos que se engajam cedo e adquirem autonomia financeira mais precocemente, e que, desta forma, não há uma adolescência enquanto possibilidade de ser, mas sim, uma adolescência enquanto significado social, com muitas possibilidades de expressão.

4.2.2 Outros corpos, novos arranjos

Atualmente, a adolescência é retratada como “um período de transição entre a infância e a vida adulta, no qual diferentes transformações biopsicossociais ocorrem” (PATIAS, *et al*, 2011, p. 206). Velho (2014) complementa afirmando que “a adolescência é um período evolutivo e transitório, além de um fenômeno de construção do sujeito, que engloba a maturação física, cognitiva, psicológica e social” (VELHO, *et al*, 2014, p.77).

As modificações corporais decorrentes da maturação física são frutos da puberdade, que, segundo Velho (2014) “se configura como a primeira fase da adolescência, e se caracteriza como um fenômeno exclusivamente biológico caracterizado por uma etapa de mudanças físicas provocadas pela ação dos hormônios sexuais, os quais geram alterações corporais nos sujeitos” (VELHO, *et al*, 2014, p.77). De acordo com Becker (2017) uma das primeiras alterações corporais diz respeito à altura e o desenvolvimento da musculatura. Paralelamente a isso, segundo o mesmo autor, os ossos se tornam mais espessos, os braços, pernas e pescoço se alongam, e os ombros e quadris se tornam mais largos. Após, começam a maturação dos caracteres sexuais das mulheres e dos homens (como seios e testículos) seguidos pelo crescimento de pêlos axilares e pubianos nas regiões genitais, e, posteriormente, em outras regiões do corpo. Durante esse período ocorre também o início do ciclo menstrual da mulher, com a primeira menstruação, denominada de menarca, e, no homem, ocorre o aumento do pênis, dando início, também, a produção de espermatozoides.

Levando em consideração as modificações corporais ocorridas na puberdade, Campagna e Souza (2006) complementam afirmando que nas mulheres a cabeça cresce lentamente em relação ao resto do corpo, a testa se torna mais larga, o nariz cresce rapidamente, a boca se alarga, os lábios tornam-se mais cheios e o queixo passa a ser mais pronunciado. Ocorrem também, segundo as autoras, alterações na voz, na cor e textura da pele, e também nos órgãos internos, nos sistemas digestivo, circulatório, endócrino e respiratório, com crescimento e maturação dos ovários e do útero.

Como consequência dessas alterações corporais, Campagna e Souza (2006) sinalizam que a imagem corporal também precisa ser reformulada, uma vez que nesse período ocorre a perda do antigo corpo e conseqüentemente, da antiga imagem corporal e da identidade infantil, o que implica na busca por uma nova identidade.

No que tange a imagem corporal, Frois, Moreira e Stengel, (2011) afirma que esta compõe o processo identitário e formacional do adolescente, e se caracteriza como uma construção que engloba as percepções do indivíduo sobre si mesmo e sobre a relação que ele mantém com os outros, estando as demais funções como o esquema corporal, a lateralidade e as noções espaciais e temporais na dimensão formacional, compondo a imagem que o indivíduo tem de si, a partir das suas percepções acerca da estrutura corporal, da aparência e da percepção que tem de como os outros o veem.

Os mesmos autores também explicam que a construção da imagem corporal se dá a partir dos nomes que vão sendo incorporados ao corpo e aos modos de ser no mundo, e que

estes iniciam durante a gestação, onde a criança vai recebendo nomes carregados de sentido e significações, os quais contribuem para a apropriação da imagem corporal. Porém, com o passar do tempo e do desenvolvimento, o sujeito passa a vivenciar e experimentar novas sensações, o que possibilita outras representações e significações para o corpo. Assim,

“[...] as imagens do corpo vão sendo construídas e reconstruídas ao longo da vida do indivíduo, imbuindo-o de significações a partir das vivências que outras referências lhe apresentam, se caracterizando, assim, como um processo cíclico e gradativo ao longo da vida, no qual as mudanças físicas e psíquicas do corpo suscitam a necessidade de constante reorganização da imagem corporal” (FROIS; MOREIRA; STENGEL, 2011, p. 72).

Partindo do pressuposto de que a construção da imagem corporal e da identidade dos adolescentes se dá a partir das vivências e dos referenciais que lhe são apresentados, sendo estes dotados de significados, Ribeiro, *et al* (2015) assinala que na sociedade atual se é valorizado um padrão de corpo perfeito, reforçado pelos veículos midiáticos e relacionados com competência, poder, sucesso, aceitação social e sexual.

Esse padrão de corpo, já caracterizado neste trabalho, também é reforçado pelo outro e pelo grupo de pares, uma vez que, como afirma Ribeiro, *et al* (2015)

“Na adolescência surge o interesse sexual e a necessidade de ser correspondido, ou seja, ter aprovação do outro como própria afirmação do eu. O corpo então passa a apresentar o status social, sua própria identidade nas relações com os pares, onde ser desejado ou conseguir conquistar passa a ser entendido como processo de aceitação ao grupo e sucesso pessoal” (RIBEIRO, *et al*, 2015, p. 331).

Porém, esse padrão de corpo suscitado nessa fase da vida não condiz com a realidade dos adolescentes e com as transformações corporais que estão ocorrendo nesse período por conta da puberdade, o que pode ocasionar segundo Ribeiro, *et al* (2015), “uma disparidade entre o corpo idealizado e o corpo real, e, quanto mais esse corpo se distanciar do real, maior será a possibilidade de conflito e de comprometimento da autoestima” (RIBEIRO, *et al*, 2015, p.328). Nesse sentido, o mesmo autor pontua que

“[...] há uma discrepância entre o que se é desejado na cultura ocidental e o próprio processo da puberdade, tendo em vista que nessa fase ocorrem as modificações corporais [...]. Neste processo de transformação os adolescentes ainda se deparam com os modelos de beleza e com a extrema valorização da aparência, veiculada pelos meios de comunicação, nos quais há uma desconsideração da subjetividade e uma supervalorização da imagem, do culto narcísico ao corpo, que é vendido como objeto de consumo, onde, mais importante do que sentir, pensar, criar, é ter medidas perfeitas, considerando-se o padrão de magreza e o corpo tornado como ideal” (RIBEIRO, *et al*, 2015, p. 331).

Logo,

“[...] a aparência e o físico do adolescente são determinados pela comparação e pelo desejo de se aproximar do grupo que se almeja pertencer, criando-se, assim, um padrão a ser alcançado – o corpo belo e esculpido – sendo, este, uma unidade central, delimitadora do indivíduo em relação aos outros” (RIBEIRO, *et al*, 2015, p. 331).

Em contrapartida, Da Costa e Machado (2014) reforçam afirmando que a não aceitação do corpo gera dificuldades que poderão afetar as relações sociais e o processo de formação da identidade, bem como a autoestima dos adolescentes, sendo, a aceitação do corpo e da imagem corporal fundamental para o adolescente situar-se de forma segura no convívio com seus pares.

Porém, a formação da identidade do adolescente não se dá somente pela construção do corpo e da imagem corporal, uma vez que ela também ocorre através da maturação cognitiva, psicológica e social. Nesse sentido, Velho (2014) explica que na adolescência a dependência do outro tende a diminuir progressivamente, uma vez que o adolescente está em busca de autonomia e da sua própria identidade, a qual sofre influência do outro e do grupo a que pertence.

Dessa forma, Nabais (2014) salienta que vários são os autores que se pronunciam afirmando que a passagem para o estágio de identidade própria exige um movimento de desidealização e desinvestimento das figuras parentais, seguido ou acompanhado de um investimento progressivo no outro, externo ao meio familiar, uma vez que, gradualmente, o adolescente procura no exterior da família novos modelos, ideais e figuras de identificação. Assim, ao mesmo tempo em que o outro funciona como uma fonte de conhecimento a respeito dos padrões comportamentais, ele exerce uma pressão social sobre os adolescentes, no sentido de estes se comportarem de acordo com os padrões seguidos pelos outros elementos do meio que pertencem.

Com isso, têm-se a construção e definição da identidade como um produto fundamental da adolescência, a qual se dá, segundo Nabais (2014), através dos processos de identificação com modelos externos, sendo estes, personalidades, grupos, ideologias, entre outras.

4.2.3 Outros olhares para o adolescer

Diversos autores da psicanálise buscaram entender a adolescência e seus processos no que tange aos seus aspectos físicos, cognitivos e relacionais. Dentre esses autores estão Jean Piaget, Lev Vygotsky e Donald Winnicott.

Se tratando Teoria de Jean Piaget, Da Silva, *et al* (2011) afirma que seu principal objetivo é “mostrar como o indivíduo vai evoluindo, desde os primeiros meses de vida até adquirir uma solidez e uma consciência própria, que o configuram e o distinguem do resto do meio onde está inserido” (DA SILVA, *et al*, 2011, p. 4).

Dessa forma, o mesmo autor explica que o período da adolescência, nessa teoria, é caracterizado como o período das operações formais, uma vez que as operações já são realizadas no plano abstrato, das ideias, sem necessitar de manipulação ou referências concretas, como na fase anterior de vida. Palangana (2015) complementa afirmando que desta forma, o adolescente consegue adquirir autonomia e uma moral individual, uma vez que estabelece uma visão crítica a respeito dos sistemas sociais e propõe novos códigos de conduta, a partir das formulações de hipóteses que realiza.

Na Teoria de Vygotsky, de acordo com Koshino (2011) o meio é a fonte de desenvolvimento do ser humano, uma vez que se encontram nele os momentos de experiências e aprendizagens resultantes da interação da criança e do adolescente com a cultura, com os adultos, com a apropriação dos signos e símbolos, onde essas relações se ampliam ao longo do processo de construção e reconstrução das funções psíquicas superiores⁸, estabelecendo modificações no desenvolvimento, de forma quantitativa e qualitativa.

Diante disso, Craidy e Kaercher (2009) complementam afirmando que para Vygotsky a relação do indivíduo com o mundo não é direta, mas mediada por sistemas simbólicos, em que a linguagem ocupa um papel central, pois além de possibilitar o intercâmbio entre os indivíduos, é através dela que o sujeito consegue abstrair e generalizar o pensamento.

Já Winnicott se utiliza da Teoria do Amadurecimento Pessoal para explicar a adolescência, sendo esta o referencial escolhido para ser utilizado neste trabalho. Segundo

⁸Segundo Vygotsky (1931; 1995), citado por Toassa (2006), “as funções psíquicas superiores dizem respeito à atenção voluntária, memória lógica e formação de conceitos” (TOASSA, 2006, p. 72). Koshino (2011) complementa afirmando que essas funções se referem aos processos voluntários como a consciência, vontade e intenção, pertencentes à esfera subjetiva do homem, estabelecendo conexões internas entre o enlaçamento da realidade social e do desenvolvimento da consciência humana, sendo que, na etapa superior do desenvolvimento essas variações nas funções psicológicas levam o homem a dominar sua própria conduta e resolver diferentes tipos de problemas.

Dias (2008), “essa teoria consiste na descrição e conceituação das diferentes tarefas, conquistas e dificuldades inerentes ao crescimento em cada um dos estágios da vida, desde o momento em que um estado de ser tem início, ainda na vida intra-uterina [...], até a morte” (DIAS, 2008, p. 34).

Logo, Oliveira (2008) explica que essa Teoria pressupõe que o homem é o produto de uma integração constante e permanente com o meio, resultando do encontro dos processos de maturação com o ambiente facilitador, que possibilite que essas potencialidades emergjam. Esse ambiente é caracterizado inicialmente pela mãe, a qual deve possuir identificação com o seu bebê e atendê-lo em suas necessidades, se caracterizando, assim, como uma mãe suficientemente boa. Em contrapartida, Winnicott afirma que “se o ambiente não for satisfatório, rompe-se a linha da vida⁹ e as tendências herdadas não podem levar a criança à plenitude pessoal” (WINNICOTT, 1952, p. 249).

Dessa forma, “o desenvolvimento do adolescente está estreitamente ligado à existência ou não de uma experiência suficientemente boa com o casal parental, nos primeiros estágios do desenvolvimento” (OLIVEIRA, 2008, p.94).

Portanto, de acordo com Oliveira (2008), o período da adolescência na Teoria do Amadurecimento

“[...] trata de uma transitoriedade no qual o jovem é um vir a ser, preparando-se para ser um adulto e aparece associado a um desejo de liberdade, de prazer, de expressão, de comportamentos exóticos. Associa-se a um tempo para ensaio e erro, isto é, um período marcado por descompromissos e irresponsabilidades, pois o jovem terá de fazer experiências, errar, perceber o erro para não repeti-lo, “quebrar a cara”, em uma linguagem mais informal, levantar do tombo e recomeçar a busca pelo que deseja ser, sentir” (OLIVEIRA, 2008, p.100).

Uma vez que,

“[...] a grande busca do adolescente é ser alguém em algum lugar, sentir-se real, necessitando de um ambiente confiável, suficientemente bom, com uma comunicação verdadeira e autêntica, que saiba reconhecer suas necessidades: ser e continuar sendo, a veracidade de situações que está vivendo, as dúvidas, as angústias na busca de sua identidade, ou seja, sua procura existencial” (OLIVEIRA, 2008, p. 101).

Diante do exposto, optou-se por se utilizar dessa teoria, visto que é a que mais condiz com o tipo de adolescência que me propus estudar, a qual é marcada tanto pela questão do

⁹ A linha da vida, de acordo com Oliveira (2008) se refere à continuidade de ser e, tudo o que divide a existência humana da criança em fragmentos é prejudicial para o seu desenvolvimento integrado (OLIVEIRA, 2008, p. 44).

gênero quanto da vulnerabilidade social, que repercutem na condição de acesso aos bens produzidos pela sociedade de consumo, os quais impactam diretamente nos modos de construção do corpo na contemporaneidade. Também, utilizaremos dela para discorrer sobre as linhas de força identificadas na trajetória das adolescentes, as quais refletem diretamente no modo como constroem uma percepção de si mesmo, sendo este um dos objetivos da pesquisa.

4.2.4 Adolescência para quem?

Quando buscamos compreender as transformações ocorridas na adolescência em todos os seus aspectos, são poucos os autores que levam em consideração a influência das questões sociais sobre o adolecer, já que, socialmente, têm-se essa fase como universal, natural e inerente a todos os jovens. Porém, Bock (2007) afirma que são evidentes as diferenças nesse processo entre os grupos das diferentes classes sociais devido às diferentes formas de inserção social, o que reafirma a necessidade de entender como a vulnerabilidade social atravessa a vida e o corpo dos adolescentes que se encontram nessa condição.

Dessa forma, Abramovay (2002), citado por Guareschi, *et al* (2007), define a vulnerabilidade social como

“[...] a situação em que os recursos e habilidades de um dado grupo social são insuficientes e inadequados para lidar com as oportunidades oferecidas pela sociedade, sendo, essas oportunidades, uma forma de ascender a maiores níveis de bem-estar ou diminuir probabilidades de deterioração das condições de vida de determinados atores sociais” (ABRAMOVAY, 2002, apud GUARESCHI, *et al*, 2007, p.22).

Logo, este conceito, de acordo com Guareschi, *et al* (2007) está “indiretamente vinculado com o de mobilidade social, já que as possibilidades de os indivíduos em vulnerabilidade social se movimentarem nas estruturas sociais e econômicas são restritas em termos de modificação de inscrição social” (GUARESCHI, *et al*, 2007, p.22).

Torna-se importante salientar que o termo vulnerabilidade social não se restringe somente à categoria econômica, abrangendo também organizações políticas de raça, orientação sexual, gênero e etnia, o que demonstra que as organizações simbólicas também estão atreladas a este conceito.

Dessa forma, Osório (1992), citado por Velho *et al* (2014) e Patias (2011) afirmam que a adolescência é um fenômeno social que ocorre principalmente com as pessoas de classe

social mais favorável, ou seja, pessoas geralmente brancas que possuem condições para permanecer na casa dos pais até que sua formação escolar o tenha preparado para o ingresso no mercado de trabalho, sendo que as pessoas consideradas pobres viveriam somente a puberdade, já que se encontram em um contexto desprivilegiado, sem maiores perspectivas para escolarização ou inserção qualificada no mercado de trabalho. Incluem-se também, a diferença no acesso aos bens produzidos pela sociedade de consumo e necessários para pertencer socialmente, o que impacta, diretamente no corpo e na sua construção dentro dos padrões contemporâneos.

Tratando-se da influência dos bens apresentados pela sociedade de consumo aos adolescentes que se encontram em uma situação de disparidade de acesso, Frota (2007) assinala que

“[...] as informações sociais que se formam a partir das inúmeras informações, mediadas, sobretudo pela mídia, não fornecem condições para que o adolescente planeje e articule ações como uma forma de superação da condição ou situação vivida, uma vez que estas informações se destinam muito mais à construção de modelos estereotipados de comportamento para atender a uma demanda de consumo” (FROTA, 2007, p. 156).

Logo, a vivência da adolescência não se dá do mesmo modo para todos, já que as oportunidades se diferem dependendo do grupo social em que o sujeito está inserido, devendo ser pensada, como afirma Frota (2007)

“[...] para além da idade cronológica, da puberdade, das transformações físicas, dos ritos de passagem ou dos elementos determinados aprioristicamente ou de modo natural, devendo ser pensada como uma categoria que se constrói, se exercita e se re-constrói dentro de uma história e tempo específicos” (FROTA, 2007, p. 157).

5. PRIMEIROS CONTATOS COM O CAMPO

5.1 ENQUADRES

O local onde a pesquisa se desenvolveu foi a Associação Orquestrando Arte, fundada em 19 de fevereiro de 2014, e que se configura por ser uma associação beneficente de assistência social, sem fins lucrativos, que compõe a rede assistencial de proteção básica do município de Santa Maria, tendo, como objetivos promover a assistência social, educacional e

cultural das famílias em situação de vulnerabilidade e/ou risco social. Desde abril de 2013, a Associação mantém o Programa Orquestrando Arte – Incubadora Sociocultural Infanto-juvenil, oferecendo oficinas de Artes (dança, teatro, música instrumental e coral), Apoio Pedagógico, Oficina da Família e Oficina de Formação Humana, às crianças e jovens de 06 a 29 anos de idade, incluindo o grupo familiar. As ações de cunho socioeducativo e caráter continuado ocorrem no contra turno escolar, com um intuito de proporcionar um espaço de prevenção, proteção e fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Atualmente, as atividades são desenvolvidas no espaço cedido pela ULBRA, mais especificamente na BR 287, km 252, Trevo Maneco Pedroso, Boca do Monte¹⁰.

Atualmente a Associação conta com o apoio de aproximadamente cinquenta voluntários, entre professores de música, dança, teatro, apoio pedagógico, psicólogos, assistentes sociais, além de terapeuta ocupacional, odontólogo, advogado e fonoaudiólogo. A Associação também abre espaço para estagiários vinculados à instituições de ensino superior do município, contribuindo para a formação desses alunos e futuros profissionais. Além desses, existem outros voluntários, como os que compõem a diretoria da instituição, os que organizam o brechó beneficente e o lanche disponibilizado diariamente aos alunos.

Segundo a Política Nacional de Assistência Social (PNAS) (2004), a proteção social básica se destina a pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade social, decorrente de pobreza, privações¹¹, e/ou fragilização de vínculos afetivos relacionais e de pertencimento social¹², tendo como objetivos prevenir situações de risco por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições, além de fortalecer vínculos familiares e comunitários, através do desenvolvimento de serviços, programas e projetos locais de acolhimento, convivência e socialização de famílias e de indivíduos, os quais deverão se articular com as demais políticas públicas locais, buscando a garantia da sustentabilidade das ações desenvolvidas e o protagonismo das famílias e indivíduos atendidos, de forma a superar as condições de vulnerabilidade e a prevenir situações que indicam risco potencial.

Com isso,

“São considerados serviços de proteção básica de assistência social aqueles que potencializam a família como unidade de referência, fortalecendo seus vínculos

¹⁰ Informações obtidas através da página da Associação na internet, disponível no endereço: <https://www.orquestrandoarte.org/sobre-nos>

¹¹ De acordo com a PNAS (2004), entende-se por privações a ausência de renda, precário ou nulo acesso aos serviços públicos, etc.

¹² De acordo com a PNAS (2004), pode-se entender a fragilização de vínculos afetivos relacionais e de pertencimento como discriminações etárias, étnicas, de gênero ou por deficiências, entre outras.

internos e externos de solidariedade, através do protagonismo de seus membros e a oferta de um conjunto de serviços locais que visam a convivência, a socialização e o acolhimento, em famílias cujos vínculos familiar e comunitário não foram rompidos, bem como a promoção da integração ao mercado de trabalho” (BRASIL, 2004, p. 36).

Os serviços que compõem a rede de proteção social básica, de acordo com a PNAS (2004), se dividem entre o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF), o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos e o Serviço de Proteção Social Básica no Domicílio para Pessoas com Deficiência e Idosas, sendo que, a Associação Orquestrando Arte se configuraria, nesta política, como um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

De acordo com a Resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009, que dispõem sobre a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais¹³, o serviço enquadrado como um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos se configura como aquele realizado em grupos, organizado a partir de percursos, de modo a garantir aquisições progressivas aos seus usuários de acordo com os ciclos de vida, a fim de complementar o trabalho social com famílias e prevenir a ocorrência de situações de risco social, sendo organizado de modo a desenvolver o sentimento de pertencimento e de identidade, ampliar as trocas culturais e de vivências, fortalecer os vínculos familiares e incentivar a socialização e a convivência comunitária. Esse serviço ainda, “deve prever o desenvolvimento de ações intergeracionais e a heterogeneidade na composição dos grupos por sexo, presença de Pessoas com Deficiência, etnia, raça, entre outros” (BRASIL, 2009, p. 16), o que pode ser observado na constituição das oficinas oferecidas pela Associação Orquestrando Arte, onde se encontram crianças, adolescentes, e jovens de diversas etnias e raças, bem como, Pessoas com Deficiência.

Com esse serviço, de acordo com Brasil (2009), busca-se reduzir a ocorrência de situações de vulnerabilidade social, aumentar e ampliar o direito e o acesso a serviços socioassistenciais e setoriais, melhorar a qualidade de vida dos usuários e suas famílias e diminuir, em consonância a outras políticas públicas, os índices de violência, uso e abuso de drogas, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce, entre outros.

Ressalta-se, ainda, que o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos possui objetivos específicos determinados para crianças de até seis anos de idade, crianças e

¹³ A Resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009, que dispõem sobre a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, tem por objetivo a padronização em todo o território nacional dos serviços de proteção social básica e especial, estabelecendo seus conteúdos essenciais, público a ser atendido, propósito de cada um deles e os resultados esperados para a garantia dos direitos socioassistenciais, além das provisões, aquisições, condições e formas de acesso, unidade de referências para a sua realização, período de funcionamento, abrangência e articulação em rede, o impacto esperado e suas regulamentações específicas e gerais (BRASIL, 2009, p. 4).

adolescentes de seis a quinze anos, jovens de quinze a dezessete anos, jovens de dezoito a vinte e nove anos, adultos de trinta a cinquenta e nove anos e idosos.

No processo de constituição da pesquisa sentiu-se a necessidade de compreender o motivo de serem nomeados como jovens os que estão na faixa etária de quinze a dezessete anos, se, de acordo com o ECA, por exemplo, têm-se a adolescência dos doze aos dezoito anos incompletos.

Diante disso, fui convocada a conhecer um pouco mais sobre os jovens, e então me encontrei com a Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, que institui o Estatuto da Juventude, e dispõem sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude. Segundo o Estatuto da Juventude (2013), são considerados jovens as pessoas com idade entre quinze e vinte e nove anos de idade, sendo que, os adolescentes que se encontram na faixa etária dos quinze aos dezoito anos incompletos também são amparados pela Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que caracteriza o ECA.

A partir disso, me questionei sobre o modo como essas nomeações de adolescente ou jovem, podem vir a interferir nos modos de ser dos sujeitos¹⁴.

Fazendo um recorte para as divisões que enquadram os sujeitos que me propus a acompanhar nessa pesquisa (que compreendem a faixa etária dos doze aos dezoito anos incompletos), percebo que os objetivos específicos para essa população, e para o que se configura como um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, se pauta no fortalecimento de vínculos familiares e sociais, na ampliação do universo informacional, artístico e cultural dos jovens, bem como, no estímulo para o desenvolvimento de potencialidades, habilidades e talentos, propiciando sua formação cidadã, assegurando espaços de referência para o convívio grupal, comunitário e social, bem como, o desenvolvimento das relações de afetividade, solidariedade e respeito mútuo, possibilitando vivências para o alcance da autonomia e protagonismo social, estimulando a participação na vida pública do território e desenvolvendo competências para a compreensão crítica da realidade social e do mundo contemporâneo, contribuindo, também, para a inserção, reinserção e permanência do jovem no sistema educacional.

Especificamente para os adolescentes de quinze a dezessete anos inclui-se outro objetivo, que é o de “possibilitar o reconhecimento do trabalho e da educação como direito de cidadania e desenvolver conhecimentos sobre o mundo do trabalho e competências

¹⁴ Nesta pesquisa, optou-se por utilizar o termo adolescente, porém, ressalto as discussões que são realizadas a respeito dos termos “adolescente” e “jovem”, principalmente no campo da Terapia Ocupacional Social.

específicas básicas” (BRASIL, 2009, p. 20), onde já se observa um modo de preparar o adolescente para inserção no mercado de trabalho, visto que esse pode realizá-lo, nessa faixa etária, somente “na condição de aprendiz” (BRASIL, 1990).

Como já abordado anteriormente, a inserção no mercado de trabalho está diretamente ligada à vulnerabilidade social, que se produz, também, diante da fragilidade dos vínculos sociais. Dessa forma penso que, ao preparar o adolescente para o mercado de trabalho, o ato de possuir um contrato de trabalho vem carregado de outros significados que não se restringem somente ao acesso ao universo das trocas materiais, mas também, ao universo das trocas afetivas, o que acaba fortalecendo o vetor da inserção relacional, que serve de suporte para os riscos sociais que o sujeito, por ora, poderia estar exposto, auxiliando, inclusive, no combate a vulnerabilidade social. Por outro lado, me questiono: Como a inserção no mundo do trabalho interfere no adolecer dos sujeitos? Como esse fator se dá para as diferentes populações?

Salienta-se, ainda, que a Associação Orquestrando Arte também opera com interface na cultura, mais especificamente como um ponto de cultura, os quais se caracterizam como entidades jurídicas de direito privado sem fins lucrativos, grupos ou coletivos sem constituição jurídica, de natureza ou finalidade cultural, que desenvolvam e articulem atividades culturais em suas comunidades, de acordo com a Lei nº 13.018, de 22 de julho de 2014, que institui a Política Nacional de Cultura Viva. Ainda, segundo essa política, os pontos de cultura têm dentre os principais objetivos, garantir acesso aos meios de fruição, produção e difusão cultural, incentivar a preservação da cultura brasileira, estimular a exploração de espaços públicos e privados que possam ser disponibilizados para a ação cultural, aumentar a visibilidade das diversas iniciativas culturais, promover a diversidade cultural brasileira, garantindo diálogos interculturais, contribuir para o fortalecimento da autonomia social das comunidades, promover o intercâmbio entre diferentes segmentos da comunidade, estimular a articulação das redes sociais e culturais e dessas com a educação, adotar princípios de gestão compartilhada entre atores culturais não governamentais e o Estado, fomentar as economias solidária e criativa, proteger o patrimônio cultural material e imaterial e apoiar e incentivar manifestações culturais populares.

Para além dos objetivos que são esperados, acima elencados, faço uma reflexão diante das potencialidades da arte e das atividades artísticas quando pensadas sob o viés da Terapia Ocupacional, pois, de acordo com Castro *et al* (2011), a arte abre para a participação em outros territórios de existência, possibilitando várias leituras e formas de fazer e estar no

mundo, se configurando, também, como uma forma de conexão - consigo e com o outro - , além de ampliar o território de circulação social e acionar novos lugares sociais, auxiliando, também, nos processos singulares de reconhecimento de potencialidades e dificuldades, servindo, inclusive como um meio para expressar seus sentimentos e recuperar aspectos de sua história.

Dessa forma, penso que a instituição, para além de oferecer o conhecimento técnico sobre a música, a dança, o teatro e o canto coral, e contribuir para a criação de outros territórios de existência, bem como, promover outras relações entre sujeito/objeto, sujeito/corpo e sujeito/sujeito, acaba por ofertar, simbolicamente aos alunos, através do contato com as artes, outros projetos de vida, ampliando as possibilidades tanto de estudo, quanto de trabalho e de futuro.

5.2 ESPAÇO. TRANSITO. QUESTÕES!

A Associação Orquestrando Arte atualmente ocupa o espaço projetado para ser a biblioteca da ULBRA, e se localiza no segundo andar da instituição. Dessa forma, a Associação atualmente conta com um salão amplo, utilizado pela orquestra, uma sala destinada à coordenação e aos professores e onde são guardados os instrumentos, duas pequenas salas para estudo individual ou em grupo, um espaço reservado para apoio pedagógico e onde se organizou uma pequena biblioteca, uma sala para a oficina de teatro e canto coral, uma sala para a percussão e uma sala onde são guardados os figurinos utilizados nas apresentações, além de possuir, no terceiro andar da ULBRA, outra sala, maior que as demais, utilizada para a oficina de dança.

Todas as salas, com exceção da sala utilizada pela oficina de dança, são organizadas ao entorno do salão, e, arquitetonicamente, contam com amplas janelas de vidro, o que permite que as movimentações realizadas nesses espaços possam ser acompanhadas pelos que estão presentes, tanto no salão, quanto em algumas salas. Comecei a refletir sobre isso diante de alguns episódios simples realizados pelos trabalhadores, como o ato de chamar a atenção dos alunos que estão realizando algum movimento desordeiro em diferentes locais, ou então, diante dos olhares que acompanham os deslocamentos das pessoas que transitam por aquele espaço. Concomitante, outros acontecimentos ocorridos fora do ambiente da Associação e que acabaram sendo tomados por ela, me trouxeram alguns questionamentos, a respeito de quais possibilidades existem naquele espaço para existir. Como estar e sentir-se confortável diante

dos olhares lançados a todo o momento? Ainda, qual influência a instituição possui na vida daqueles alunos de modo a garantir e fomentar o empoderamento e a autonomia?

Como esta paisagem institucional se configura? Como ela se traduz em falas, ações, modos de estar e sentir no cotidiano institucional?

Ser permanentemente observado e controlado remete ao modelo panóptico, proposto por Jeremy Bethan, e que foi muito utilizado em prisões e hospitais psiquiátricos no início do século XIX, e com o qual Foucault dialoga para pensar na produção de subjetividade, práticas e saberes presentes nestes locais.

Esse modelo se baseava na arquitetura e era organizado, segundo Foucault (1997) da seguinte forma: nas periferias, se encontrava um edifício anelar, dividido em celas que iam de um lado a outro do edifício, e que continham duas janelas – uma voltada para o interior do local, e a outra para o exterior. Ao centro da instituição – em meio ao anel -, existia uma torre com um vigia central, o qual conseguia visualizar as celas e os prisioneiros através do efeito gerado pela contraluz que penetrava pelas janelas das celas. Devido a essa disposição, os prisioneiros nunca tinham a certeza se, de fato, estavam sendo observados, mas sabiam de antemão que estavam sendo vigiados, fato que configura o panóptico “como uma máquina de dissociar o par ver-se visto, já que, no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver e, na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto” (FOUCAULT, 1997, p.167)

Que existência poderia se produzir nestes espaços? Que liberdade de expressão e que possibilidade de afirmação da diversidade? Como um espaço que se propõe a produzir arte e fomentar cultura se constitui em uma estrutura que nos remete a esta forma?

Danner (2017) complementa afirmando que, “o mais importante desse dispositivo é sua capacidade de induzir os indivíduos a um estado permanente de visibilidade que assegura perfeitamente o funcionamento automático do poder” (DANNER, 2017, p. 152), uma vez que o poder, segundo Foucault (1997), não está centrado em uma pessoa, mas sim, distribuído nos vários corpos, superfícies, luzes, olhares, ruídos, etc., presentes nos espaços.

Deste modo, pensando na certeza de se estar sendo vigiado, o que pressupõe a paisagem da Associação Orquestrando Arte, me questiono o quanto essa arquitetura, proposta pela ULBRA, e por acaso assumida pela Associação, pode vir a interferir nos modos de ser dos alunos e trabalhadores voluntários da instituição, e do quanto acaba por inibir e impedir que os fatos reais da vida existam naquele espaço, uma vez que sugestiona aos alunos um comportamento esperado, como uma forma pronta, um molde, que acaba sendo corporificado

pelos alunos quando estão presentes naquele espaço e diante daqueles trabalhadores, mas que se mostram diferentes quando fora ou na ausência deles.

Pensamos como a organização espacial e simbólica do espaço institucional pode vir a produzir modos de ser e de fazer. De que modo esta organização atravessa a vida “extra” - institucional dos alunos?

A Associação Orquestrando Arte, como outras instituições, possui algumas regras, dentre elas, a proibição de namoros nas dependências e a obrigatoriedade da frequência e do bom desempenho escolar. As boas notas servem de critério de seleção dos alunos para as apresentações, pois, somente após a apresentação do boletim ou do parecer escolar aos professores e da consequente constatação do bom desempenho, os alunos se tornarão elegíveis para representar a Associação nas apresentações.

O quanto esses fatores reproduzem um modo de subjetivação esperado pela instituição. Como responder à tais regras influencia nos modos de ser dos alunos que frequentam aquele espaço no sentido da produção e transformação da existência ou da reprodução de modos de existir hegemônicos e considerados “bem sucedidos”? Que tipos de simbolismos estão atrelados a isso?

Apesar de as notas servirem de critério de seleção para as apresentações, me pergunto: De que forma os fatores que influenciam os alunos em seu processo de aprendizagem são acolhidos pela instituição? De que maneira eles são levados em consideração diante desse critério? Como esse modo de escolha implica nos lugares sociais dos alunos?

Penso que, ao elencar as boas notas como critério de seleção, o mesmo vem acompanhado de uma forma simbólica de sucesso e uma capacidade de ser bom em tudo o que se propõe a fazer, que se traduz nos alunos selecionados. Por outro lado, acaba por reforçar lugares de exclusão e de incapacidade nos demais alunos que não se enquadraram nos critérios, que não tiveram as boas notas. De que forma isso reforça a vulnerabilidade social? Que outros tipos de critérios poderiam ser criados de modo que as dificuldades singulares dos alunos não interferissem?

Diante disso, e levando em consideração o critério acima problematizado, o número de alunos acompanhados na Associação que não frequentaram a escola, ou que apresentaram situação de evasão escolar foi nulo, e, dos cento e quarenta e quatro alunos participantes atualmente do projeto, cinco foram reprovados em suas respectivas classes¹⁵.

¹⁵ Dados disponibilizados pela Associação Orquestrando Arte.

Em relação aos alunos que compõem a Associação, esses se caracterizam por serem majoritariamente mulheres, seguidas de homens, com maior porcentagem de cor branca, negra e parda, respectivamente, e de diversas religiões, sendo, a principal, a evangélica. No que tange à idade, encontra-se maior participação de alunos adolescentes -de doze a dezoito anos incompletos -, seguido de crianças de cinco a onze anos, e jovens, de dezoito a vinte e quatro anos, distribuídos, em maior número, na oficina de orquestra e com os instrumentos violino, flauta doce, viola, percussão, flauta transversal, trompa, violoncelo, trompete, trombone, contrabaixo, clarinete, guitarra e piano, seguidos da oficina de dança, da oficina de teatro e da oficina de canto coral. Ainda, cerca de dez alunos possuem algum tipo de deficiência, os quais são acompanhados pelos professores e profissionais voluntários nas oficinas ou em acolhimentos individuais¹⁶.

Ainda, a grande maioria dos alunos frequenta a instituição no período da tarde, sendo que o deslocamento de quase a totalidade dos alunos até a Associação se dá principalmente através de ônibus privado, custeado pela instituição¹⁷.

Ampliando os dados, a grande maioria dos alunos possui renda familiar entre um e dois salários mínimos, sendo a residência composta principalmente por três moradores, os quais têm como plano de saúde principal, o Sistema Único de Saúde (SUS)¹⁸.

Se tratando das mulheres, mais especificamente as adolescentes, visto que são os sujeitos que me propus a acompanhar nessa pesquisa, elas se dividem entre a oficina de dança, onde se encontram em maior número, se comparadas ao número total de participantes na oficina, seguido da orquestra e da oficina de teatro.

¹⁶ Dados disponibilizados pela Associação Orquestrando Arte.

¹⁷ Dados disponibilizados pela Associação Orquestrando Arte.

¹⁸ Dados disponibilizados pela Associação Orquestrando Arte

6 OUTROS ENCONTROS

Apresentaremos, a seguir, o percurso da construção dos mapas corporais de Emmy e Zum, levando em consideração seus processos, seus tempos, e as suas narrativas, que retratam as suas histórias de vida, e que foram dando significado aos símbolos, palavras, marcas e desejos colocados no papel. Ainda, serão apresentadas as questões, os agenciamentos e os afectos que foram produzidos a partir desses encontros, e também diante das narrativas e dos símbolos-significado que os mapas corporais comportam.

No processo de relato de uma trajetória singular, de acordo com Silva e Barros (2010), não há a busca por uma verdade absoluta ou por um itinerário coeso, mas sim, o registro de uma versão particular de sentimentos e acontecimentos históricos narrados por uma determinada pessoa, que são compreendidos pelo prisma da indecisão, da incerteza, das contradições e da dúvida. Dessa forma, a narrativa, para Cunha (1997) não se configura como a verdade literal dos fatos, mas sim, a representação que deles faz o sujeito, e, no momento em que uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, ela reconstrói a sua trajetória percorrida, dando-lhes novos significados, e podendo, com isso, transformar a sua realidade.

A experiência do dizer, para a cartografia, de acordo com Tedesco, Sade e Caliman (2013), não busca a representação da experiência, de objetos ou estado de coisas, mas sim, o acesso à própria experiência, encarnada na fala, que pode ser percebida através dos componentes extralinguísticos como variações de entonação, de ritmo, de velocidade, além de expressões faciais e corporais, que refletem a intensidade da experiência que está em curso. Para isso, ela pressupõe ao pesquisador a adoção de um manejo menos diretivo, e uma ampliação da escuta e do olhar, o que possibilita o vagar mais amplamente pela experiência.

Saliento que, nessa escrita, as narrativas dos participantes não serão apresentadas como a verdade absoluta sobre os fatos, mas sim, serão utilizadas como um meio para se por a pensar com o que surgiu nelas e com elas. Dessa forma, serão apresentados trechos que fizeram sentido para o processo da pesquisa e que retratam os processos singulares de cada uma das participantes.

6.1 EMMY

*“Se ame do jeito que você é!”
“A música é uma das formas de se expressar”.*
(EMMY, 2018).

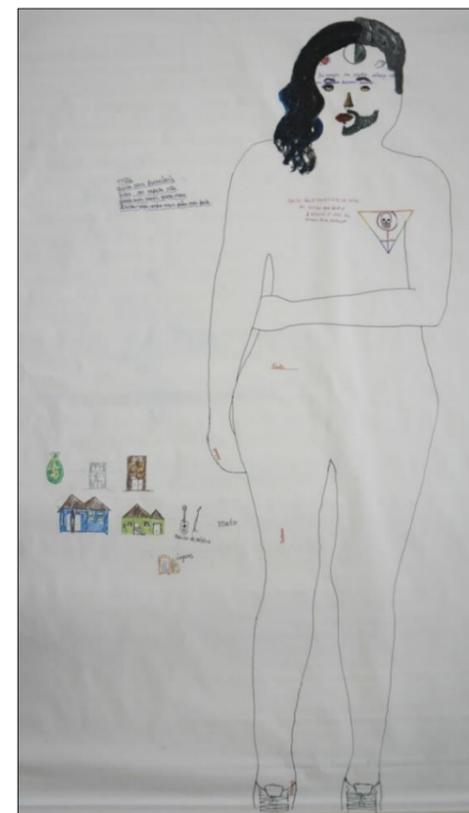
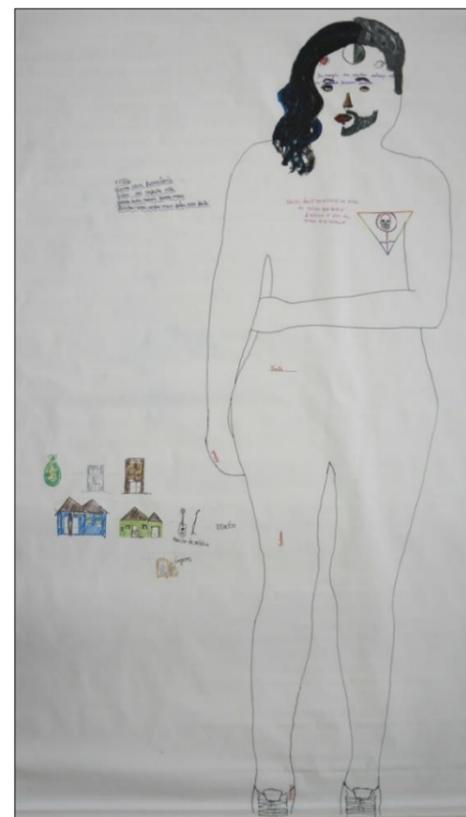
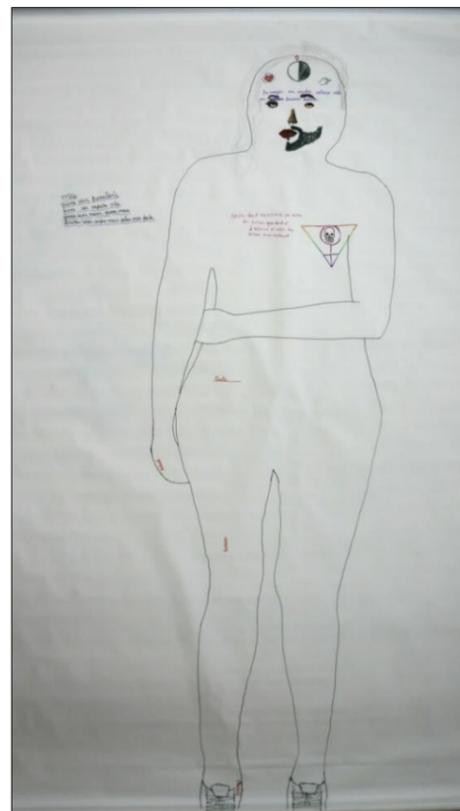
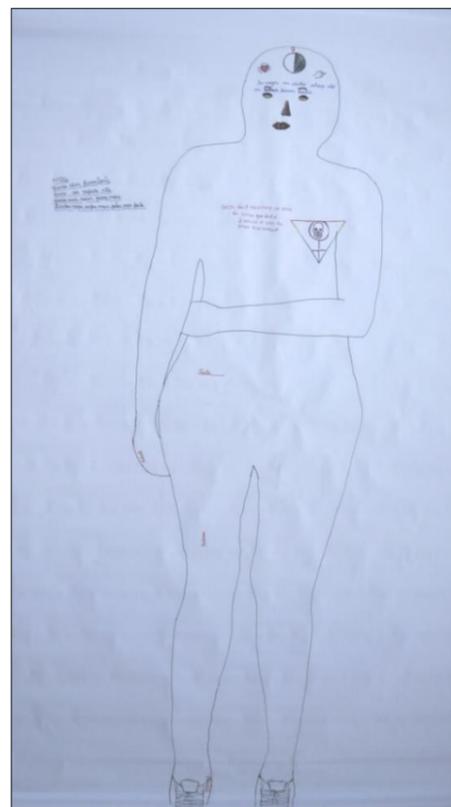
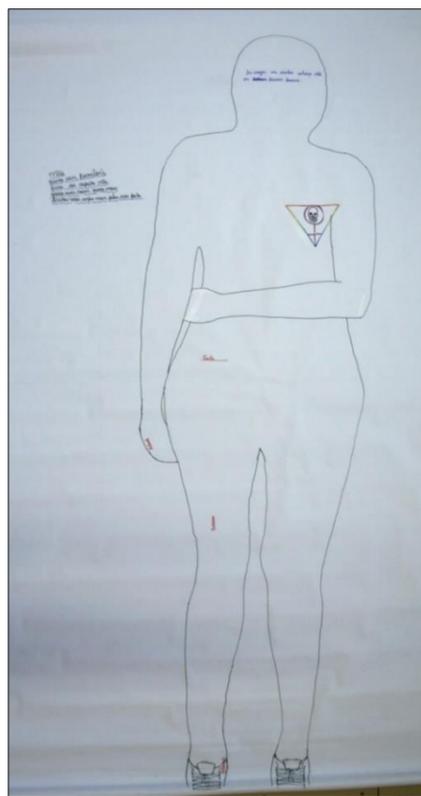
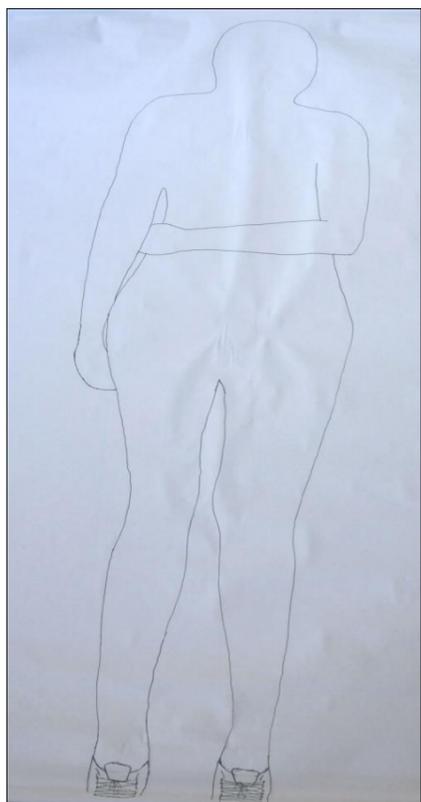


Figura 1: Processo de confecção do mapa corporal de Emmy. Fonte: A Autora.

“Emmy possui 13 anos, reside no bairro Passo d’Areia, junto da mãe, do padrasto, do irmão e do avô, pai de seu padrasto. Atualmente frequenta o oitavo ano em uma escola pública pelo período da manhã, e, no período da tarde, frequenta a Associação Orquestrando Arte, na oficina da orquestra, tendo, como instrumento, a viola.

A relação de Emmy com o pai biológico é complicada, pois o mesmo separou-se de sua mãe quando ela era ainda um bebê, mas, atualmente, Emmy relata manter contato com o pai, sendo que esse se dá com maior frequência em determinados períodos.

Atualmente, Emmy faz uso de telefone e televisão, mas, há pouco tempo atrás, fazia uso somente da televisão, pois estava sem acesso ao celular. Porém, com a permissão do uso desse aparelho, faz uso das redes sociais Whatsapp, Facebook, Messenger, Instagram e Snapchat, que favorecem tanto a interação com seus amigos, quanto o acesso a diferentes informações.

Emmy tem como referencial de beleza uma mulher que não seja nem muito gorda, nem muito magra, que tenha um diálogo bom, que saiba conversar bem, que não fale tantas besteiras e tenha bom caráter.

Já em relação aos cuidados que possui com o próprio corpo, Emmy se considera uma pessoa vaidosa, pois não dispensa o uso do secador de cabelos no seu dia a dia. Também, hidrata o cabelo com frequência, o qual tem a cor castanho, aspecto ondulado – quando não utiliza o secador e a chapinha - e comprimento que se estende até a metade das costas, além de fazer a sobrancelha semanalmente. Até pouco tempo atrás também fazia uso da chapinha, mas, por conta dos danos que essa causou ao seu cabelo, não tem a utilizado mais. Emmy também realiza, em casa, alguns treinos de alta intensidade para queima de calorias e também para partes específicas do corpo, como quadril, cintura e braços, o qual acessa através de um canal disponível no youtube¹⁹. Ainda, substitui algumas refeições como o almoço e o jantar pelo shake vendido pela empresa herbalife, sendo o uso permitido pelos familiares.”

¹⁹ Youtube refere-se a uma plataforma de compartilhamento de vídeos, disponível e acessado através do link: <https://www.youtube.com>

Durante os encontros Emmy esteve sempre muito disponível para as atividades da pesquisa, falando sobre a sua história e as suas reflexões realizadas a partir da criação dos símbolos que compõem o seu mapa. Também, apresentava-se sempre muito comunicativa, o que favoreceu para que os diálogos fluíssem com naturalidade e para que a relação entre nós não se pautasse estritamente nas atividades da pesquisa. Com isso, situações pessoais de Emmy ocorridas em concomitância ao processo dos encontros, acabaram sendo incorporadas nestes, os quais puderam ser pensados como um espaço de escuta e de acolhida para a adolescente.

Pensando no processo de construção do mapa corporal de Emmy, no primeiro encontro, o papel antes plano e branco, passou a ter um corpo, a abarcar uma forma, que retrata uma postura característica adotada quando Emmy está parada e em pé, e que surgiu, inicialmente diante da observação de alguns amigos e de uma posterior auto-observação sobre o próprio corpo.

Levando em consideração as formas assumidas pelo corpo, Keleman (1994) nos afirma que essas têm certa durabilidade, pois durante a nossa existência, “temos a capacidade de formar muitos corpos, eus, personalidades e de ter muitas vidas no curso de nossa vida” (KELEMAN, 1994, p.22).

As formas corporais, segundo Favre (1994), são construídas por afetos, percepções e imagens, num movimento de construção simultâneo, moldadas e geradas pelas experiências que condensam fluxos naturais e sociais por variados períodos de duração.

Segundo a mesma autora, o modo como a forma corporal é construída, também gera padrões de organização corporal, com modos de funcionamento, de assimilação, de resposta, intensidades, sentimentos, emoções, imagens, mensagens, ritmos e territórios existenciais, que “acompanham os ritmos dos múltiplos corpos que se sucedem num *continuum* ao longo de nossa vida” (FRAVRE, 1994, p.8).

Nas palavras de Liberman (2008)

“[...] criar corpos e experimentar diferentes formas é um desafio e uma necessidade. Podemos observar esses processos de um contínuo devir no mundo, por exemplo, ao acompanhar bebês e crianças muito pequenas em suas brincadeiras e desafios: deitada, sentada, engatinhando ou na posição ereta, a criança pode vivenciar e produzir modos diversos durante o desenvolvimento, a maturação e a assimilação de suas empreitadas. A cada momento, com a construção de seus corpos, os bebês e crianças têm condições de ampliar seus mundos e produzir outros territórios existenciais. Do ponto de vista do processo, a vida seria, então, uma sucessão de formas, que se movem mais ou menos como num filme” (LIBERMAN, 2008, p. 30)

Assim, a representação que Emmy faz de seu corpo no papel, bem como, as reflexões e significações compartilhadas por ela nesse processo da pesquisa, compreendem a forma atual que ela está vivenciando neste período da vida, constituída por seus múltiplos elementos.

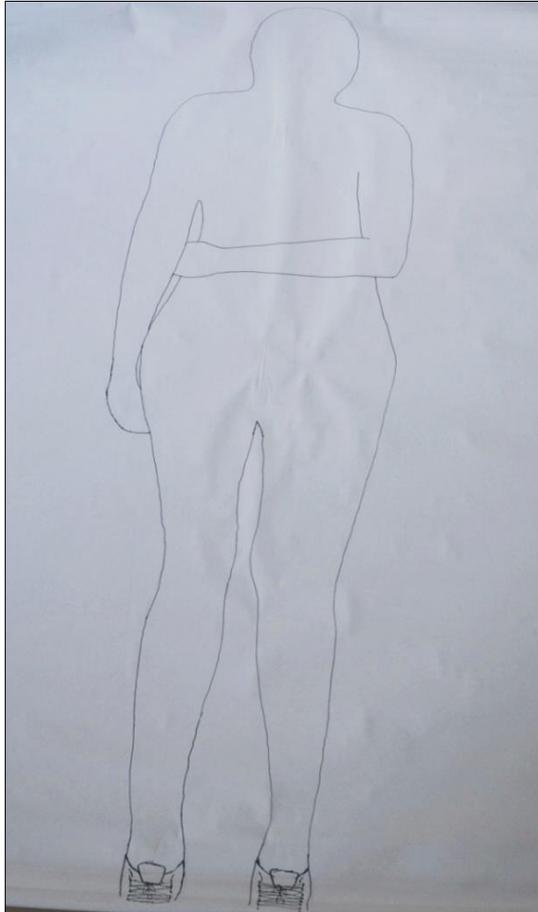


Figura 2: 1º Sessão de mapeamento corporal de Emmy. Fonte: A Autora.

Algumas narrativas da participante trazidas diante da escolha da cor preta para realizar o contorno de seu corpo do papel, me convocaram a refletir a respeito dos referenciais de gênero expostos pela mídia e muito utilizados ainda na sociedade, pois, em seu relato, Emmy afirma que,

“[...] eu acho que é tudo já pelo meu gosto, meu estilo, tudo já meio que vai influenciando para a minha cor predileta ser preto... (pequena pausa)... eu sou bem o invertido das meninas tipo, digamos assim, que curtem rosa... essas coisinhas assim... eu sou bem o contrário... (pequena pausa)...” (1º sessão de mapeamento corporal – dia 11/04/2018).

De que modo esses referenciais se expressam na constituição da identidade das adolescentes? Como o fato de corresponder ou não corresponder a esses referenciais interfere

na subjetividade das adolescentes e na relação com seus pares? Quais questões estão em jogo quando se assume uma identidade que não condiz com os referenciais de gênero esperados?

A forma como os sujeitos expressam seu gênero e sua sexualidade, de acordo com Toledo (2014) é constituída através de mecanismos sociais disciplinadores e normatizantes, que agem de forma capilarizada, violenta e perversa ao buscar o enquadramento das sexualidades e expressões de gênero, diante da imposição de normas e receitas de como viver e demonstrar publicamente a feminilidade e a masculinidade.

Diante da narrativa de Emmy, pode-se perceber como ao mesmo tempo em que ela reconhece esses referenciais, ela não se identifica com eles, sendo que, este fato, de acordo com Toledo (2014) possui um caráter político, pois, ao mesmo tempo em que são reconhecidos e denunciados esses mecanismos sociais de normatização, se afirma o direito à diversidade de expressão sexual e de gênero.

Que peso tem para um adolescente assumir uma identidade não-normativa? Que potência existe nesse movimento? De que maneira o ato de não se identificar com um referencial afirma uma identidade singular?

No decorrer do percurso de construção do mapa com Emmy, pode-se perceber o quanto o padrão de corpo contemporâneo, já retratado nesse trabalho, está presente em seu corpo e se traduz em algumas ações cotidianas, como no caso da substituição das refeições pelo *Shake* e pela rotina de exercícios que realiza, cujo objetivo é perder calorias, afinar a cintura, definir a barriga e tonificar as pernas e os braços, atributos que estão presentes na concepção do corpo contemporâneo “saudável dominante”.

Diante disso, reflito sobre o modo como esse padrão exerce influência na imagem corporal da adolescente, e na percepção que tem sobre si mesma, pois, mesmo apresentando um corpo semelhante ao padrão de corpo ideal, ela se mostra insatisfeita, realizando diversas ações com o objetivo de tornar o seu corpo o mais semelhante possível ao padrão de corpo dominante, ao qual possivelmente tem acesso através dos vários meios de comunicação que faz uso.

“[...] tipo, eu olho pra mim, não gosto de mim... tipo, eu olho, eu tipo... já tive anorexia e talz, não sei se ainda tenho direito, não entendo muito, mas eu olho pra mim, e eu tipo, na época que eu tinha anorexia, eu olhava pra mim e eu não gostava do meu corpo... eu podia tá com 10 quilos abaixo do peso que eu tinha, que eu não ia gostar, e ai eu ficava tipo, sem comer por horas e horas, eu não tomava café, eu não almoçava, eu não jantava, ficava tipo, só tomando água, água, água e água... uma hora eu comia uma banana pra mim não desmaiar, era isso... e exercício, exercício... ai eu fui tentando mudar isso, hoje não é tanto, mas eu não diria que um dia ainda não pretendo, eu não gosto do meu corpo, não gosto mesmo, eu olho pra mim eu não gosto de mim... eu tento tipo, olhar de alguma outra forma pra tentar: ah... mas tu

tem tal coisa bonita, e eu não consigo... eu não queria ser assim, mas... infelizmente, eu ainda tenho isso...” (3º sessão de mapeamento corporal – dia 26/04/2018).

Autores como Frois, Moreira e Stengel (2011) explicam que a imagem corporal do adolescente é formada diante das percepções que ele tem sobre si mesmo e sobre a relação que ele mantém com os outros. Desde o nascimento, a imagem corporal é construída através de significações que são dadas, inicialmente, pelos pais. Porém, com o avançar da idade, e com as experiências e referências possibilitadas e conhecidas pelo mundo que o cerca, o adolescente adquire outras representações e significações para o seu corpo, incorporando novas noções sobre si. Dessa forma, os mesmos autores afirmam que “as imagens do corpo vão sendo reconstruídas ao longo da vida do indivíduo, imbuindo-o de significações a partir das vivências que outras referências lhe apresentam” (FROIS, MOREIRA, STENGEL, 2011, p. 72).

Porém, mesmo que a construção e reconstrução da imagem corporal seja um processo cíclico da vida, é na adolescência que segundo Frois, Moreira e Stengel (2011) esta se dá de modo estruturante, configurando a conquista de uma identidade corporal, onde os adolescentes buscariam figuras idealizadas, incluindo o modelo de corpo ideal que o mundo oferece. Também, “passam a desejar novas roupas e acessórios, outros espaços, vínculos, novos corpos e paradigmas” (FROIS, MOREIRA e STENGEL, 2011, p. 75), o que corrobora para que as identidades, segundo Santos (2006), apud Toledo (2014) “sejam múltiplas, constituídas por uma infinidade de elementos sociais que entrecruzam no sujeito de maneiras variadas, onde compreender a construção da própria identidade como algo fixo e definitivo, implicaria na exclusão de outras várias possibilidades de existência” (SANTOS, 2006, apud TOLEDO, 2014, p. 29).

Lendo esse trecho, pensei: De que maneira pode se afirmar, se for possível, uma existência na contemporaneidade, abrindo mão dessa ampla gama de referenciais?

Para Rolnik (1998),

“[...] as subjetividades hoje: arrancadas do solo, elas tem o dom da ubiqüidade-flutuam ao sabor das conexões mutáveis do desejo com fluxos de todos os lugares e todos os tempos, que transitam simultâneos pelas ondas eletrônicas. Filtro singular e fluido deste imenso oceano também fluído. Sem nome e sem endereço fixo, sem identidade: modulações metamorfoseantes num processo sem fim, que se administra dia a dia, incansavelmente” (ROLNIK, 1998, p. 1).

Ainda, me questiono: De que modo esses referenciais influenciam nos processos de subjetivação? Qual a necessidade de utilizar esses referenciais para se reconhecer, dizer de si mesmo?

Rolnik (1998) ainda afirma que,

“O estranhamento toma conta da cena, impossível domesticá-lo: desestabilizados, desacomodados, desaconchegados, desorientados, perdidos no tempo e no espaço – é como se fôssemos *homeless*, “sem casa”. Não sem a casa concreta, (grau zero da sobrevivência em que se encontra um contingente cada vez maior de humanos), mas sem o “em casa” de um sentimento de si, ou seja, sem uma consistência subjetiva palpável, familiaridade de certas relações com o mundo, certos modos de ser, certos sentidos compartilhados, certa crença. Desta casa invisível, mas não menos real, carece toda a humanidade globalizada” (ROLNIK, 1998, p.1).

Durante o processo dos encontros com Emmy, e, diante de uma atividade de criar o um símbolo pessoal, que tinha o intuito de representar quem ela era, Emmy utilizou três referências diferentes, com significados distintos, e montou uma composição, que consistia em

“[...] o símbolo feminista né, porque eu tenho, eu já tenho quase certeza que eu tenho um leve feminismo dentro de mim, porque eu sou muito de ser a favor dos direitos das mulheres e falar quando precisa se falar, sabe... então, ahm.... a parte do feminismo, do símbolo feminista é isso... e a caveira é porque dependendo da forma como tu for olhar a caveira, a caveira... muitas pessoas falam que a caveira também é, digamos, um monstro, e na minha opinião tipo, toda a pessoa meio que tem um lado meio... mais monstro dentro dela, então... é mais ou menos isso... e também porque eu gosto muito da caveira... principalmente a caveira Catrina, que é uma caveira *La Muerte*, que é muito cultivada lá no México, né... que as mulheres se pintam... (pequena pausa)... e o **triângulo**? O triângulo faz parte também do símbolo feminista e lésbico... é meio que uma mistura entre os dois que fizeram...” (2º sessão de mapeamento corporal – dia 18/04/2018).

A mesma situação aconteceu com a criação do slogan pessoal, onde Emmy se apropriou de uma parte da letra da música “Elas por Elas” (letra completa em anexo), do Obinrin Trio, para representar uma frase, ou dizer que carrega junto de si como uma filosofia de vida. O trecho escolhido e colocado em seu mapa, ao lado de seu corpo e na altura do peito diz, “Não quero seus parabéns, quero seu respeito/Não quero suas rosas, quero meus direitos/Meu corpo, meus pêlos, meus peito”, sendo os significados atribuídos por Emmy, relatados a seguir:

“[...] eu coloquei mais ou menos na altura do peito, né, porque tipo... é... a mulher... ela... tem isso do peito né, e talz... é... talvez não faça muito sentido... mas a mulher tem... é...essa coisa do peito... usa sutiã, essas coisas assim... ahmm... e também tem, tipo, mulher velha, padrão social, ter peito grande... um monte de coisas nesse

sentido, mais ou menos, que eu resolvi colocar...” (2º Sessão de mapeamento corporal – dia 18/04/2018).

Levando em consideração a utilização dos diversos referenciais, expostos a todo o momento pelos diversos meios de comunicação, e dos arranjos que foram realizados por Emmy, pôde-se perceber uma dificuldade em dizer quem se é, em se narrar, que pode ser pensada diante do período da vida em que se encontra e que se configura como uma fase instável, de modificações corporais muito intensas e rápidas, somadas a um processo de maturação cognitiva, social e psicológica, denominado por adolescência.

A utilização desses referenciais e o modo como ela os apreende e os significa, nos fez lembrar da bricolagem, do francês “*bricolage*”, que significa, segundo Neira e Lippi (2012) “um trabalho manual feito de improviso e que aproveita materiais diferentes” (NEIRA, LIPPI 2012, p. 610), sendo ainda, de acordo com Loddi (2010) utilizada com frequência para identificar um método de “faça você mesmo”, aparecendo em grande escala em revistas, sites, lojas, cursos de jardinagem, marcenaria, pintura e decoração. A bricolagem, atualmente, também se configura como um método científico, onde o pesquisador, de acordo com Campos e Ribeiro (2015) se utiliza de diversas informações, conhecimentos, formas de mensagens que possui e atividades intelectuais para gerar um novo conhecimento.

Fazendo um paralelo, pode-se pensar através das construções de Emmy, ela como uma *bricoleurs*²⁰ de sua própria identidade, pois, diante dos vários referenciais pulverizados na contemporaneidade, ela cata as que mais lhe são afins e dá novos nomes, significados e novas composições, as quais passam a ser uma forma de apresentação de si própria, um meio encontrado de facilitar o processo de dizer quem é.

Pensando nas palavras de Rolnik (1998), já mencionadas nesse trabalho, e que nos traz as subjetividades hoje como algo que flutua a sabor dos ventos e ritmos do mercado, produzindo identidades sem uma consistência subjetiva palpável, me questiono a respeito da potência e da impotência que existe no movimento de ser um *bricoleur* da própria identidade.

Cartograficamente pode-se visualizar nesse movimento uma linha móvel, uma linha de criação, que se dá diante do ato de construir e dar forma a um si possível através de algo que estava disperso, o que foi possibilitado pelo uso da bricolagem, que auxiliou a produzir o novo a partir do já conhecido, fazendo fugir, em parte, das formas prontas por elas mesmas, mas que se construiu pelo arranjo dessas e dos significados dados singularmente a elas, o que pôde ser observado no mapa corporal de Emmy.

²⁰ Pessoa que se utiliza da bricolagem.

Também, durante um dos primeiros encontros, Emmy realizou um movimento, me questionando se eu era a favor de Jair Bolsonaro para presidente do Brasil. Eu lhe perguntei o que ela achava, e voltei a pergunta para ela, refletindo sobre o porquê de ela ter realizado essa pergunta para mim. Ela então me informou que, em sua casa, a sua mãe, o seu padrasto e o seu avô o apoiam. Eu lhe perguntei, então, se na sua família eles conversavam sobre política, e Emmy afirma que sim, mas que sempre que são abordados esses assuntos ocorrem conflitos na família,

“[...] da treta né... dá muita briga.... eu principalmente, porque eu saio brigando com todo mundo quando começam a falar dele, porque... eu acho que... esse cara é meio complicado... tipo... eu respeito quem gosta mas... quem quer seu respeito eu também quero que respeite o meu, o que eu gosto... o que eu acho...” (1º sessão de mapeamento corporal – dia 11/04/2018).

Ainda, relata que, “[...] é... é meio complicado o cara entrar nessa questão...(pequena pausa)... e já... que eu sou adolescente, né... ai eu meio que não tenho uma opinião... muito... certa...(pequena pausa)...” (1º sessão de mapeamento corporal – dia 11/04/2018).

Diante dessa narrativa, pode-se perceber, novamente, o quanto os referenciais, nesse caso, as características socialmente atribuídas à fase da adolescência, participam da construção de sua subjetividade, pois elas acabam sendo incorporadas e legitimadas através de seus próprios discursos, que tratam das suas opiniões como algo sem valor.

Partindo de algumas falas de Emmy, que retratavam quem era para ela Jair Bolsonaro, e de como esse era preconceituoso com os diferentes modos de ser das pessoas, senti a necessidade de lhe questionar sobre a sua sexualidade, buscando entender se ela já tinha uma orientação sexual definida ou se estava em um processo de experimentação. Ela, após se certificar de que essa questão seria acolhida na pesquisa, dada diante de algumas falas minhas que iam de encontro com as suas, afirma ser lésbica, porém, relata que esse fato é desconhecido oficialmente pelos pais, apresentando a necessidade também de se certificar que os seus pais não teriam acesso aos nossos encontros e o que seria abordado neles.

Diante dessa afirmação, o questionamento de Emmy, dirigido a mim e que tratava sobre a minha posição frente à Bolsonaro, reverberou em mim como um modo que ela encontrou de saber minimamente quem eu sou, quais são as minhas opiniões frente principalmente à homossexualidade, e também, de quais questões ela poderia compartilhar comigo nesse processo da pesquisa, pensando no *como* elas seriam acolhidas naquele espaço.

Conforme relato em meu diário de campo “[...] ela ia se colocando aos poucos no papel... suas falas eram cuidadosas, visto que estava me conhecendo... ponderava o que iria

expor, e o como, tentando se certificar que seria acolhida naquele espaço” (DIÁRIO DE CAMPO, anotações de 11/04/2018).

Emmy relata ainda que, as várias falas preconceituosas proferidas por Bolsonaro e reproduzidas tanto por seus familiares, quanto pela sociedade em geral, gera uma marca emocional, que evidenciou em seu mapa como “As vozes em minha cabeça não me deixam dormir”, cujos significados são atribuídos a,

“[...] no caso é comentários, falas, coisas que as vezes até meus pais me falam... tipo que a gente tem uma boa diferença de opinião, muitas coisas que eles falam é por não saber como eu sou de verdade e isso acaba me machucando e isso fica tempos e tempos na minha cabeça... tipo... meio que dizendo pra mim falar, né?! E falar, e falar, e falar, só que eu não posso... então tipo, fica isso na minha cabeça...” (2º sessão de mapeamento corporal- dia 18/04/18).

Ao mesmo tempo, Emmy consegue identificar em si mesma uma força para enfrentar as dificuldades que encontra no dia-a-dia, bem como, reconhece, através “[...] do jeito que eles olham, do jeito que eles falam, do que jeito que eles, quando a gente conversa, tudo... eles falam de uma forma diferente, do jeito que eles demonstram os sentimentos por mim, dá pra perceber...” (3º Sessão de mapeamento corporal – dia 26/04/2018), o apoio dado por terceiros, os quais segundo elas se caracterizam por

“[...] basicamente são 3 lugares...são aqui, que tipo, todo mundo é muito tranquilo e me aceita do jeito que eu sou e diz: pára, tu é boa, tu consegue, então é aqui... basicamente na casa da minha amiga D., que é essa que é minha irmã praticamente, que lá os pais dela eu reconheço até como meus pais também... [...] e... no meu pai também, porque mesmo que eu não veja as vezes muito ele, a gente não tenha uma amizade assim Meu Deus, ele me aceita e me ajuda, então é basicamente com esses 3 lugares que eu consigo seguir, sabe...” (3º Sessão de mapeamento corporal – dia 26/04/2018).

Se tratando desses locais, Emmy decidiu representá-los através de símbolos, colocados em seu rosto, junto da marca emocional e do autorretrato.

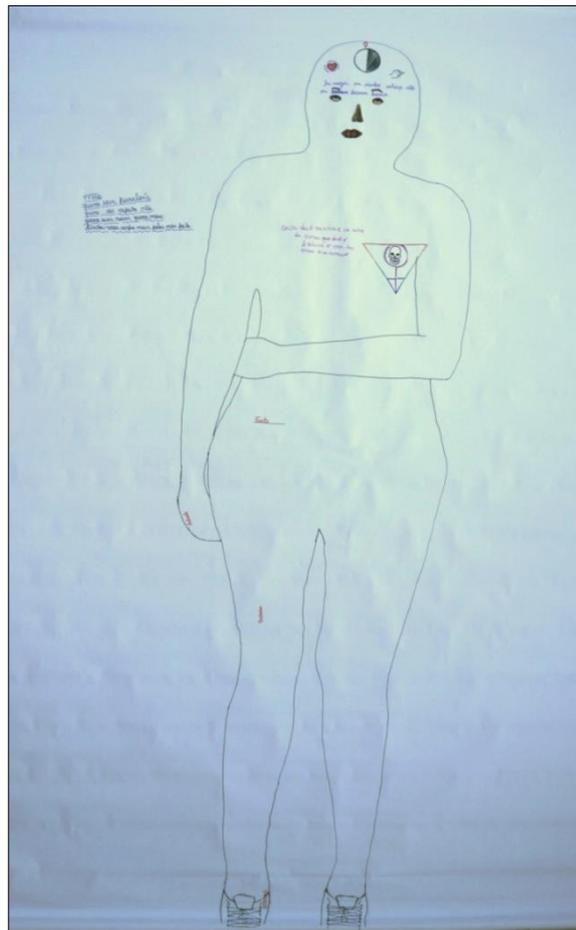


Figura 4: 3º Sessão de Mapeamento Corporal de Emmy. Fonte: A Autora

A partir do momento em que Emmy reconheceu o espaço da pesquisa como um local de escuta para as questões de sua sexualidade, esse tema se fez presente no decorrer dos outros encontros, até o término da pesquisa. Esse pensamento fica evidente diante de uma cena, que relato em meu diário de como

“Ao final do encontro, ela levanta e me abraça... um ato que eu não esperava, e que chega a mim como um momento de reflexão a respeito do quanto o nosso encontro é importante para ela, e de como ele se traduz um momento em que ela tem para conversar sobre assuntos que ela não consegue conversar com outras pessoas...”
(DIÁRIO DE CAMPO – anotações de 18/04/2018).

Diante de alguns atravessamentos gerados pelas questões e situações ocorridas diante da sexualidade de Emmy, me coloquei a pensar. Como as experiências pessoais interferem na relação dos sujeitos, de modo a ampliar a escuta e a acolhida nos diversos espaços? Que potência tem os encontros de atualizar os conceitos pré-estabelecidos e que estão presentes nos sujeitos? Como as questões singulares vivenciadas pelos homossexuais e/ou bissexuais

dizem de um nós, um plural? De que forma os movimentos sociais ou espaços de compartilhamento atuam como locais de fortalecimento e de cuidado? Como as vivências, ou o compartilhar dessas, podem auxiliar os diferentes sujeitos em seus processos?

“[...] Durante todos os encontros, desde o momento em que Emmy abordou o tema de sua sexualidade, eu consigo me visualizar em suas falas... Elas me atravessam pelo fato de eu ser bissexual e namorar outra mulher, atualmente... de ter enfrentado esses movimentos com minha família, e de saber que eles não são fáceis... e eu sei, é diferente você acolher algo quando você já vivenciou e quando não vivenciou... tem coisas que só quem já vivenciou sabe como é, sabe o se pode fazer... e sei que, por conta disso, consegui acolher em todas as instâncias essa forma de ser de Emmy, e isso contribuiu para a nossa vinculação... “há algo em nós que nos liga, que nos atravessa, que nos é comum diante de nossa singularidade”. Em um processo pessoal, penso, também, no quanto os espaços de convivência e de militância me possibilitaram ampliar a minha visão sobre determinados assuntos, ser mais empática, me experimentar de outros modos, e obter uma relação para com meu corpo... o quanto esses espaços são potentes, e do quanto o convívio com outro fortalece, nos põem a pensar...” (DIÁRIO DE CAMPO – anotações de 02/05/2018).

Durante o período em que os encontros ocorreram, Emmy relatou o medo que sentia de compartilhar com os pais a sua sexualidade, informando, também, que faria esse movimento somente quando tivesse dezessete, dezoito anos, e fosse morar com seu pai, visto que ela se sentia mais acolhida por ele. Porém, no decorrer da pesquisa, e, diante de algumas mensagens que Emmy trocou com alguns amigos, via *whatsapp*, sua mãe e seu padrasto acabaram descobrindo, e as primeiras reações que a sua mãe teve foi a de não permitir tanto o acesso ao celular, quanto a sua participação na Associação, visto que a mãe, segundo Emmy, já havia realizado algumas observações a respeito dos alunos que frequentam aquele espaço

“[...] e aqui no projeto tem muito... é tipo... muito menino gay, muita menina lésbica... muita menina bi... gente assim sabe... porque... eu acho que é muito porque aqui, aqui é um lugar onde todo mundo se aceita da forma que é, não importa a sexualidade, coisas assim... aqui todo mundo é igual nessa parte, a gente tá aqui pra aprender alguma coisa, e ai... ähmm... a mãe observou que tinha muita gente aqui assim...” (2º Sessão de mapeamento corporal – dia 18/04/2018).

Ao questionar Emmy sobre a forma como esse movimento ocorreu, a mesma relatou que, como sabia que sua mãe e seu padrasto monitoravam suas mensagens, acabou por deixá-las visíveis intencionalmente para que eles descobrissem. Esse fato também me convocou a refletir no quanto o espaço da pesquisa, por ter se configurado como um espaço de escuta a fortaleceu e no quanto o ato de narrar a história de vida permitiu vivenciar novamente a experiência, tendo a possibilidade de refletir sobre os fatos e agir a partir disso, se essa for a

sua vontade. Também, no quanto essa forma de pesquisa possibilita uma aproximação com os sujeitos, e de como uma escuta de qualidade se faz importante nos diversos espaços.

Uma fala de Emmy me convocou, também, a refletir no quanto se fazem necessários espaços de escuta para os adolescentes. Espaços que legitimem as suas falas, que as acolham, e que possam auxiliá-los em seus processos do adolecer, pois, em sua narrativa, Emmy afirma, ao final de nosso quarto encontro que iria sentir falta, após o término da pesquisa, de estar ali, de estar naquele espaço, por ora, instituído pela pesquisa. Esse pensamento foi reafirmado diante de um questionamento de Emmy a respeito de meu trabalho, onde procurou saber se o tema da pesquisa era escolhido pelo professor-orientador ou pelo aluno-pesquisador, e, após a minha explicação, afirmou

“[...] eu acho muito legal esses tipos de trabalho assim, é uma formas de, porque... de uma certa forma, os adultos eles sempre, quando eles pensam que a gente da cidade, a gente não tem opinião né, que a gente só pensa besteira e que nada que a gente fale é uma coisa certa... então tipo, quando alguém pede, faz um trabalho assim para a escutar a gente, saber o que a gente pensa, é bem legal... pelo menos eu acho, né...” (3º Sessão de mapeamento corporal – dia 26/04/2018).

Durante uma das atividades realizadas no terceiro encontro, que consistia em refletir a respeito de si próprio, trabalhando com a imagem do rosto no papel, Emmy apontou a vontade de fazer um autorretrato onde metade do rosto continha traços femininos e a outra metade traços masculinos. Para isso, utilizou-se de recortes de revistas, porém, percebendo que as imagens que ela havia utilizado não deixavam essas características tão evidentes, retomei a atividade, no encontro seguinte, questionando a ela se a imagem produzida havia contemplado o modo como gostaria de ser retratada. Ela então relatou que não, e se utilizou de canetinhas para deixar as características femininas e masculinas mais marcadas em seu mapa.

Pode-se perceber, com esse movimento, que Emmy novamente faz uso da bricolagem, pois, através da apropriação das imagens disponíveis nas revistas, ela se autorretrata, intervindo sobre elas com o uso das canetinhas cujo objetivo foi deixar as características masculinas e femininas mais evidentes. Com isso, ela produz um novo, criando um si possível e se experimentando com as formas.

Nesse contexto, o mapa corporal se constituiu como um território possível de experimentações, auxiliando Emmy em seu processo de dizer quem é, de inventar um si mesmo a partir das reflexões e símbolos-significados nele colocados, servindo, inclusive, como uma estratégia de resistência à adesão imediata das formas prontas.

Quando questionada sobre o que a composição do autorretrato dizia de si, Emmy relatou

“Porque tipo... eu me lembro que quando eu era pequenininha, eu sempre andava com guri, eu jogava com os guris, sempre joguei futebol... uma vez eu me lembro que as minhas roupas tinham rasgado, uma coisa assim, e eu tive que botar uma roupa de um primo meu... e fiquei lá, de bermudão, e blusa... e eu lembro que todo mundo ficava: meu Deus, que menina é essa, olha essas roupas... e isso me marcou um pouco... então aí eu pensei nessa parte mais masculinizada que as pessoas dizem, né, que tem que ter tipo, um padrão do que as mulheres usam, e se a gente sai desse padrão a gente já se angustia, né... daí eu pensei nisso... e o lado feminino foi porque hoje em dia eu não me vejo essa parte assim... eu sou diferente, com isso de me vestir, tudo... eu tenho um jeito mais feminino porque eu acho que é uma coisa que surge com a idade... aí por isso que eu pensei... porque eu nunca vou, tipo, deixar de não existir aquele lado, vai sempre continuar tendo, mas tipo, vai ser um pouco diferente... aí ai... não sei... hoje eu sou assim, eu ando de pé descalço na rua, eu to com meus amigos... essa blusa aqui, por exemplo, eu tinha ido, até foi a mãe que foi comigo comprar, eu tava procurando blusa do *Star Wars*, e não tinha, não tinha, aí tinha lá em cima, na parte masculina... aí eu achei bonita e a mãe: tá, porque tu não compra? Ai eu: a senhora tá falando pra eu comprar roupa masculina? e ela: sim... ela é bem estranha... ela é 8 ou 80... aí ela falou, compra essa aí, e eu: então tá bom... e comprei... até hoje tenho essa blusa... acho que há 1, 2 anos eu tenho e continuo com ela... eu sou bem assim, eu não to nem aí se é feminino ou se é masculino... eu gostei, eu compro!... não tenho muito isso: ah, não sei o que... até hoje tem muitas roupas que estão sendo unissex... tem mulher que tá usando uma roupa masculina e tem homem que tá usando uma roupa mais feminina, só que dá para os dois usar...” (3º Sessão de mapeamento corporal – dia 25/04/2018).

Algumas falas de Emmy, que compõe a narrativa acima, me fizeram pensar no modo como a sociedade ainda percebe a homossexualidade. Como se, o fato de você ser mulher, e sentir atração, se apaixonar ou amar outra mulher, por exemplo, fizesse de você menos mulher... Ou então, como o ato de você assumir uma sexualidade ou um comportamento não-normativo reverbera no entendimento das outras pessoas sobre as suas vontades, que passam a atribuir como significado a elas a sua sexualidade e o gênero para qualquer mudança que você queira fazer na sua identidade corporal, além de reconhecer a homossexualidade como uma “fase”, um momento de experimentação e curiosidade, como retrata a seguinte fala “é influência dos teus amigos porque tu tá criando o teu estilo masculino” (5º sessão de mapeamento corporal – dia 09/05/2018) realizada pela mãe de Emmy, e dirigida a ela, bem como, o seguinte trecho narrado por Emmy, diante do questionamento a respeito dos motivos que suscitam as discussões entre ela e sua mãe

“[...] ela acha que é uma fase e eu nem respondo porque só pra se estressar... e aí ela fica falando um monte de coisa, tipo, eu sempre uso essa roupa, só que ela olha pra minha roupa e diz que... só que é a mesma roupa que ela compra pra mim a uns três meses atrás digamos, aí ela já fica olhando de uma forma diferente... também, por exemplo, coisas que eu comecei a mudar porque... eu acho que é tudo questão que eu to amadurecendo, to crescendo e vendo as coisas de uma forma diferente, tipo, eu

uma vez que outra gosto de me arrumar, gosto de arrumar meu cabelo, tipo hoje por exemplo eu quis uma coisa diferente, quis me maquiar, só que eu não tenho que ficar toda vez maquiada, gastando maquiagem e destruindo o meu cabelo... eu as vezes lavo meu cabelo e deixo ele secar e pronto ai ela diz que eu não gosto mais de me arrumar... só que agora por exemplo eu queria ir no salão cortar meu cabelo curto, que eu to a um tempão falando, que eu vou usar ele mais natural e não ficar fazendo tanta chapinha e quando eu fizer eu quero deixar ele um curto volumoso, sabe? e ai eu quero fazer isso, só que quando eu quero cortar o meu cabelo ela não quer deixar... dai eu não posso fazer nada também... fica assim...” (5º Sessão de mapeamento corporal – dia 09/05/2018).

Quais significados estão atrelados ao afirmar e sustentar um estilo de vestir não-normativo e um corte de cabelo mais curto?

Apesar de todos esses pensamentos ainda enraizados em nossa sociedade, Emmy escolhe deixar como mensagem às outras pessoas, os dizeres “seja você mesmo e se ame do jeito que você é” (3º Sessão de Mapeamento Corporal – dia 26/04/18) e “a música é uma das formas de se expressar” (3º Sessão de Mapeamento Corporal – dia 26/04/18), colocados em seu peito, ao lado de seu símbolo. Esses chegaram a mim como uma mensagem de força, de luta e de resistência em busca de um *ser quem se quer ser*.

Chegado o último encontro, Emmy realiza o movimento de observar, por alguns instantes o seu mapa corporal já completo, realizando a seguinte narrativa pessoal:

“[...] do que eu vejo, assim, e do que eu acho que as pessoas me vêem também, que eu acho que quero que me vejam que eu sou... tenho as minhas surpresas... sempre tem alguma coisa pra mostrar de diferente... tenho minha própria opinião, que é bem forte... carrego tanto um pouco do meu passado que foi cada vez influenciando, tipo, no que eu sou hoje e no meu caráter... sou muito determinada com os meus sonhos... ähmm... carrego as marcas de algumas dores, né... que todas elas fizeram eu aprender muita coisa... ähmm... tenho tanto um lado bom, também, como um lado ruim... mas sempre tento sobressair o meu lado bom... ähmm... tenho meu lado mais mocinha, digamos assim, mais feminista, mais feminino, mas também tenho o meu lado “muleque”, que eu sempre carreguei desde pequenininha... ähmm... (pequena pausa)... deixa eu ver mais... defendo muito os direitos de cada pessoa... sempre muito isso, sempre faço muito isso, de defender os direitos das pessoas, acho que todos tem que ser tratado de forma igual, defendo muito isso... ähmm... deixa eu ver... acho que sou muito de sonhar também, de criar objetivos em grande escala pra tentar sempre me sobressair, conseguir alcançar... acho que sou muito determinada em algumas questões... huumm... acho que é mais ou menos isso...” (6º Sessão de mapeamento corporal – dia 16/05/2018).

Diante uma fala de Emmy, que afirmou que iria sentir falta de estar naquele espaço após o término da pesquisa, e também, perante as questões trazidas por ela no decorrer dos encontros que me fizeram refletir e relatar em meu diário de campo o trecho abaixo

“[...] Durante os encontros, por vezes, o assunto sobre a sua sexualidade acaba saindo do foco, mas percebo que, logo em seguida, Emmy o retoma novamente... me questiono o quanto ela precisa falar sobre isso, e o quanto ela não encontrou outros

lugares possíveis para falar sobre tal... salientando o quanto é necessário para ela ser ouvida, talvez porque esse fato gere outros sentimentos a ela, e que ela não saiba como lidar com eles...” (DIÁRIO DE CAMPO – anotações de 25/05/2018).

A partir disso, nos colocamos a pensar sobre a necessidade de uma continuidade de cuidado para com ela, e então, sugerimos que ela fosse acolhida e escutada pela Terapeuta Ocupacional da instituição. Para isso, conversamos inicialmente com a terapeuta e, em seguida, com Emmy, com o intuito de saber se essa era sua vontade. A partir dessa, organizamos uma conversa com Emmy e sua mãe, dando uma devolutiva da pesquisa para elas, e salientando para a mãe a importância desse cuidado para com a sua filha.

Em seguida, rerepresentamos a terapeuta ocupacional da Associação Orquestrando Arte, para Emmy, e a apresentamos para sua mãe, finalizando o processo dos encontros com Emmy.

A partir dos encontros possibilitados pela construção do mapa corporal, pôde-se perceber o quanto se faz difícil construir uma identidade e uma subjetividade singular na contemporaneidade, tanto por conta dos diversos referenciais expostos pela mídia, quanto pelas características próprias da adolescência, visualizadas no mapa de Emmy, que retratam uma fase instável e com dificuldade de reconhecimento sobre si mesmo.

Pensando na importância da relação com o outro e com o meio para a construção da imagem corporal dos adolescentes, e, levando em consideração a trajetória que acompanhei de Emmy, bem como de todas as questões, narrativas e símbolos-significados colocados no mapa, foi possível observar o modo como os diversos referenciais influenciam na construção de sua subjetividade e na percepção que tem sobre si mesma, e de quanto eles contribuem no surgimento de riscos como distúrbios alimentares e sentimentos como medo, angústias e baixa autoestima, os quais são produzidos diante da vontade de possuir um corpo aos moldes do corpo oferecido pelos meios de comunicação.

Dessa forma, tornou-se evidente que, com a utilização dos mapas corporais, reflexões sobre si foram produzidas, e, através dessas, junto dos arranjos realizados com as diferentes imagens, uma apropriação sobre si mesma foi possível, visto que essas auxiliaram no processo de se reconhecer, de se narrar, de dizer quem se é.

Ainda, levando em consideração a observação a respeito da necessidade de escuta e de cuidado para com Emmy, penso na potência de trabalho que existe para com esse público, os quais estão em um processo de mudança, e que, por vezes, precisam de espaços de escuta que realmente acolham as suas questões, que levem em consideração os seus tempos, e que os auxiliem em seus processos singulares de constituição.

MAPA CORPORAL DE EMMY

Slogan pessoal:
‘Não quero seus parabéns, quero seu respeito. Não quero suas rosas, quero meus direitos. Meu corpo, meus pêlos, meu peito’.

Análise de pontos fortes e dificuldades

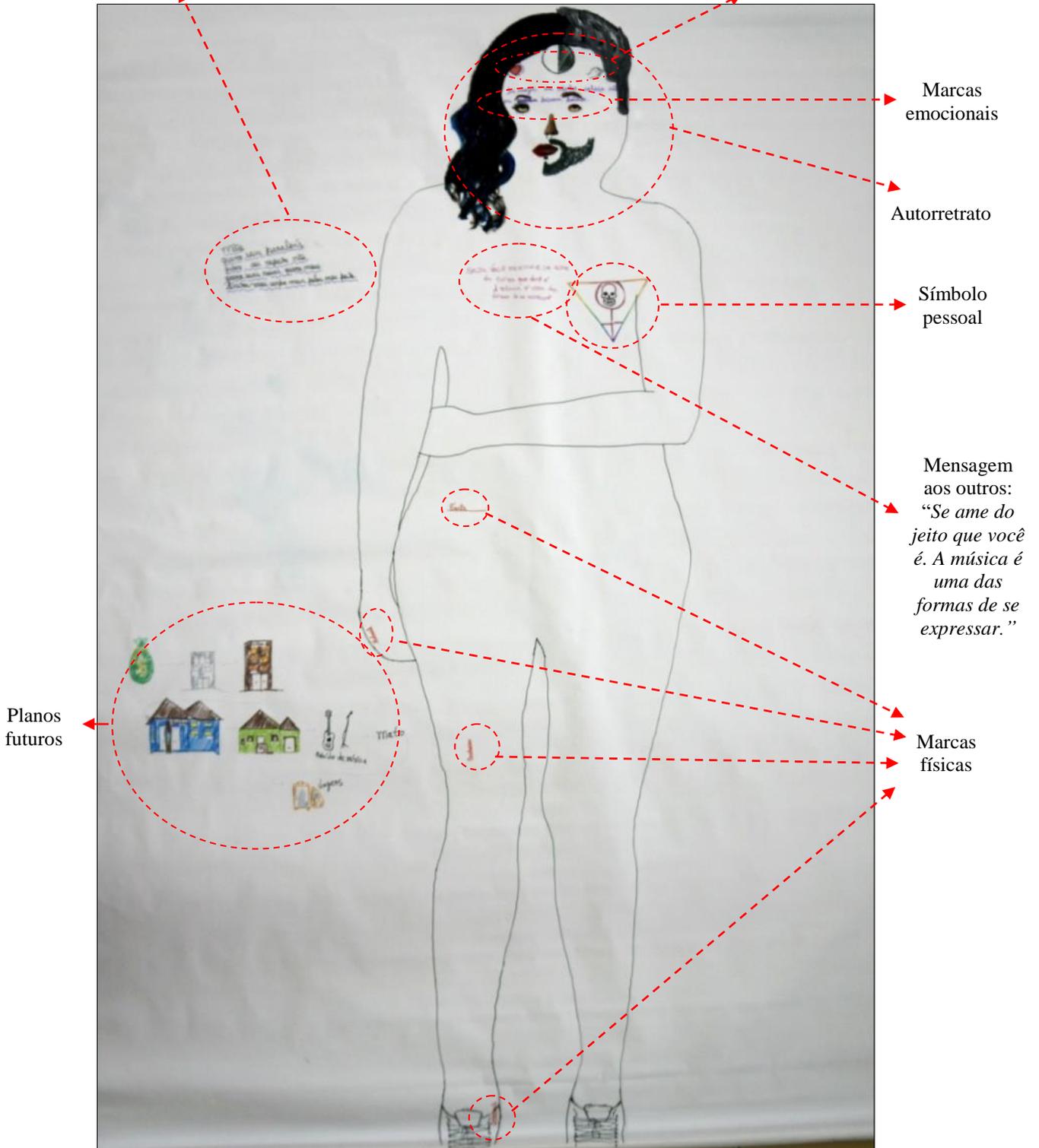
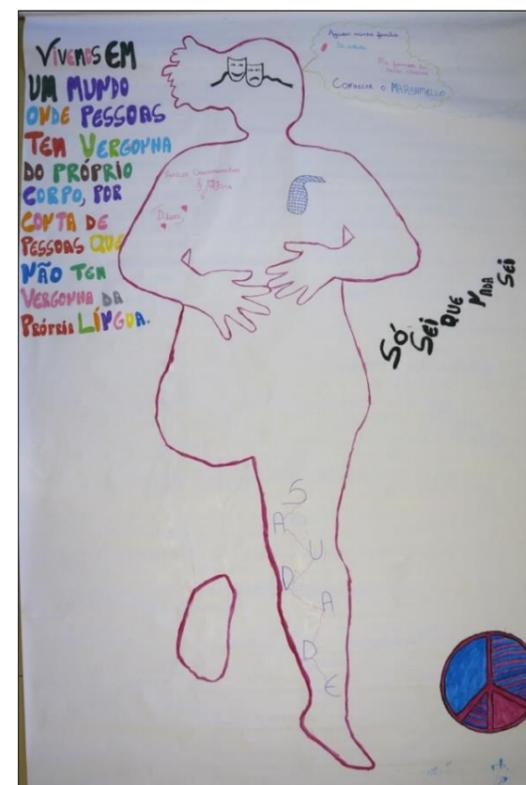


Figura 5: 6º Sessão de Mapeamento Corporal de Emmy. Fonte: A Autora.

6.2 ZUM



“Vivemos em um mundo onde pessoas tem vergonha do próprio corpo, por conta de pessoas que não tem vergonha da própria língua!”
(ZUM, 2018)

Figura 6: Processo de confecção do Mapa Corporal de Zum. Fonte: A Autora.

“Zum possui 13 anos de idade, reside na região oeste da cidade de Santa Maria, junto da mãe, do padrasto, do avô, de uma tia e um tio, ambos irmãos de sua mãe, além do filho de seu tio. No período em que se afastou de sua mãe, Zum relata que seu pai conheceu outra mulher, e, do fruto dessa relação nasceu sua irmã, a qual tem a mesma idade de Zum, e quem recebeu toda a atenção do pai, desde o nascimento. Por conta disso, Zum têm o padrasto como pai, e raramente demonstra interesse em saber do pai biológico, o que acontece principalmente em momentos que envolvem questões referentes ao pagamento da pensão.

No dia a dia de Zum, ela frequenta, pelo período da manhã, o oitavo ano em uma escola particular com bolsa integral, escola onde deu início a sua vida escolar e onde mantém algumas amizades, porém, essas são mais sólidas com os colegas da Associação Orquestrando Arte, frequentada por Zum no período da tarde. Na Associação, Zum participa, atualmente, da oficina de teatro, mas possui passagem pela orquestra e pelo instrumento violino, com o qual realizou inúmeras apresentações.

Em seu cotidiano, Zum também faz uso de celular, televisão e internet, utilizando as redes sociais Whatsapp, Messenger, Facebook e Snapchat, sendo que essas possibilitam a interação a distância com seus amigos, e o acesso a diferentes informações.

Quanto aos cuidados com o corpo, diariamente Zum relata não possuir nenhum em específico, mas, em ocasiões especiais como festas, passa pó no rosto, rímel, batom, faz a sobrancelha e passa creme no cabelo. Por um período, fez uso da academia e realizou acompanhamento nutricional para perda de peso, porém, não os realiza mais devido a condição financeira. Quando questionada o que era para ela uma mulher bela, Zum afirma ser “uma mulher alta, magra – mas não tão magra – e loira”.

Durante o primeiro encontro que tive com Zum, que foi acompanhado pela sua mãe e que tinha o intuito de apresentar a pesquisa e obter a autorização e o consentimento para a sua participação, percebi, diante das movimentações que foram necessárias a elas para se fazerem presentes naquele momento, o quanto ela estava implicada em participar, pois nosso encontro se deu em um sábado chuvoso e frio, posterior à um feriado e no horário das 09 horas da manhã. A sua implicação também se mostrou no decorrer de nossos encontros para a construção do mapa, onde Zum por vezes pesquisava alguns elementos em casa, e trazia para compor nossos encontros e o seu mapa corporal.

No primeiro encontro realizado para a confecção de seu mapa corporal, percebi o quanto Zum estava nervosa, pois respondia as minhas questões diretamente e as suas falas eram carregadas de pausas e de respirações intensas. Logo, pensei que isso tenha se dado por conta da minha própria metodologia, onde estava planejada uma entrevista para ser realizada nesse primeiro momento, com o intuito de conhecer melhor as participantes. Porém, no momento em que começamos o traçado do corpo no papel, percebi que a nossa relação aos poucos ia se modificando, pois conseguíamos manter breves diálogos, que se estenderam até o final do nosso primeiro encontro.

Os movimentos de Zum de decidir uma postura e de pensar na forma como essa seria transposta ao papel, bem como as suas falas que se fizeram presentes nesse momento, me convocaram a vê-la como uma pessoa passiva, sem vontades, sem opinião, pois, como relato em meu diário de campo

“No momento do traçado corporal, nossa relação já estava diferente... a contornei na posição desejada e ficamos por um bom tempo pensando em como poderíamos desenhar uma de suas pernas de modo que ela aparecesse... Por ora, pensamos em modificar o ângulo dela, mas percebi que essa pequena alteração destoava muito da sua posição inicial escolhida... assim, tentei auxiliá-la a refletir se essa mudança na posição mostrava o modo como ela gostaria de se representar... Ela afirmou que não... primeira vez que havia, de fato, respondido algo com convicção, pois durante a maioria do encontro suas respostas eram: “pode ser, aham, acho que sim...” (DIÁRIO DE CAMPO – anotações de 11/04/2018).

Esse movimento de pensar e refletir a respeito do modo como gostaria de ser apresentada tomou grande parte do encontro, e fez com que a atividade de contornar o corpo fosse apenas iniciada. Assim, ao final do primeiro encontro, o mapa corporal de Zum começava a apresentar uma forma visível, em uma posição que retratava o lazer, uma das coisas que ela mais gosta de fazer, e que se dá diante do ato de conversar com seus amigos.



Figura 7: 1º Sessão de Mapeamento Corporal de Zum. Fonte: A Autora

Algumas falas de Zum, que afirmaram não haver um motivo para escolher a cor rosa para realizar o contorno do corpo do papel, e que retrataram o rosa como “não é uma cor que eu use muito... mas... não sei... acho que me traz tranquilidade...” (1º Sessão de Mapeamento Corporal – dia 11/04/2018), me fizeram voltar o pensamento sobre a passividade, somados a algo sem referência, um vazio, como se não houvesse um porque, um motivo, um significado para as coisas... como se ela não tivesse opiniões, vontades e fosse um sujeito estagnado, à mercê das escolhas dos outros e das imposições que lhe são feitas.

Safra (2002) explica que na atualidade, a mídia fornece muitas informações por meio de organizações estéticas, que apresentam uma temporalidade cada vez mais veloz e mais distante do tempo da corporeidade e da subjetividade humana, as quais transbordam para as diferentes áreas da vida humana. O mesmo autor afirma ainda que, “o mundo organizado pela digitalização promove organizações estéticas em que as condições necessárias para o aparecimento da subjetividade humana são rompidas” (SAFRA, 2002, p. 37), ao mesmo tempo em que “a criatividade celebrada pela mídia, na maior parte das vezes, seduz o ser humano com o já estabelecido, com uma imanência sem transcendência, o que leva ao esquecimento de si e de suas raízes” (SAFRA, 2002, p 37).

Dessa forma, para Guimarães (2007) o ser humano precisa encontrar raízes e reconhecimento no mundo que lhe é apresentado, o que é possibilitado, de acordo com Winnicott (1947) citada Guimarães (2007) pela mãe, pois “sem alguém especificamente orientado à suas necessidades, o bebê não pode encontrar uma relação operacional com a realidade externa” (WINNICOTT, 1947 apud GUIMARÃES, 2007, p. 23), uma vez que a mãe “traz para essa relação não só seu corpo e sua história, mas traz em si seus ancestrais, suas histórias e sua cultura” (GUIMARÃES, 2007, p.23).

Guimarães (2007) assinala que, quando se é prejudicado a comunicação com o passado e a possibilidade de criar e de se projetar para o futuro, ocorre o desenraizamento, que segundo Weil (1943) citada por Safra (2002) “[...] é a mais perigosa doença das sociedades humanas, pois multiplica a si própria” (WEIL, 1943, apud SAFRA, 2002, p. 37), uma vez que os sujeitos “ou caem em numa inércia de alma equivalente à morte, ou se lançam em uma atividade que perpetua o desenraizamento, podendo originar situações de intensa violência” (WEIL, 1943, apud SAFRA, 2002, p. 37).

Safra (1999), citado por Oliveira, Resstel e Justo (2014) complementa afirmando que o desenraizamento social e cultural pode levar o indivíduo a vivenciar angustias impensáveis, onde a retomada de elementos que insiram os sujeitos na sua etnia e cultura, resgatando elementos do passado, possibilitam aos sujeitos novas possibilidades de ser e estar no mundo.

Diante dessas afirmações me coloco a pensar em como se pode resistir a essa ruptura de subjetividade, promovida pela mídia, e de como se pode preservar essa comunicação com o passado e a possibilidade de criação, de modo a não cair em uma estagnação, ou em situações de violência. Ainda, penso em como esse movimento pode ter relação com a vulnerabilidade social que ela está exposta, o que me ocorreu também diante do questionamento que fiz a Zum a respeito dos seus amigos, onde ela relatou que esses são em grande maioria colegas que frequentam a Associação.

Assim, levando em consideração os agenciamentos conceituais a respeito dessa temática e que foram possibilitados pela pesquisa, reflito sobre como a vulnerabilidade social está presente em seu corpo, em sua história e em seu cotidiano, pois, a partir da narrativa abaixo, me coloquei a pensar em como ela possui poucos espaços de circulação social para além da escola e da Associação, e de como as redes sociais estabelecidas, principalmente na Associação, podem vir a atuar como suporte, sustentando-a contra os possíveis riscos sociais que podem ser gerados pela vulnerabilidade social, pois a adolescente mesmo afirma que “no

dia que eu sair daqui não sei o que vai ser de mim...” (3º Sessão de Mapeamento Corporal – dia 02/09/2018).

“[...] **vocês saem, tipo, em algum lugar, ou não?** Sim...mas agora a gente não tem saído muito... mas os que eu mais saio mesmo são os daqui do projeto... **daqui do projeto?** Aham...e...**vocês se encontram de final de semana?** Huummmmm não... é tipo.... ai, eu não sei como explicar...(pequena pausa).... **mas vocês saem tipo, quando tem alguma coisa específica do projeto ou...** é... é tipo isso, mas.... ano passado a gente deu... a gente saiu mais porque tinha apresentação do projeto na praça, daí a gente já ficava ali no centro e passeava por ali... **aham...** é bem difícil a gente combinar alguma coisa... **não é tipo “ah, vamos marcar alguma coisa”... é sempre quando tem alguma coisa já?** Sim...” (1º Sessão de Mapeamento Corporal – dia 11/04/2018).

A partir dessa narrativa pode-se perceber como a Associação, através das apresentações, possibilita, além da ampliação de seu território de circulação, outras experiências sociais, como ela afirma diante da minha colocação a respeito do festival que ocorrerá em Chapecó e que a Associação está angariando fundos para participar. Na ocasião, pergunto se ela já havia participado e ela afirma que “[...] já, fui ano passado... [...] é uma experiência muito boa, além de tu tá convivendo com outras pessoas, sabe!?” (3º Sessão de Mapeamento Corporal – dia 02/05/2018), e também diante seguinte narrativa “[...] eu fui pra Vale Vêneto, pra Júlio de Castilhos, pra Agudo... **mas todos pra se apresentar ou...pra se apresentar... e com a tua família tu já saiu, assim, pra alguma outra cidade?** Não...” (3º Sessão de Mapeamento Corporal – dia 02/05/2018).

Durante os nossos encontros, percebi, também, como a vulnerabilidade social e um dos fatores que a constitui, que se configura pela inserção no mercado de trabalho e a conseqüente remuneração, dificulta o acesso de Zum aos meios utilizados na contemporaneidade para a construção do corpo, pois, diante da seguinte cena relatada em meu diário de campo

“[...] organizei a sala e fiquei aguardando Zum, a qual compareceu acompanhada de uma colega. Zum entrou, e me questionou, como da outra vez, se ela poderia vir no segundo horário... eu perguntei os motivos, e ela então me afirmou que a professora do teatro daquele dia, solicitou que ela permanecesse naquele atividade da aula, mesmo ela informando que teria o horário da pesquisa... A professora então solicitou que ela viesse me perguntar se ela não poderia se dirigir ao nosso encontro após o intervalo. Eu expliquei que novamente teríamos que ver com Emmy, pois dependia dela... Diante disso, Zum me convocou a conversar com Emmy, informando que poderíamos esperar ela na escada, visto que o ônibus dela já estava chegando... assim o fizemos, e, no momento em que aguardávamos, Zum me perguntou se eu frequentava a academia, pois observou que tenho pernas muito musculosas. Informei que não, mas que desde criança sempre pratiquei vários esportes...” (DIÁRIO DE CAMPO – anotações do dia 09/05/2018).

E retomada em nosso encontro,

“[...] hoje quando tu me perguntou se eu fazia academia, tu tem vontade de voltar a fazer, Zum? Sim... mas tu... quanto tu vai, assim, tu vai com algum objetivo, tipo “ah, eu quero ficar musculosa”, “eu quero perder peso”, ou... perder peso... tu tem vontade, então? Tenho, mas de dieta não... (risos)... (pequena pausa)... e como que é assim, pra ti, ter vontade de ir mas não ter condições de... de voltar? É... ai, é muito chato... porque... tem que depender da mãe né, pra vê se ela dá o dinheiro, não sei o que... só que nunca sobra porque ela tem que pagar conta, e talz, e eu fico muito triste... tu fica triste? Sim... porque... eu queria ter uma fábrica de dinheiro, pra pagar as coisas, eu podia ajudar todo mundo... mas e tu fica triste porque, por exemplo, tu não pode ir na academia também, essas coisas? É... e também porque... o dinheiro... muitas vezes a mãe não consegue pagar as conta... porque falta, no caso? Sim...” (4º Sessão de Mapeamento Corporal – dia 09.05.2018).

Percebo que, mesmo não tendo o corpo de uma forma semelhante ao padrão dominante, o desejo de fazer uso dos equipamentos utilizados na contemporaneidade para construí-lo e deixá-lo dentro dos padrões existe, mas o acesso a esses é dificultado pela condição econômica da família.

Pensando na cena acima, e nos movimentos que foram necessários para que Zum se sentisse confortável para dirigir um questionamento a mim, reflito como o local instituído para a pesquisa - a sala 202 - sugestionou a ela, que os assuntos tratados naquele espaço fossem somente os relacionados à pesquisa, como se não coubesse nele diálogos para além das questões levantadas. Porém, acredito que essa postura adotada por ela pode ter relação com os métodos tradicionais conhecidos de se fazer pesquisa, que separam o pesquisador do objeto pesquisado, e que não permitem uma aproximação desses, fato que não se reproduz no método cartográfico.

Já no decorrer do segundo encontro, enquanto conversávamos sobre o episódio ocorrido na semana anterior a esse dia, e que tratava sobre o fato de Zum ter contraído caxumba, comecei a refletir como o fato de o sujeito não ter um corpo semelhante ao padrão de corpo ideal interfere na relação com seus pares, pois

“[...] agora meu apelido na escola é Maria caxumba... Ah é?... Mas tu tinha apelido antes?...Tinha, era testão... Por causa da testa... E como é pra ti ter um apelido na escola?... Éééé... É porque, tipo, por um lado, por... Pelos meus colegas eu não levo muito a sério sabe... Do que me chamam, mas... Quando outros, das outras salas me chamam não me sinto muito confortável, sabe... Porque eles nem me conhecem, sabe, pra tá falando isso. Mas eu também não bato boca, não falo nada.... Mas tu sente alguma coisa por isso?... Não... E esses das outras turmas também te chamam dos mesmos que tu falou?...É... Ou, as vezes... Também por causa da minha aparência, sabe... Gorda, baleia, saco de areia... Essas coisas assim... Só que eu, não me abalo. Porque a ideia de nenhum influenciar na minha vida...” (2º Sessão de Mapeamento Corporal – dia 26/04/2018).

Ainda, me questiono: Quais questões em jogo, para além da relação com seus pares, quando se assume um corpo muito diferente do corpo ideal? Quais mecanismos são necessários para sustentar essa forma? Que potência de resistência e de subjetivação pode existir nesse movimento?

Durante os nossos encontros e através das narrativas de Zum, percebi como o fato de sustentar uma forma diferente em uma sociedade que, por vezes, não consegue suportar a convivência com uma forma que não condiz com a esperada pela grande maioria das pessoas, acaba por gerar vários tipos de sentimentos, entre eles a frustração e a chateação, conforme relatado por Zum. Ainda, penso em como se torna difícil para um adolescente se empoderar a respeito de suas escolhas, visto que essa é uma fase de experimentação e de constituição de um eu possível, que pode vir a implicar em uma falta de repertório para lidar com o preconceito e as questões geradas por esse, pois, atualmente, Zum relata que “no momento eu não expressei isso, sabe... só que daí chega em casa... ãhmm... me tranco no quarto, coloco meus fone de ouvido e choro...” (2º Sessão de Mapeamento Corporal – dia 26/04/2018).

Porém, ao mesmo tempo, a partir das suas narrativas a respeito do teatro, pode-se perceber como a arte possibilitou a ela estabelecer outra relação com o seu corpo, com a sua família e com os seus colegas, o que se torna evidente quando questiono a ela se percebe alguma mudança em sua vida após a participação na oficina de teatro, e ela afirma que

“Sim, na escola... porque... tipo... questão da expressão, quando eu... quando eles me chamavam das coisa que eu não gostava, me reprimia, assim, sabe... E falava as coisa pra ele... Pra eles... **Tipo, xingava, assim?**... Aham... Ai... Quando eu comecei a fazer teatro... ãhmm... mudou completamente... porque agora eles me chamam, sabe, e eu não... Eu não me reprimo, não fico triste... Só falo que... A opinião deles sobre meu corpo não vai mudar em nada... e que quem tem que gostar sou eu... Que o preconceito deles é totalmente inútil pra mim...” (2º Sessão de Mapeamento Corporal – dia 26/04/2018).

O que também pode ser visualizado no contexto familiar

“[...] ah, também porque, a gente lida com as coisas... com... com... não sei o nome correto... pra tipo, perde a vergonha, essas coisa, sabe. E eu... e eu a... tipo... adotei tipo, isso... adotei um desses que... método de perde vergonha, essas coisa, sabe... e fui fazer com a mãe. aí, eu me declarei pra mãe, tudo... fiz tudo pra ela... aí eu falei que eu tava disposta a muda, por... tudo que era mais sagrado nesse mundo... aí ela abriu pra mim também... **e aí isso melhorou?** melhorou bastante... [...] **Tu usou uma coisa que tu aprendeu aqui...** sim, em casa...” “[...] acho que mudou o meu contato com a minha família... **é?**... uhum... porque antes a gente brigava muito ainda... com a orques... quando eu tava na... quando eu tava na orquestra, sabe... minha família não tinha o... o... aquele aproximio... aproximadamente... **aproximação?**... é!, aproximação... porque eles quase nunca iam nas minhas apresentação, sabe... aí quando eu comecei a fazer teatro... acho que desperto neles que... ãhmm... não sei,

acho que desperto uma coisa neles...” (2º Sessão de Mapeamento Corporal – dia 26/04/2018).

E na sua relação consigo mesma e com o outro, pois “[...] eu uso muito a questão de se controlar, sabe... porque eu... se tu apontar o dedo pra mim eu já... me enfureço...” (2º Sessão de Mapeamento Corporal – dia 26/04/2018).

Autoras como Saito e Castro (2011), explicam que os trabalhos corporais, quando realizados em grupo, “promovem a articulação de corpos, proporcionam um lugar de interação onde os corpos se transformam e se formam, num processo de investimento no qual se organizam experiências compartilhadas” (SAITO, CASTRO, 2011, p.182), sendo que os encontros possibilitam “vivenciar outras maneiras de vinculação, mudar a forma como nos relacionamos, pois as experiências de contato consigo mesmo e com o outro, proporcionadas pelas vivências de corpo, tocam novas camadas da experiência de viver” (SAITO, CASTRO, 2011, p. 182).

As mesmas autoras afirmam, ainda, que “essas práticas tendem a instaurar um processo de reinvenção das maneiras de ser e estar em grupo, de viver nos diferentes contextos: da família, do trabalho, das relações sociais, ocorrendo, ainda, uma produção de sujeitos, de saúde, e de novas redes sociais” (SAITO, CASTRO, 2011, p. 182), o que pode ser percebido diante dos relatos de Zum.

Pensando na experimentação corporal cênica na perspectiva da terapia ocupacional, Justa e Holanda (2012) afirmam que essa “possibilita que o sujeito perceba-se em sua potência de transformação, criatividade e capacidade de transcender os limites que se impõem sobre ele, tornando-se, com isso, mais ativo na promoção e prevenção de sua saúde” (JUSTA, HOLANDA, 2012, p. 18), o que corrobora com a afirmação de Liberman (2002) a respeito das vivências no campo das artes, as quais podem contribuir, de acordo com a autora, “para que o sujeito se perceba como tal, identifique seus diferentes ‘modos de funcionamento’, para em seguida repensá-los e (re)construí-los” (LIBERMAN, 2002, p. 40).

Safra (2002) ainda salienta que “a arte, a cultura, tem uma possibilidade bastante fecunda de curar o homem contemporâneo, por meio de uma ação resistente que abra a memória do *ethos* humano e de sua ética” (SAFRA, 2002, p. 37).

A importância do teatro para Zum também se tornou visível diante da escolha do seu slogan pessoal, onde ela se apropriou de uma frase proferida pela sua professora de filosofia da escola, e, posteriormente, trabalhada na oficina da Associação para compor o seu mapa, que consistia no dizer “Só sei que nada sei”. Quando questionada inicialmente sobre o motivo

de ter essa frase como filosofia de vida, Zum relatou não saber o significado dela para si, mas alegou que a achou interessante quando a escutou. Em seguida, enquanto escrevia ela em seu mapa, afirmou que a frase a faz refletir sobre “como que vai ser daqui pra frente...” (2º Sessão de Mapeamento Corporal – dia 26/04/2018), contando sobre suas angústias e seus desejos para o seu futuro.

Uma das principais angústias de Zum diz respeito ao movimento de se desvincular do projeto e se inserir no mercado de trabalho, pois, ela afirma que, em conversa com sua mãe, a mesma informou que no próximo ano ela poderia começar a trabalhar, na condição de Jovem Aprendiz²¹. O fato de sair do projeto e trabalhar causa medo em Zum, devido ao fato de “[...] porque... aqui eu estou muito apegada aqui né... mas... meu medo é... de quando sai daqui não gostar... do serviço... e me senti mal...que dai eu vou criar mais responsabilidade, né... acho que é isso o meu medo...” (5º Sessão de Mapeamento Corporal- dia 16/05/2018).

Para Castel (2010),

“O trabalho não mantém uma relação visível com a riqueza e, menos ainda, a riqueza com o trabalho: via de regra, os mais ricos trabalham menos ou absolutamente não trabalham. O trabalho, ao contrário, é com frequência o quinhão dos pobres e dos que ganham pouco, reduzidos à necessidade de trabalhar a matéria ou de cultivar a terra para sobreviver. É, ao mesmo tempo, uma necessidade econômica e uma obrigação moral para os que nada têm, o antídoto contra a ociosidade, o corretivo para os vícios do povo. Inscreve-se, então, ‘naturalmente’ em esquemas disciplinares” (CASTEL, 2010, p. 227)

A partir desse conceito e das narrativas de Zum, me coloco a pensar novamente na adolescência atravessada pela questão da vulnerabilidade social, e de como o ato de trabalhar nesse período da vida pode vir a reforçar lugares sociais. Questiono-me ainda, a respeito dos valores simbólicos que podem estar atrelados ao trabalho, e de como esse pode vir a influenciar no processo de subjetivação da adolescente.

Na perspectiva de Guimarães e Romanelli (2002), a inserção no mercado de trabalho, além de possibilitar ao adolescente maior autonomia e liberdade diante da autoridade dos pais ou responsáveis, dadas através da remuneração, oportuniza a convivência com seus pares e a

²¹ O Programa Jovem Aprendiz foi desenvolvido pelo Governo Federal brasileiro com o objetivo de incentivar empresas dos mais variados ramos a fazerem a contratação de jovens entre 14 e 24 anos para ocuparem suas vagas, principalmente nas áreas administrativas, garantindo a esses uma capacitação profissional e uma preparação para o mercado de trabalho. Podem participar desse programa qualquer pessoa que esteja matriculada na escola ou que já tenha se formado no ensino médio, porém, devido ao caráter social do programa, é dada prioridade às pessoas que baixa renda. Informações obtidas em: <https://www.programadogoverno.org/o-que-e-o-programa-jovem-aprendiz/> prioridade às pessoas que baixa renda. Informações obtidas em: <https://www.programadogoverno.org/o-que-e-o-programa-jovem-aprendiz/>

ampliação das suas experiências, o que contribui para o processo de amadurecimento psicológico e intelectual.

Já Fonseca (2003) assinala que, ao inserir-se no sistema produtivo, automaticamente o adolescente também é inserido em uma organização, que pode ser compreendida como um sistema de códigos e convenções, normas e regulamentos.

Diante dessa afirmação, retomo Foucault, ao lembrar a expressão “corpos dóceis” que ele utiliza para discorrer sobre o poder, onde

“[...]a disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos e de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra, ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão” e uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte, por outro lado, a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita” (FOUCAULT, 1997, p. 119)

O trabalho adolescente, quando vinculado a programas de profissionalização, segundo Fonseca (2003) possui características próprias, dentre elas a existência de sistemas simbólicos sancionados, que implicam e estabelecem padrões de funcionamento, rituais, direitos e deveres.

A partir dessas afirmações, não há como não me questionar. De que maneira a organização existente no trabalho, pode vir a influenciar o corpo e as ações, de modo a controlá-las, domesticá-las, discipliná-las? De que forma essas forças influenciam na construção da subjetividade e de um modo de funcionamento singular? Que potência e que impotência existe no movimento de inserção no mercado de trabalho para o público adolescente?



Figura 8: 2ª Sessão de Mapeamento Corporal de Zum. Fonte: A Autora.

No decorrer do terceiro encontro, realizamos a atividade do símbolo pessoal. Para essa atividade

“Zum trouxe o símbolo no celular, o qual era para ser abordado ainda no encontro passado... Era o símbolo da paz, e ela escolheu colocar ele em um canto do mapa... Trabalhamos nele no encontro inteiro, e, Zum demonstrou não ter pressa para terminá-lo... desenhava, apagava... desenhava novamente, e apagava... escolhe a cor rosa, e após, a cor azul... quando questionada sobre, relata não saber o porque de ter escolhido nem o símbolo, nem as cores, nem o lugar... me remete à símbolos vazios, sem significações... e lembro dos inúmeros referenciais sobre as mais diversas formas, que temos contato diariamente, e no quanto às vezes, precisamos nos apegar a algum para conseguir significar muitas coisas...” (DIÁRIO DE CAMPO – anotações de 02/05/2018).

Durante esse encontro e, enquanto Zum projetava o símbolo escolhido em seu mapa corporal, percebi que meu corpo foi tomado por um sentimento de angústia diante dos seus movimentos. Eles eram demorados... não havia pressa... e aos poucos eu fui percebendo que estava sentindo algo não me cabia, e refletindo em como essa demora poderia vir como um “gostar de estar ali”, num local em que ela era escutada e tinha atenção somente para si, visto que ela não demonstrava pressa alguma em terminar as atividades. Como escrevo em meu

diário de campo, após me perceber dessa maneira eu “paro, respiro, e penso que isso é um sentimento meu, e não dela... e que ela tem total direito de usar do tempo que quiser, pois esse tempo diz dela, compõem quem ela é!” (DIÁRIO DE CAMPO – anotações de 02/05/2018).

Para Keleman (1994) a partir do momento em que nos sensibilizamos para o tempo que o outro leva para fazer algo, podemos mudar a maneira pela qual nos relacionamos, criando um tempo compartilhado, e, quando necessário, podemos nos retirar para o nosso próprio tempo e atuar sobre o tempo do outro, modificando os ritmos de aceleração ou desaceleração de uma atividade, nos movendo “para frente ou para trás entre o que imaginamos ser o tempo do outro, e do que imaginamos ser o nosso tempo” (KELEMAN, 194, p. 47), o que possibilita ao “tempo ser um evento flexível e vivo, em vez de um tempo idealmente programado” (KELEMAN, 1994, p.44).



Figura 9: 3ª Sessão de Mapeamento Corporal de Zum. Fonte: A Autora.

Diante do exercício do autorretrato, que tinha o objetivo de trabalhar com o rosto no papel, o qual foi realizado no quarto encontro, Zum trouxe novamente o teatro para compor nossos encontros e o seu mapa, pois ela escolheu desenhar em seu rosto as máscaras da

tragédia e da comédia, que são os símbolos dessa arte. Novamente, ela relatou não saber especificamente o motivo de tê-las escolhido, afirmando, ainda, que “[...] eu pesquisei no Google... ai... é... tipo... isso aqui é teatro, né (risos), daí eu personalizei um pouco...” (4º Sessão de Mapeamento Corporal – dia 09/05/2018), e ainda, “na verdade eu copieei... só que tipo, ele não é assim, na verdade... daí eu quis meio que deixar um pouco da minha marca... eu não levo talento pra desenhar então, descarta essa ideia... mas eu acho que ele representa que... eu não sei... (pequena pausa)... eu não sei...” (4º Sessão de Mapeamento Corporal – dia 09/05/2018).

A atividade do autorretrato, além de prever o trabalho com a composição do rosto no papel, também propunha uma reflexão sobre si mesmo, sobre quem se é e sobre como os outros te percebem. Quando questionada sobre, Zum iniciou um movimento se narrando rapidamente. Logo em seguida, deu início ao desenho das máscaras, fazendo uma pausa em sua narrativa e concentrando-se na atividade manual. Enquanto desenhava, volta e meia voltava e dizia mais de si, como se estivesse refletindo sobre quem ela era naquele momento, naquele espaço. As suas narrativas, dadas em diferentes tempos daquele encontro, e não obedecendo a uma linearidade, a retratavam como uma pessoa,

“[...] indecisa!.. **é? mas pra tudo ou pra algumas coisas específicas?...** é... pra algumas coisas específicas... sou muito lerda também... **como assim, lerda?** que tipo, eu demoro muito tipo pra, ahmm... como se fala?!... pra racionar, é... **entender?** ééé... entender... o que as pessoas tão falando, ou elas se irritam comigo ou elas ficam me soltando as pata... **e como que é isso pra ti, assim?...** ah, eu levo tudo na brincadeira né, porque a lerdeza vai tá comigo sempre né, mas... tem gente que não gosta [...] eu sou uma pessoa tranquila, que... que... quando eu to com meus amigos eu gosto de dar risada, conversar, ahm... zuar com os outros, gosto de sair, não gosto de pessoas mentirosas porque já me meti em várias confusão por causa disso... [...] eu não gosto de gente lerda... tipo, pra mim, só eu posso ser a lerda, sabe... porque as outras pessoas aí, eu não sei, eu me irrita... ahm... pra mim só eu sou a lerda da história e aí não pode te mais ninguém... não gosto também de... essa pessoa que se acham, sabe, e tem uns muito, muito, lá perto de, na escola [...]... também eu não gosto de gente que tipo, que, faz racismo com os outro, sabe [...] eu sou uma pessoa com muito ciúmes, também [...] Ah, eu também sou uma pessoa que tem um ranço quando a pessoa ela, ela tipo fala que não quer mais falar contigo, que é pra ti esquecer dela, não sei o que... só que quando tu esquece da pessoa ela vem com a maior cara de pau, sabe, ou dando “haha” nas tua publicação e comentando tudo... ai eu fico “ te decide, “filhão” (risos)... [...] eu também sou uma guria muito indecisa, pros sentimentos... porque... eu não... quando eu gosto de uma pessoa, eu não sei se eu gosto... eu não sei se eu to me enganando (risos)... [...] acho também que foi de tanto fora que eu levei...” (4º Sessão de Mapeamento Corporal – dia 26/04/2018)”.

Pensando na narrativa de Zum, e no modo como ela se caracteriza como uma pessoa “lerda” retomo Keleman (1994) e suas explicações sobre o tempo, o qual afirma que existem

três tipos básicos de tempo, sendo que, inicialmente, se faz necessário diferenciar o “meu tempo” e o “tempo dos outros”. Segundo o autor o

“[...] “Meu tempo” significa o tempo que preciso para assimilar, o tempo interno que preciso para aprender alguma coisa, para obter satisfação. “Tempo dos outros” significa o tempo ambiental, o tempo da sociedade, o tempo externo ao qual temos que responder. O tempo através do qual somos medidos, a pressão a que estamos sujeitos para desempenhar uma tarefa, fazer um trabalho e sermos, então, julgados como estúpidos, brilhantes, rápidos ou indolentes. Depois, há o tempo que emerge como um tempo compartilhado, os ritmos forjados que não são nem totalmente ideais nem totalmente meus” (KELEMAN, 1994, p. 44).

Sendo que, de acordo com o mesmo autor, muitas vezes experienciamos estresse ou sentimentos como sofrimento, aflição e angústia porque não estamos fazendo as coisas em nosso próprio tempo. “Não conseguimos atender às exigências de tempo dos outros, e ainda frustramos as nossas. Estamos sempre tentando acelerar ou nos desacelerar, evitar uma tarefa ou executá-la” (KELEMAN, 1994, p. 44).

Diante disso, me questiono o quanto o fato de se considerar uma pessoa “lerda”, dada através de uma comparação com o tempo dos outros, influencia no processo de subjetivação de Zum e de como essa nomenclatura pode vir a gerar outros sentimentos, bem como, do modo como esse movimento acaba por não compreender a sua singularidade, os seus ritmos e seus processos.

Para Keleman (1994) “o tempo determina a relação que eu estabeleço entre mim e minha comunidade” (KELEMAN, 1994, p.46). Sendo assim, me questiono, ainda, como o fato de se considerar uma pessoa “lerda” pode vir a reforçar os lugares sociais, e estigmas nos sujeitos.

Levando em consideração o ziguezague ocorrido entre a sua narrativa e a construção do seu autorretrato, reflito sobre como o fato de trabalhar com a construção de seu mapa corporal lhe possibilitou um momento de reflexão sobre si mesma, de quem ela era e de como os outros a percebiam, pois, através de uma fala de Zum, que afirma que, “eu tava pensando isso em casa, mas só que me deu um *bugão* na cabeça...” (6º Sessão de Mapeamento Corporal – dia 24/05/2018), observei o quanto se faz difícil para ela realizar um movimento de pensar sobre si mesmo, o que foi possibilitado, então, pelo espaço da pesquisa.



Figura 10: 4º Sessão de Mapeamento Corporal de Zum. Fonte: A Autora.

No decorrer do quarto encontro, e após a construção do autorretrato, trabalhamos com a atividade denominada “mensagem aos outros”, onde Zum escolheu deixar para as outras pessoas o dizer “vivemos em um mundo onde muitas pessoas tem vergonha do próprio corpo, por conta de pessoas que não tem vergonha da própria língua” (4º Sessão de Mapeamento Corporal – dia 26/04/2018). Na ocasião, Zum relata que pensou nela

“[...] porque ãh... na verdade foi a minha colega que criou ela... pra... porque na minha aula de geografia, nas sextas-feira, que é o primeiro período, como a minha escola é católica tem que fazer a oração né, aí o “sor” propôs em a gente fazer um momento de reflexão, aí a gente sempre leva as sextas-feira uma mensagem, alguma coisa... aí elas... elas colocaram essa frase, daí eu pensei em pegar... [...] **ela te trouxe alguma coisa, ela fez tu pensar em alguma coisa quando elas falaram?** [...] que... as pessoas hoje em dia elas, elas se privam muito... não gostam de usar roupas curtas, principalmente as gordinhas e umas mais magras, porque tem pessoas que fazem racismo, bullying, e acho que essa frase, acho que fecha muito bem com o meu... é mapa isso né? **sim...** aí eu pensei em trazer...” (4º Sessão de Mapeamento Corporal – dia 26/04/2018).

Diante disso, senti a necessidade de lhe perguntar se ela se privava de algo por conta da forma do seu corpo, e ela respondeu, após uma pausa que “[...] eu me vejo muito pra não

sai com... com... mostrando a barriga sabe, que eu não gosto... mas eu uso essas coisas, mas... só quando eu to naquele dia bem né, senão não... mas eu acho que é isso...” (4º Sessão de Mapeamento Corporal – dia 26/04/2018).

Com essa fala de Zum, me coloco a pensar sobre o como padrão de corpo dominante traz consigo uma concepção do que pode e o que não pode, das possibilidades e privações que existem para as pessoas que compartilham dele e as que não compartilham. Ainda, de como o corpo diferente do ideal é alvo de críticas e olhares de censura, e de como o empoderamento e a apropriação sobre si se fazem necessários para possibilitar que o sujeito expresse as suas vontades e viva com o seu corpo, seu estilo, e suas escolhas da forma como quiser, sem ter que se preocupar com a aprovação da sociedade.

As narrativas de Zum realizadas no decorrer dos encontros, somadas ao modo como escolheu e construiu o seu slogan, seu símbolo pessoal, a mensagem aos outros, e o autorretrato, me fizeram pensar na existência de uma dificuldade de criação, de produção de um novo, de ressignificar esses referenciais prontos, de bricolar. E ainda, dos riscos a que ela está exposta quando se adere imediatamente às formas prontas, às *fast-forms*, e que podem ser percebidas no trajeto de construção do seu mapa e diante dos elementos que ela se apropria e utiliza para compô-lo.

Se tratando do quinto encontro, foi possível abordar as atividades que consistiam nas marcas físicas e emocionais, a análise corporal para pontos fortes e dificuldades, as estruturas de suporte e os planos futuros.

No que se refere às marcas, Zum preferiu deixar visíveis uma marca de nascença que possui no peitoral esquerdo, e uma marca emocional, que denominou como “Saudade”, escrevendo-a em sua perna esquerda, e que se refere ao que sente quando pensa em sua avó, falecida há aproximadamente dez anos. Em relação às estruturas de suporte, Zum relata receber muita força do projeto (a Associação), principalmente diante das conversas que têm com a coordenadora da Associação, identificado essa estrutura em seu mapa como “Família Orquestrando”, e colocado em seu peitoral direito.

Se tratando dos sonhos, e dos planos futuros, Zum afirma querer “ajudar a minha família, mais pra frente também... e terminar os estudos e ser artista... só isso...” (5º Sessão de Mapeamento Corporal – dia 16/05/2018), demonstrando a vontade de continuar residindo com a família em Santa Maria. Zum ainda relatou que “eu tenho vontade de sair do Brasil... é? Pra... eu sou muito fã de um Dj norte americano, Mashmellow, não sei se tu já escutou... **Mashmellow?** Aham... e eu tenho sonho, desejo de ir no show dele...” (5º Sessão de

Mapeamento Corporal – dia 16/05/2018), além de fazer faculdade de artes cênicas, na Universidade Federal de Santa Maria, e trabalhar com o teatro.

Após Zum me falar sobre os seus sonhos e o que espera para o futuro, fiquei pensando em como ela não possui grandes ambições como a grande maioria dos adolescentes... e de como isso pode ter relação com a vulnerabilidade social em que se encontra...como se pela sua condição, não pudesse sonhar...ainda, me questiono: de que modo a vulnerabilidade social interfere na criação de possibilidades existenciais?

Na atividade que consistia em refletir a respeito dos locais de poder e força que encontra em seu corpo, Zum encontrou enorme dificuldade em conseguir identificar essa estrutura em si mesma, relatando, após uma pausa, que encontra suporte em Deus. Dessa forma, optou por escrever “Deus”, em seu peitoral esquerdo, e ao lado da estrutura denominada como “Família Orquestrando”.



Figura 11: 5º Sessão de Mapeamento Corporal de Zum. Fonte: A Autora.

Durante o nosso sexto e último encontro, Zum realizou o movimento de observar o seu mapa corporal e fez a seguinte narrativa pessoal

“Eu sou... uma menina muito indecisa... ãhmm... uma menina que, quando eu crescer, eu quero ajudar a minha família... quero... tenho um sonho também de conhecer o Mashmellow... uma menina que... ama teatro... ãhmm... sou... uma menina que odeia... como que fala? Injustiça? **Sim...** injustiça com as pessoas... sou... uma menina... que gosta de “tá” com os amigos, gosta de sair, de dar risada... sou uma menina que não tem um padrão de beleza imposto pela sociedade, mas sou feliz do jeito que eu sou... ãhmm... sou uma menina que acredita em Deus, que tenho saudade, de uma parte da família, principalmente da minha vó... acho que é isso...[...] Ah... eu sou uma menina que sonha em ser artista, e só!”

Também, realizou alguns acabamentos em seu mapa, no que se refere a pinturas nas letras que compõem a mensagem que deixou para as outras pessoas.

Ainda, ao final do último encontro, e, enquanto nos despedíamos, percebi o quanto nossos encontros haviam sido potentes para ela, e de como ele nos permitiu um vínculo, pois Zum afirma “[...] ai... eu to triste... **por quê?...** eu vou sentir saudade...” (6º Sessão de Mapeamento Corporal – dia 24/05/2018). Em seguida, nos despedimos, e Zum informou que iria se dirigir para a sala de sua oficina. Porém, fui atravessada por um movimento de Zum, que preferi narrar na cena abaixo, mesmo sabendo que, talvez, essa não o comportaria com todas as suas intensidades,

“Após a saída de Zum da sala, organizei-a como de costume. Coloquei as classes em seus devidos lugares, limpei o que havia sido sujo, desliguei o ar-condicionado, enrolei seu mapa corporal e guardei todos os materiais que eu levava para serem utilizados na construção do mapa. Durante todas as semanas realizei esse movimento, sendo que, em seguida, me dirigia ao banheiro, levando junto de mim os materiais e o mapa. Porém, nesse dia, resolvi mudar e deixar os meus materiais na sala, pegando-os após a minha passagem pelo banheiro. Assim fiz, e, no momento em que me dirigi à sala, encontrei Zum me esperando dentro dela. Ela então me olha e diz: “eu não poderia ir embora sem te dar um último abraço”. Eu a abracei, e disse “um último abraço” é algo muito forte para se dizer... Ela, abraçada em mim, começou a chorar, reafirmando que sentiria muita falta de estar ali, comigo, e que ela tinha ficado muito feliz em ter me conhecido. Eu tentei acolhê-la, agradecendo-a também por me permitir conhecê-la, e por ter confiado em mim para compartilhar a sua história de vida, as suas angústias, vontades e as suas questões. Foi impossível não se emocionar junto dela. Ficamos abraçadas por um tempo, até o momento em que Zum informou que agora, após esse momento, iria subir para a aula.”

Após essa cena, tomei a direção da parada para voltar para casa, e, durante o caminho, fiquei pensando em como esse espaço foi importante para ela, o que, por vezes, eu não percebia no decorrer dos nossos encontros. Ainda, de como o fato de eu ter deixado os materiais na sala, diferentemente das outras semanas, possibilitou esse momento, com todos os seus sentimentos e intensidades que estiveram envolvidos. Também, de como esse movimento rompe com os tradicionais métodos de pesquisa, ao possibilitar que os afectos se façam presentes no corpo de cada um, e principalmente, do pesquisador.

Assim, passado os encontros com Zum, foi possível perceber como a vulnerabilidade social dificulta o acesso a alguns referenciais existentes atualmente, ou então, de como eles não condizem com a realidade daqueles sujeitos. Também, de como o padrão de corpo contemporâneo se constitui como um desejo, mas que esse é atravessado pelas condições econômicas da família, que não possibilitam o acesso aos meios utilizados na contemporaneidade para a sua construção.

Ao pensar sobre o espaço da pesquisa, reflito sobre como esse foi potente para Zum, o que pode ser visualizado a partir da cena de despedida narrada acima, e também, de como ele se configurou como um espaço que possibilitou um momento de reflexão sobre quem ela é, sobre si mesma.

Durante os encontros, foi possível, ainda, perceber o quanto o teatro auxilia Zum em seus processos e na sua relação consigo mesma, com seu corpo e com os outros, além de possibilitar uma ampliação do território de circulação social, bem como, de produzir um desejo de se formar em artes cênicas e ser artista, contribuindo para a criação de um território existencial no futuro.

A partir dos seus tempos percebidos durante os encontros, penso na potência que existe em criar espaços para os adolescentes, espaços que compreendam os seus processos singulares, e que não reforcem lugares sociais, mas sim, que favoreçam o empoderamento e uma consequente apropriação sobre si mesmo, e que os auxiliem nesse momento da vida.

MAPA CORPORAL DE ZUM

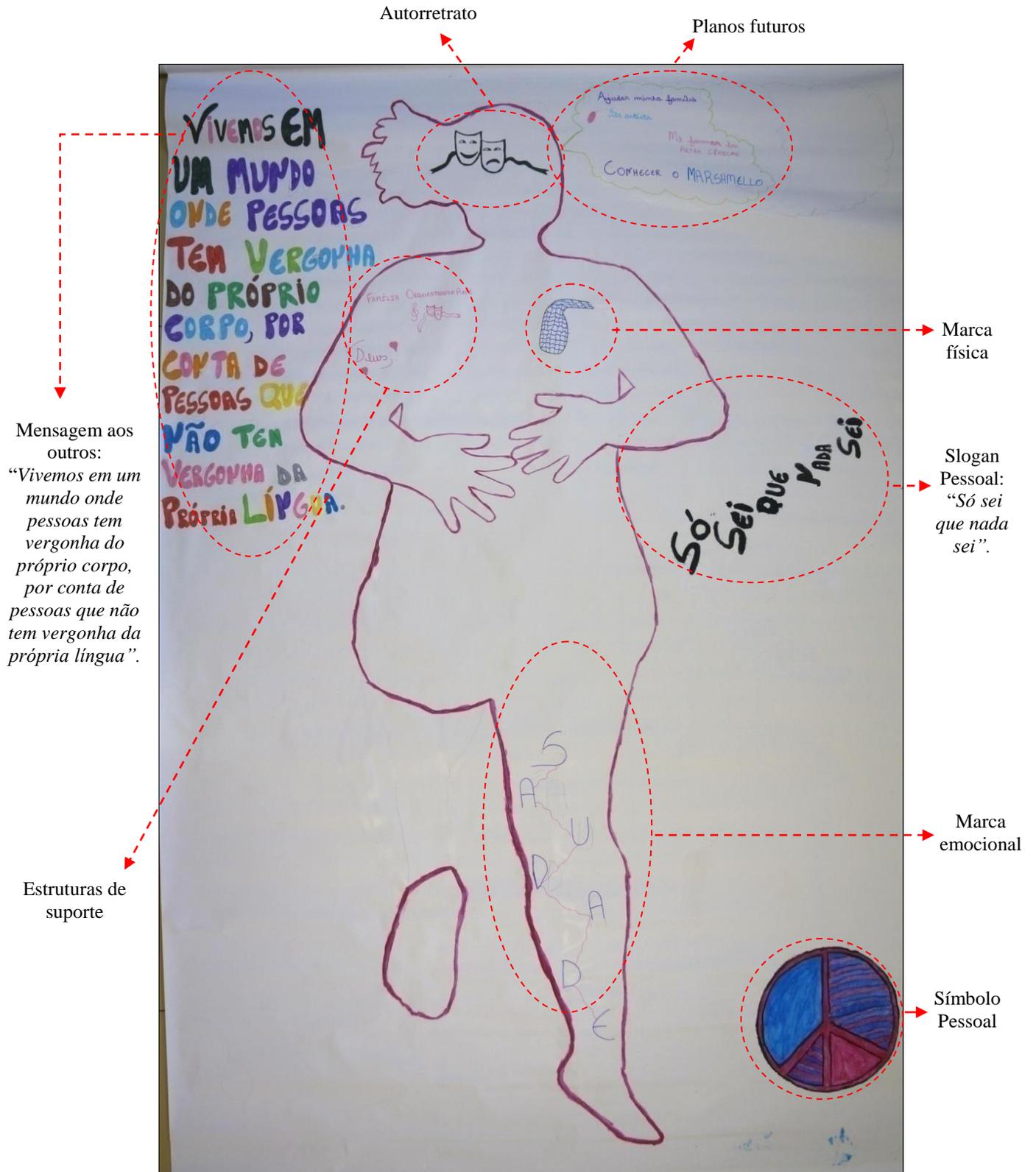


Figura 12: 6ª Sessão de Mapeamento Corporal de Zum. Fonte: A Autora.

7. O SER APRENDIZ

Neste pedaço final da escrita, gostaria de contar um pouco sobre outro processo ocorrido no decorrer dessa pesquisa, não o de Emmy ou Zum, mas sim, que foi possibilitado pelos encontros com elas e com a instituição. Esse processo se refere ao dessa aprendiz que, ao mesmo tempo em que se deparava com dificuldades, incertezas e inseguranças em seu percurso, pensava nas potencialidades que estava percebendo em sua pesquisa, voltando a acreditar e a se assegurar sobre as suas escolhas.

Objetivamente, este trabalho teve o intuito de refletir, a partir do percurso de duas adolescentes o modo como o padrão de corpo contemporâneo, muito difundido em todos os meios de comunicação, reverbera na construção da percepção sobre si mesma dessas mulheres.

Porém, para, além disso, esse trabalho possibilitou a essa aprendiz se experimentar de outras formas, como pesquisadora, cartógrafa, terapeuta e agora, autora.

Pensando no processo como pesquisadora, lembro dos primeiros contatos com o campo e com as adolescentes... da dureza da postura e dos movimentos que foram necessários para garantir que os procedimentos éticos se efetivassem... da alegria de estar em contato com as artes e de ouvir o som da orquestra nos corredores da ULBRA... de ver os alunos em alguns intervalos da instituição... de ter contato com um espaço que me possibilitou vivenciar uma outra forma de ser terapeuta, ao mesmo tempo em que me auxiliou em uma relação pessoal, comigo mesma. Relembro também, da insegurança que se fez presente nos primeiros encontros com as adolescentes, do medo de fazer “algo de errado”, do silêncio e do tempo, que foram se desmanchando na medida em que me encontrava com elas. Durante esse processo e, aos poucos, fui me dando conta de que as minhas inseguranças diziam desse novo papel que eu ocupava, e entendendo que todas as dificuldades, erros, acertos, silêncios, acréscimo ou diminuição de tempo, diziam desse processo, desse lugar e dessas pessoas.

Me recordo também, dos momentos de estudo que foram necessários, das readaptações do roteiro dos encontros, dos movimentos de voltar às atividades já realizadas nos encontros anteriores, das orientações que me auxiliaram a perceber e a entender as coisas que eu, sozinha, não estava dando conta... do cansaço físico das quartas-feiras, das correrias para pegar os ônibus junto dos materiais que eram necessários para compor o mapa...

Já pensando em meu processo como cartógrafa, relembro das inseguranças a respeito dessa forma de pesquisa... das dificuldades que se fizeram presentes para compreendê-la e

mais atualmente, em reconhecer que eu estava, de fato, cartografando... por vezes, fui tomada por um sentimento de incapacidade, que se dissolvia na medida em que eu escrevia e que a escrita era aprovada por minha orientadora.

Ao pensar na cartografia, vejo as potências produzidas a partir dos rompimentos possibilitados por essa forma de pesquisar. Inicialmente, o rompimento dessa forma de pesquisa, que leva em consideração o que acontece *entre* os sujeitos, *entre* os sujeitos e os lugares, nesses encontros, cabendo neles todos os afectos, os agenciamentos, os conceitos e pré-conceitos carregados por cada um, e que fez da cartografia uma forma linda de pesquisa e que me possibilitou outro entendimento sobre o pesquisar, sobre as relações, sobre percepções e sobre eu mesma... junto disso veio o rompimento da escrita, já que uma escrita dura não é capaz de comportar todos os afectos e intensidades experimentadas nesse percurso... nesse ponto, confesso que apresentei muita dificuldade, pois a escrita mais cristalizada sempre me acompanhou... porém, aos poucos, fui tentando diluí-la, inserindo nela os detalhes, as convocações e as reflexões que eu percebia e realizava... saliento também o rompimento do corpo, pois, da mesma forma em que uma escrita dura não comporta as intensidades, um corpo fechado não possibilita os afectos... assim, um novo corpo de Darice foi criado, mais aberto, mais tranquilo, mais disponível, mais seguro e mais atento e, ao mesmo tempo mais duro, para sustentar as dificuldades e os atravessamentos encontrados nessa trajetória.

Se tratando do aprendiz-terapeuta, penso em como esse processo agregou à minha formação, me mostrando como ser e estar disponível ao outro, à escuta, aos afectos, aos encontros, à acolhida, aos movimentos corporais e ao cuidado... ao mesmo tempo, me possibilitou ver e refletir a respeito dos poderes, dos processos pessoais que muitas vezes falam de um plural, e das diferenças que compõem cada sujeito e que muitas vezes facilitam ou dificultam o ser e estar no mundo.

Ao mesmo tempo, o aprendiz-terapeuta me possibilitou refletir a respeito da terapia ocupacional que eu acredito... uma terapia ocupacional que seja humanizada, atenta, disponível, crítica – não no sentido de criticar, mas sim, de se colocar a pensar -, que compreenda o sujeito e estabeleça a relação dele com o seu contexto, que tenha um olhar para as minorias – que muitas vezes são a maioria invisível - e que os auxiliem em seus processos, acolhendo-os sem pré-conceitos ou julgamentos.

Por fim, reflito sobre a escrita que possibilitou a essa aprendiz também ser autora. Essa escrita que, como já mencionada, sofreu um processo de diluição e adição de outros componentes, que se referem às observações, às reflexões que foram feitas no decorrer dessa

trajetória, as convocações e os sentimentos que foram vividos em meu corpo, os afectos e agenciamentos que foram produzidos nesses encontros... a cartografia “[...] segue linhas rizomáticas, mais do que arborescentes” (TEDESCO, SADE e CALIMAN, 2013, p. 310), e se propõe a acompanhar processos em curso, refletindo sobre eles... por conta desses inúmeros caminhos, muitas questões ficaram sem respostas no decorrer dessa escrita. Outras puderam ser pensadas através de maiores observações e a partir de agenciamentos conceituais que foram possíveis. Pensando nesses agenciamentos possibilitados por esses diferentes caminhos, retomo os encontros teóricos ocorridos e que falam sobre o corpo e suas formas, da adolescência, da vulnerabilidade social, do gênero, do trabalho, da mídia, dos tempos de cada um, dos poderes, dos processos de subjetivação na contemporaneidade, da própria cartografia e da metodologia dos mapas corporais. Ainda, dos agenciamentos com os outros profissionais da instituição e com os familiares.

Penso ainda, em como essa escrita possibilitou transmitir e se fazer visíveis as potências percebidas com o uso da bricolagem e do teatro... a potência de criação, de ressignificação, de resistência às *fast-forms*, de escolha, de qualificação de relações, de ampliação de territórios existenciais e de circulação social... ao mesmo tempo, possibilitou refletir a respeito dos riscos que se está exposto quando ocorre uma adesão imediata às formas, que faz pensar numa dificuldade de criação, de ressignificação, e que remetem ao vazio e ao desenraizamento.

De fato, estiveram presentes nesse processo e nessa escrita medos, angústias, reflexões, incertezas e dúvidas, ao mesmo tempo em que couberam neles o afeto, o choro, o sorriso, o abraço e o cuidado.

Finalizo, então, esse capítulo com muitos aprendizados, lembranças e com uma vontade de continuar sendo uma aprendiz de pesquisadora-cartógrafa-terapeuta-autora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGELI, A.A.C., **TOCCA: Uma terapêutica ocupacional**. 2014. 146 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Psicologia Social e Institucional), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- ARTAUD, A. O. In: ARTAUD, A. **Van Gogh: o suicidado pela sociedade**. Porto: Assírio Alvim, 2004
- BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.) **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- BECKER, D. **O que é adolescência**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2017.
- BOCK, A. M. B.. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, n. 1, p. 63-76, 2007.
- BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**. São Paulo: Paz e Terra, 2004, 3 ed.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei Federal nº 8.069/90**. Ministério da Justiça, Brasília, DF, 1990.
- _____. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Estatuto da Juventude. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.
- _____. **Lei nº 13.018, de 22 de julho de 2014**. Política Nacional de Cultura Viva. Diário Oficial da União, 2014.
- _____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional de Assistência Social/PNAS**. Resolução CNAS nº 145, de 15 de outubro de 2004.
- _____. **Resolução nº 109, de 11 novembro de 2009, que dispõem sobre a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**. Disponível em:
<http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/tipificacao.pdf> acesso em 22 mai. 2018.
- CAMPAGNA, V. N., SOUZA, A. S. L. Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina. **Boletim de psicologia**, v. 56, n. 124, p. 9-35, 2006.
- CAMPOS, L.; RIBEIRO, M.. **Pesquisa e Bricolage: Novas opções metodológicas para pesquisa em Enfermagem**. CIAIQ2015, v. 1, 2015.
- CAMPOS, M. T, *et al.* Corpo-vitrine, ser mulher e saúde: produção de sentidos nas capas da Revista *Boa Forma*. **Rev. Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde**. v. 11, n.3, p. 611-628, 2016
- CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2010.

- CASTEL, R. Da indignação à exclusão, à desfiliação. Precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional. In: LACETTI, A. (org.) **Saúde e Loucura 4**. São Paulo, Hucitec, 1994, p. 21-48.
- CASTRO, *et al.* Ateliês de Corpo e Arte. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 3, p. 254-262, set./dez. 2011
- COSTA, L. B.. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista digital do LAV. Santa Maria, UFSM. Vol. 7, n. 2 (maio./ago. 2014)**, p. 65-76, 2014.
- CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. **Educação infantil: pra que te quero?** Artmed Editora, 2009.
- CUNHA, M. I. CONTA-ME AGORA!: As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Rev. Fac. Educ., São Paulo** , v. 23, n. 1-2, p. , jan. 1997 .
- DA COSTA, S. M. B.; MACHADO, M. T. C. O corpo e a imagem corporal em adolescentes: perspectivas a partir do cuidado integral à saúde. **Adolescência e Saude**, v. 11, n. 2, p. 19-24, 2014
- DA SILVA, P. S. M. *et al.* **O desenvolvimento da adolescência na teoria de Piaget**. 2011. Disponível em <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0250.pdf>>. Acesso em 30 nov. 2017.
- DANNER, F. O sentido da biopolítica em Michel Foucault. **Revista Estudos Filosóficos**, n. 4, 2017.
Disponível em:<<https://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art9-rev4.pdf>>. Acesso em 03 jun. 2018.
- DEL PRIORE, M. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: SENAC São Paulo, 2000.
- DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: do capitalismo à esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- DIAS, E. O. A teoria winnicottiana do amadurecimento como guia da prática clínica. **Natureza humana**, v. 10, n. 1, p. 29-46, 2008.
- FAVRE, R. Viver, pensar e trabalhar o corpo como um processo de existencialização contínua. **Rev. Reichiana**, ano XIII, nº 13, p. 75-84, 2004.
- FAVRE, R. Situando Realidade Somática. In: KELEMAN, S. **Realidade Somática**: experiência corporal e verdade emocional. São Paulo: Summus, 1994.
- FAVRE, R. Trabalhando pela biodiversidade subjetiva. In: **Cadernos de subjetividade**. SP: Núcleo de Estudos da Subjetividade, 2010.

- FERRAZ, S.B.; CAMPOS, M. R. Se esse corpo fosse meu: uma análise da representação do corpo veiculada pela Revista Boa Forma. **Rev. de Humanidades**, v. 29, n. 2, p. 193-209, 2014.
- FONSECA, J. C. F. **Adolescência e trabalho**. São Paulo, Summus, 2003.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: História da violência nas prisões. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- FREIRE, D. S. Com açúcar, sem afeto. In: DEL PRIORE, M. AMANTINO, M., **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p.453 - 475.
- FROIS, E.; MOREIRA, J.; STENGEL, M. Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão. **Psicologia em estudo**, v. 16, n. 1, 2011
- FROTA, M. C. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 147-160, 2007.
- GASTALDO, D.*et al.* **Body-Map Storytelling as Research**: Methodological considerations for telling the stories of undocumented workers through body mapping, 2012. Disponível em :<<http://www.migrationhealth.ca/undocumented-workers-ontario/body-mapping>>. Acesso em 19 dez. 2017.
- GASTALDO, D.; MAGALHÃES, L.; CARRASCO, C. Mapas corporais narrados: um método para documentar trajetórias de saúde, resiliência, adoecimento e sofrimento. In: FRAGA, A.B.; CARVALHO, Y.M.; GOMES, I.M. (org.) **As práticas corporais no campo da saúde**. São Paulo: Hucitec, 2013.
- GUARESCHI, N. M. F. Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um estudo sobre a produção de sentidos com adolescentes do programa do trabalho educativo. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 20-30, 2007
- GUIMARÃES, G. F., **A CLÍNICA DO DESENRAIZAMENTO**: atendimento a crianças em situação de risco. 2007. 105 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- GUIMARÃES, R. M., ROMANELLI, G. A inserção de adolescentes no mercado de trabalho através de uma ONG. **Psicologia em Estudo**, v. 7, n.2, p. 117-126, 2002.
- JUSTA, F.M.; HOLANDA, I.C.L., Teatro com adolescentes em risco social: práticas de promoção da saúde no contexto terapêutico ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 23, n.1, p. 16-23, jan./abr. 2012
- KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.) **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- KELEMAN, S. **Realidade Somática**: experiência corporal e verdade emocional. São Paulo: Summus, 1994.

KOSHINO, I. L. A. **Vigotsky: desenvolvimento do adolescente sob a perspectiva do materialismo histórico e dialético**. 2011. 133 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

LACERDA, T. O. QUEIRÓS, P. **Desporto, corpo e estética - sinais de expressão da cultura contemporânea ocidental**. 2004. Disponível em:
<<http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/TeresaLacerda.pdf>> acesso em 14/10/2017.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: Antropologia e Sociedade**. São Paulo: Papiрус, 2003, 4 ed.

LIBERMAN, F. **Delicadas coreografias: instantâneos de uma terapia ocupacional**. São Paulo, Summus, 2008.

_____. Trabalho corporal, música, teatro e dança em Terapia Ocupacional: clínica e formação. **Cadernos - Terapia Ocupacional: Produção de conhecimento e responsabilidade social. Centro Universitário São Camilo. São Paulo, v.8, n.3, p. 39-43, jul./set. 2002.**

LODDI, L. **Casa de bricolador(a): cartografias de bricolagens**. 2010. 146 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Cultura Visual), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

MEDEIROS, R. As emoções desnaturadas do sujeito: o bonito, o feio e a arte de viver na sociedade contemporânea. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 14, n. 40, p. 100-108, 2014.**

NABAIS, L. O. **Comportamento de risco em adolescentes e jovens adultos da região de Lisboa. Perspectivas de prevenção**. 2014. 266 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Psicologia), Universidade Aberta, Lisboa, 2014.

NEIRA, M. G; LIPPI, B. G. Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. **Educação & Realidade, v. 37, n. 2, 2012**

NOVAES, J. V. Beleza e Feiura: Corpo feminino e regulação social. In: DEL PRIORE, M. AMANTINO, M., **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 477-506.

OLIVEIRA, A. A. A., RESSTEL, C. C. F. P., JUSTO, J. S. Desamparo psíquico na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP. v. 13, n.1, p. 21-32, 2014.**

OLIVEIRA, D. M. **Contribuições para o estudo da adolescência sob a ótica de Winnicott para a educação**. 2008. 159 f. Dissertação de mestrado, (Mestrado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica - PUC - Campinas, 2008.

OLIVEIRA, T. R.; PARAÍSO, M. A. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-Posições, v. 23, n. 3, p. 159-178, 2012.**

ORTEGA, F. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. **Cad. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 59-77, 2003.**

OSÓRIO, L. C. **Adolescência hoje**. 2a ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1992.

PALANGANA, I. C.R. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vigotski: a relevância do social**. Summus Editorial, 2015.

PATIAS, N. D. *et al.* Construção histórico-social da adolescência: implicação na percepção da gravidez na adolescência como um problema. **Revista Contexto & Saúde**, v. 11, n. 20, p. 205-214, 2011

RIBEIRO, K. *et al.* Vulnerabilidade aos Transtornos Alimentares em Adolescentes: fatores que afetam à satisfação com o corpo. **Atas CIAIQ2015– Investigação Qualitativa em Saúde** v. 1, p.328 -332, 2015.

ROLNIK, S. **Subjetividade antropofágica**, 1998. Disponível em <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Subjantropof.pdf>> acesso em 10 jun. 2018.

SAFRA, G. Desenraizamento e exclusão no mundo contemporâneo. **Palestra na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (transcrição de fita de áudio)**, 2002.

SAITO, C. M., CASTRO, E. D.; Práticas corporais como potência de vida. **Cad. Ter. Ocup. Da UFSCAR**, v. 19, n.2, p.177-188, maio/ago. 2011.

SANT'ANNA, D. B., **Corpos de passagem: ensaio sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____, Cuidados de Si e Embelezamento Feminino: Fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: SANT'ANNA, D.B., **Políticas do Corpo: Elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005, p. 121- 141.

_____, É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, C. L. **Corpo e história**. São Paulo: Autores Associados, 2004, p. 3-23, 2 ed.

SANTOS, F. M., GOMES, S. H. A., **Do segundo corpo: investimentos na imaterialidade**. Goiânia: Editora UFG, 2013.

SILVA, J.; BARRIENTOS, J.e; ESPINOZA-TAPIA, R.. Un modelo metodológico para el estudio del cuerpo en investigaciones biográficas: los mapas corporales. **Alpha (Osorno)**, n. 37, p. 163-182, 2013.

SILVA, V. P.; BARROS, D. D. Método história oral de vida. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 1, p. 68-73, jan./abr. 2010

TEDESCO, S. H.; SADE, C.; CALIMAN, L. V. A entrevista na pesquisa cartográfica: A experiência do dizer. **Fractal, Rev. Psicol.**, v.25, n.2, p.299-322, Maio/Ago. 2013.

TOASSA, G. Conceito de consciência em Vigotski. **Psicologia USP**, v. 17, n. 2, 2006.

TOLEDO, D. C. **Performance de gênero não normativa na adolescência: contribuições da teoria do self dialógico**. 2014. 132 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e de Saúde), Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

VELHO, M. T. A. C. Adolescência, autonomia e pesquisa em seres humanos. **Revista Bioética**, v. 22, n. 1, 2014.

WINNICOTT, D. W. 1952. Visitando crianças hospitalizadas. In: **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogans, 2001.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Adolescent health & development**. Disponível em: <http://www.who.int/maternal_child_adolescent/topics/adolescence/dev/es/> Acesso em 22/11/2017.

APÊNDICE A - ROTEIRO DOS ENCONTROS

	Atividades previstas	Explicação
1º Encontro	<ul style="list-style-type: none"> • Introdução aos Mapas Corporais com explicação de seu propósito e relação com a pesquisa; • Traço corporal; • Slogan pessoal; • Atividade de casa: pensar em um símbolo pessoal. 	<ul style="list-style-type: none"> • Explicação (10min); • Traço corporal é contorno do corpo sobre o papel, em uma postura que é mais característica de quem o sujeito é, para dar início ao mapa corporal (20min); • Slogan pessoal pode ser uma frase, ditado, oração, poema, etc., que descreva a filosofia de vida, ou então um pensamento atual sobre a sua vida (15min); • A atividade de casa tem o objetivo de facilitar o início do próximo encontro. Explica-se brevemente sobre o que deverá ser feito (5min).
2º Encontro	<ul style="list-style-type: none"> • Símbolo pessoal; • Marcas acima / abaixo da pele; • Autorretrato; • Atividade para casa: pensar em uma mensagem aos outros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Símbolo pessoal: são representações sobre sua vida, relacionadas com a sua concepção de corpo (10min); • Marcas acima/abaixo da pele são desenhos das marcas físicas e emocionais geradas pelo compartilhamento (ou não) do padrão de corpo contemporâneo (35min); • No autorretrato os sujeitos devem pensar quem são e como querem ser mostrados ao mundo, desenhando isso em sua cabeça (10min); • A atividade de casa é pensar em alguma mensagem relacionada à sua condição atual que o sujeito queira deixar ao público em geral (5min).

<p>3º Encontro</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Mensagem aos outros; • Análise corporal para pontos fortes e dificuldades; • Estruturas de suporte. 	<ul style="list-style-type: none"> • Mensagem aos outros é o que o sujeito gostaria de transmitir ao público sobre sua vivência (5min); • Análise corporal é caracterizar os locais de poder e força que estão presentes em seu corpo, bem como o impacto da construção social do padrão de corpo, que está presente nele. (20min); • Estruturas de suporte são a identificação de pessoas, instituições ou outras vias que ajudam o sujeito em seu cotidiano. (20min).
<p>4º Encontro</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Desenhando o futuro; • Narrativa do participante; • Decorando / acabamento. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenhando o futuro é a exploração dos objetivos para o futuro (15min); • A narrativa é a contação da história do seu Mapa Corporal, da maneira como ele quer se seja dito aos outros (15min); • Decorando/Acabamento permite ao participante analisar seu mapa e ver as lacunas presentes, tendo a oportunidade de finalizar o desenho e dar os últimos retoques ao seu trabalho (tempo final).

Adaptado de Gastaldo *et al.* (2012).

APÊNDICE B - ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Data de nascimento:

Idade:

Cor, raça ou etnia:

Orientação sexual:

Local onde vive:

Como vive:

Com quem vive:

Situação econômica:

Situação escolar:

Meios de comunicação que faz uso?

Possui acesso a internet ou Tv a cabo?

O que é para você uma mulher bela?

Quais os cuidados que possui com o corpo e com a aparência?

Faz uso de algum meio para a construção do corpo (academia, suplementos, dietas...)?

ANEXO A - MÚSICA ELAS POR ELAS (OBINRIN TRIO)

Não quero seus parabéns
Quero seu respeito
Não quero suas rosas
Quero meus direitos
Meu corpo, meus pelos, meu peito

Quero a legalização do aborto
Seu preconceito morto (uuh)

No busão, na rua, no metrô, na quebrada
Quero andar sem ouvir cantada
Quero parar de ser invisível
Fetichizada

Hoje é dia de luto
Hoje é dia de luta
Hoje é dia

Não quero seus parabéns
Quero seu respeito
Não quero suas rosas
Quero meus direitos
Meu corpo, meus pelos, meu peito

Quero a legalização do aborto
Seu preconceito morto (uuh)

No busão, na rua, no metrô, na quebrada
Quero andar sem ouvir cantada
Quero parar de ser invisível
Fetichizada

Hoje é dia de luto
Hoje é dia de luta
Hoje é dia